

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS - CCA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL  
SUSTENTÁVEL  
MESTRADO E DOUTORADO**

**TIAGO FERNANDO HANSEL**

**AS INTENÇÕES COMPORTAMENTAIS DOS  
AGRICULTORES FAMILIARES NA TOMADA DE DECISÃO PELA  
DIVERSIFICAÇÃO OU ESPECIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO**

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PARANÁ  
2022**

**TIAGO FERNANDO HANSEL**

**AS INTENÇÕES COMPORTAMENTAIS DOS  
AGRICULTORES FAMILIARES NA TOMADA DE DECISÃO PELA  
DIVERSIFICAÇÃO OU ESPECIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável do Centro de Ciências Agrárias da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Desenvolvimento Rural Sustentável.

Linha de pesquisa: II – Inovações Sócio-tecnológicas e Ação Extensionista

Orientador: Dr. Geysler Rogis Flor Bertolini

Coorientador: Dr. Ivano Ribeiro

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PARANÁ**

**2022**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Hansel, Tiago Fernando

As intenções comportamentais dos agricultores familiares na tomada de decisão pela diversificação ou especialização da produção / Tiago Fernando Hansel; orientador Geysler Rogis Flor Bertolini; coorientador Ivano Ribeiro. -- Marechal Cândido Rondon, 2022.

155 p.

Tese (Doutorado Campus de Marechal Cândido Rondon) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, 2022.

1. Teoria do Comportamento Planejado. 2. Culturas produtivas. 3. Comportamento humano. 4. Intenção comportamental. I. Bertolini, Geysler Rogis Flor, orient. II. Ribeiro, Ivano, coorient. III. Título.



Reitoria - CNPJ: 78.880.337/0001-84 - www.unioeste.br  
Fone: +55 (45) 3220-3000 | Rua Universitária, 1519  
Jardim Universitário | CEP 85819-110 | Cascavel/PR | Brasil



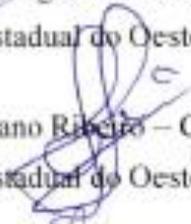
**TIAGO FERNANDO HANSEL**

**“AS INTENÇÕES COMPORTAMENTAIS DOS AGRICULTORES FAMILIARES NA TOMADA DE DECISÃO PELA DIVERSIFICAÇÃO OU ESPECIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – Mestrado e Doutorado, em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de DOUTOR em Desenvolvimento Rural Sustentável, área de concentração, Desenvolvimento Rural Sustentável, linha de pesquisa Inovações Sócio Tecnológicas e Ação Extensionista, APROVADO pela seguinte banca examinadora:

  
Geysler Rogis Flor Bertolini - Orientador

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

  
Ivano Ribeiro – Coorientador

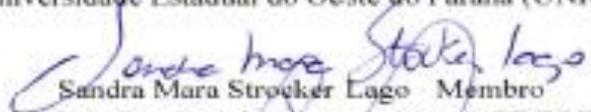
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

  
Elizandra da Silva - Membro

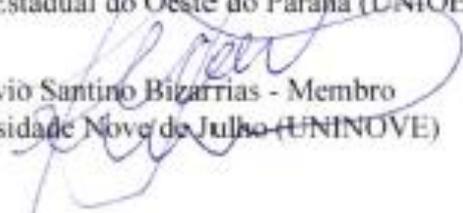
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

  
Marcelo Roger Meneghatti - Membro

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

  
Sandra Mara Stroeker Lago - Membro

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

  
Flávio Santino Bizarrias - Membro  
Universidade Nove de Julho (UNINOVE)

A todas as pessoas que sempre acreditaram em mim. E para aqueles que compreenderam, apoiaram, incentivaram e auxiliaram nesta pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar a Deus por me dado forças, discernimento e conhecimento, permitindo que eu tenha chegado até aqui e ter realizado esse sonho tão importante para mim.

Agradeço aos meus familiares, principalmente, aos meus pais Breno e Inês que me ensinaram a não desistir e que sempre me apoiaram em todas as etapas. Agradecendo a eles reitero os mesmos votos ao meu irmão Cleiton, minha cunhada Juliane, minha namorada Aline e meu precioso sobrinho Vicente.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Geysler Rogis Flor Bertolini, pelo empenho, pelo apoio, pela consideração, pela confiança, pela aposta, pela presteza, pela paciência, pelos ensinamentos e pela dedicação, que foram fundamentais para a construção desta tese, fruto de um trabalho conjunto e constante entre docente e discente. Agradeço, ainda, por esse ser humano iluminado, preocupado e humilde, com tanto conhecimento e disponibilidade de ensinar que acompanhou de perto a cada passo dessa pesquisa. Minha admiração.

Agradeço ao meu Coorientador, Professor Dr. Ivano Ribeiro pela participação ativa na construção dessa tese, pelo empenho, pelo conhecimento repassado, pelos conselhos, pelo apoio, pela confiança depositada e por me desafiar constantemente nesta pesquisa e em outras atividades acadêmicas e científicas. Agradeço a sua serenidade e paciência pelas inúmeras vezes que conseguiu deixar esta pesquisa mais leve e tranquila. Minha admiração.

Agradeço ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, Professor. Dr. Wilson João Zonin, amigo, pesquisador, sonhador e idealista, pelo apoio, preocupação e carinho, não apenas comigo, mas com todos os discentes do programa. E pela forma que conduz os trabalhos frente a esse programa.

Agradeço à Professora Doutora Adriana Maria De Grandi por todo apoio antes e durante minha trajetória no programa. Além de exímia professora e pesquisadora, possui um coração enorme e uma capacidade de aconselhamento e empatia única.

Agradeço à assistente do programa, a senhora Lizete Maria Eckstein Fredo, a qual é a prova viva de eficácia profissional, sempre disponível e com muita educação para auxiliar no que for necessário.

Agradeço aos professores Doutor Alvorí Ahlert, Doutor Clério Plein, Doutora Isabel Tamara Pedron, Doutora Nelza Mara Pallu e Doutor Valdecir José Zonin que repassaram com maestria seus conhecimentos nas disciplinas que fiz no decorrer do curso.

Agradeço aos professores Doutor Clério Plein, Doutor Flávio Santino Bizarrias, Doutor Marcelo Roger Meneghatti, Doutor Vinicius Abílio Martins pela participação na banca de qualificação e pelas contribuições e sugestões que foram importantes para o aprimoramento da pesquisa.

Agradeço aos professores Doutora Elizandra da Silva, Doutor Flávio Santino Bizarrias, Doutor Marcelo Roger Meneghatti e Doutora Sandra Mara Stocker Lago pelo aceite e participação na banca. Agradeço pelas contribuições e sugestões que foram importantes.

Agradeço ao senhor Ivan Decker Raupp gerente regional de Toledo do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná, pelo auxílio, repasse de informações e por colocar sua equipe técnica à disposição para a coleta de dados.

Agradeço aos técnicos municipais do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná e aos servidores das prefeituras que escolheram e realizaram agendamento junto aos agricultores familiares entrevistados, além de me acompanharem nas visitas e entrevistas.

Agradeço a todos os agricultores familiares que dedicaram do seu precioso tempo para me receber e colaborar nas entrevistas. Quantas históricas, quanto aprendizado recebi de cada um. Além dos inúmeros cafés, chimarrões, lanches, frutas e verduras que recebi.

Agradeço ao meu amigo e sócio Rodrigo Fernandes da Silva que, além de todo apoio e incentivo antes e durante esta pesquisa, compreendeu minha ausência nos meus deveres e afazeres em nossos empreendimentos, e sempre fez o máximo pela prosperidade dos negócios.

Agradeço ao meu amigo João César Silveira Portela colega de direção da Faculdade de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon – ISEPE Rondon, pelo apoio e incentivo antes e durante esta pesquisa e compreendeu minha ausência em alguns momentos.

Agradeço ao meu amigo João Inácio Laufer, prefeito do Município de Quatro Pontes – PR que sempre me incentivou em minha trajetória acadêmica, e compreendeu minhas ausências na gestão do município.

Agradeço à toda equipe de coordenadores, docentes, discentes e apoio administrativo da Faculdade ISEPE Rondon pelo apoio nessa trajetória, e por compreenderem a minha ausência em determinados momentos.

Agradeço a todos os meus colegas do programa pela amizade, apoio e troca de conhecimento e experiências que enriqueceram ainda mais a trajetória nesse tão renomado programa.

Agradeço aos meus amigos que entenderam quando eu não consegui estar com eles em datas comemorativas, em festas ou apenas para uma conversa ou um ombro amigo.

Agradeço enfim, a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta tese, algo que vai além de uma pesquisa ou um título, mas contempla a realização de um grande sonho. A todos, os meus sinceros agradecimentos.

*A reação mais comum da mente humana a uma conquista não é satisfação, e sim o anseio por mais.*

(Yuval Noah Harari)

## RESUMO

HANSEL, Tiago Fernando. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – 2022. **As intenções comportamentais dos agricultores familiares na tomada de decisão pela diversificação ou especialização da produção.** Orientador: Dr. Geysler Rogis Flor Bertolini. Coorientador: Dr. Ivano Ribeiro.

Esta tese tem como objetivo analisar as intenções comportamentais dos agricultores familiares através da Teoria do Comportamento Planejado na tomada de decisão pela diversificação ou especialização da produção. A delimitação desse objetivo se deu com o intuito de preencher uma lacuna de pesquisa identificada, visto que não foram detectados estudos idênticos ou semelhantes ao foco desta tese. Para atender ao objetivo proposto, utilizou-se a pesquisa de natureza aplicada e exploratória, com procedimentos de pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa, sendo o objeto de estudo os agricultores familiares com produção diversificada e especializada, com o campo de estudo de 40 agricultores familiares, dos 20 municípios de cobertura do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná da Regional de Toledo, no Oeste do Paraná. Como técnica para levantamento dos dados realizou-se entrevistas com percurso definido e roteiro de entrevista semiestruturado. O registro dos dados ocorreu de forma descritiva, com o intuito de compreender as características das amostras investigadas. A tabulação e as análises dos conteúdos foram realizadas por meio do *software* MAXQDA. Os resultados indicam que não há intenção por parte dos agricultores familiares de caráter produtivo diversificado em migrar para a especialização, por outro lado, uma pequena parcela dos agricultores com produção especializada demonstrou ter intenção de diversificar sua produção, mas sendo o volume baixo comparado aos especializados que não tem intenção de mudar seu estilo produtivo. Além disso, identificou-se que dentro os constructos da Teoria do Comportamento Planejado o de controle comportamental percebido é o mais significativo e expressivo na formação da intenção desses agricultores familiares, seguido do constructo de atitude e de norma subjetiva, sendo esses dois com menos expressividade que o constructo de controle comportamental percebido, mas semelhante entre eles, porém significativo para a formação da intenção comportamental desses agricultores familiares. Portanto, conclui-se que a Teoria do Comportamento Planejado é eficaz para medir a intenção dos agricultores familiares na tomada de decisão pela permanência ou mudança do seu estilo produtivo. Também se conclui que não há intenção por parte dos agricultores familiares diversificados em mudar seu estilo produtivo e que há, com baixa expressividade, intenção de alteração no formato produtivo por parte dos agricultores especializados. Este estudo pode contribuir para a formulação de estratégias e políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural e a sustentabilidade em pequenas propriedades rurais.

**Palavras-chave:** Teoria do Comportamento Planejado. Culturas produtivas. Comportamento humano.

## ABSTRACT

HANSEL, Tiago Fernando. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – 2022. (State University of Western Paraná – UNIOESTE – 2022). **The behavioral intentions of family farmers in decision-making for diversification or specialization of production.** Advisor: Dr. Geysler Rogis Flor Bertolini. Co-advisor: Dr. Ivano Ribeiro.

This thesis aims to analyze the behavioral intentions of family farmers through the Theory of Planned Behavior in decision-making for diversification or specialization of production. The delimitation of this objective was made in order to fill an identified research gap, since no studies identical or similar to the focus of this thesis were detected. To meet the proposed objective, applied and exploratory research was used, with bibliographic and field research procedures, with a qualitative approach, the object of study being family farmers with diversified and specialized production, with the field of study of 40 family farmers from the 20 municipalities covered by the Paraná Rural Development Institute of the Toledo Regional, in the west of Paraná. As a technique for data collection, interviews were carried out with a defined route and a semi-structured interview script. Data were recorded descriptively, with the aim of understanding the characteristics of the investigated samples. Tabulation and content analysis were performed using the MAXQDA software. The results indicate that there isn't intention on the part of family farmers of diversified productive character to migrate to specialization, on the other hand, a small portion of farmers with specialized production showed an intention to diversify their production, but the volume is low compared to specialized ones, who has no intention of changing their productive style. In addition, it was identified that within the constructs of the Theory of Planned Behavior, perceived behavioral control is the most significant and expressive in the formation of the intention of these family farmers, followed by the construct of attitude and subjective norm, these two being less expressive than the perceived behavioral control construct, but similar between them, but significant for the formation of the behavioral intention of these family farmers. Therefore, it's concluded that the Theory of Planned Behavior is effective to measure the intention of family farmers in decision-making for the continuation or change of their productive style. It's also concluded that there isn't intention on the part of diversified family farmers to change their production style and that there is, with low expressiveness, an intention to change the production format on the part of specialized farmers. This study can contribute to the formulation of strategies and public policies aimed at rural development and sustainability in small rural properties.

**Keywords:** Theory of Planned Behavior. Productive crops. Human behavior.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Dez qualidades para a agricultura familiar propostas por Ploeg (2014).....	33
Figura 2 - Etapas da tomada de decisão.....	39
Figura 3 - Bases da Teoria da Ação Racional.....	44
Figura 4 - Bases da Teoria do Comportamento Planejado.....	45
Figura 5 - Crenças da Teoria do Comportamento Planejado.....	49
Figura 6 - Modelo teórico de pesquisa.....	58
Figura 7 - Municípios pertencentes ao IDR Regional de Toledo – PR.....	62
Figura 8 - Realidade dos municípios pertencentes ao IDR Regional de Toledo – PR .....	70
Figura 9 - Culturas produzidas pelos entrevistados.....	77
Figura 10 - Formas de comercialização.....	78
Figura 11 - Expressividade dos constructos.....	82
Figura 12 - Preposições do constructo de controle comportamental percebido.....	84
Figura 13 - Agricultores familiares que possuem confiança para mudar o formato produtivo.....	85
Figura 14 - Agricultores familiares que afirmam ter conhecimento para mudar o formato produtivo.....	85
Figura 15 - Agricultores familiares que afirmam ter capacidade para mudar o formato produtivo.....	86
Figura 16 - Agricultores familiares que afirmam não possuir confiança para mudar o formato produtivo.....	88
Figura 17 - Agricultores familiares que afirmam não ter conhecimento para mudar o formato produtivo.....	90
Figura 18 - Agricultores familiares que afirmam não ter capacidade para mudar o formato produtivo.....	92
Figura 19 - Agricultores familiares que assinalaram para a falta de recursos humanos .....	94
Figura 20 - Agricultores familiares que assinalaram para a falta de recursos patrimoniais.....	97
Figura 21 - Agricultores familiares que assinalaram para a falta de recursos financeiros.....	99

Figura 22 - Agricultores familiares que assinalaram para a falta de recursos tecnológicos .....	100
Figura 23 - Agricultores familiares que assinalaram para a falta de recursos materiais .....	101
Figura 24 - Proposições do constructo de atitude .....	103
Figura 25 - Agricultores familiares que consideram desvantajosa a mudança do formato produtivo .....	104
Figura 26 - Agricultores familiares que assinalaram a diminuição, dificuldade e insegurança financeira como consequência da mudança produtiva .....	106
Figura 27 - Agricultores familiares que assinalaram ter bons rendimentos financeiros com o atual formato produtivo .....	108
Figura 28 - Agricultores familiares que assinalaram a inviabilidade das propriedades em caso de mudança no formato produtivo .....	110
Figura 29 - Agricultores familiares que consideram vantajosa a mudança do formato produtivo.....	112
Figura 30 - Agricultores familiares que consideram que terão mais rendas com a mudança do formato produtivo.....	114
Figura 31 - Proposições do constructo de norma subjetiva.....	116
Figura 32 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio de ninguém para mudar seu formato produtivo .....	117
Figura 33 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio da família para mudar seu formato produtivo .....	119
Figura 34 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio dos amigos para mudar seu formato produtivo .....	120
Figura 35 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio das cooperativas para mudar seu formato produtivo .....	121
Figura 36 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio do IDR para mudar seu formato produtivo.....	122
Figura 37 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio da prefeitura para mudar seu formato produtivo .....	123
Figura 38 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio dos clientes para mudar seu formato produtivo .....	124
Figura 39 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio dos funcionários para mudar seu formato produtivo .....	125

Figura 40 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio da prefeitura para mudar seu formato produtivo .....	125
Figura 41 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio os órgãos ambientais para mudar seu formato produtivo .....	126
Figura 42 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio de ninguém para mudar seu formato produtivo .....	127
Figura 43 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio das cooperativas para mudar seu formato produtivo .....	128
Figura 44 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio da família para mudar seu formato produtivo.....	129
Figura 45 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio do IDR para mudar seu formato produtivo.....	130
Figura 46 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio de instituições financeiras para mudar seu formato produtivo .....	131
Figura 47 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio dos amigos para mudar seu formato produtivo.....	131
Figura 48 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio dos clientes para mudar seu formato produtivo.....	132
Figura 49 - Agricultores familiares que tem a intenção direta de mudar seu formato produtivo.....	133
Figura 50 - Agricultores familiares que não tem intenção direta de mudar seu formato produtivo.....	134
Figura 51 - Intenção dos agricultores familiares diversificados entrevistados .....	136
Figura 52 - Intenção dos agricultores familiares especializados entrevistados .....	137

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados dos artigos seleccionados por palavras-chaves na Plataforma Scopus .....	51
Quadro 2 - Dados dos artigos seleccionados de autoria de Icek Ajzen na Plataforma Scopus .....	52
Quadro 3 - Dados dos artigos seleccionados por palavras-chaves na Plataforma Web of Science.....	53
Quadro 4 - Dados dos artigos seleccionados pelo autor na Plataforma Web of Science .....	54
Quadro 5 - Resumo do processo metodológico .....	63
Quadro 6 - Cronograma de visitas e entrevistas realizadas .....	64
Quadro 7 - Indicadores do roteiro de entrevista .....	65
Quadro 8 - Constructos e sua base teórica .....	66
Quadro 9 - Intenção comportamental e sua base teórica.....	66

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade dos agricultores familiares .....	71
Gráfico 2 - Tamanho das propriedades dos agricultores familiares entrevistados em hectares .....	72
Gráfico 3 - Quantitativo de trabalhadores nas propriedades dos agricultores familiares entrevistados.....	73

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCA - CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

DERAL - DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL

EMBRAPA - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA

FAO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IDR - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO RURAL DO PARANÁ

INCRA - INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA

IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

MEE - ANÁLISE DE MODELAGEM DE EQUAÇÕES ESTRUTURAIS

MQP - MÍNIMOS QUADRADOS PARCIAIS

PLS - *PARTIAL LEAST SQUARES*

PAA - PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS

PNAE - PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

SEM - *STRUCTURAL EQUATION MODELS*

UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

VBP - VALOR BRUTO DE PRODUÇÃO

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA .....	22
1.2 OBJETIVOS .....	24
<b>1.2.1 Objetivo geral</b> .....	<b>24</b>
<b>1.2.2 Objetivos específicos</b> .....	<b>25</b>
1.3 JUSTIFICATIVA .....	25
1.4 ESTRUTURA DA TESE .....	29
<b>2 REVISÃO TEÓRICA</b> .....	<b>30</b>
2.1 AGRICULTURA FAMILIAR .....	30
2.2 DIVERSIFICAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO DAS CULTURAS PRODUTIVAS .....	34
2.3 TOMADA DE DECISÃO .....	38
2.4 TEORIA DO COMPORTAMENTO PLANEJADO .....	42
2.5 PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE TOMADA DE DECISÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES ENTRE DIVERSIFICAÇÃO OU ESPECIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ATRAVÉS DA TEORIA DO COMPORTAMENTO PLANEJADO... ..	50
<b>2.5.1 Resultados dos artigos selecionados por palavras-chaves da Plataforma Scopus</b> .....	<b>50</b>
<b>2.5.2 Resultados dos artigos selecionados de autoria de Icek Ajzen da Plataforma Scopus</b> .....	<b>52</b>
<b>2.5.3 Resultados dos artigos selecionados por palavras-chaves da Plataforma Web of Science</b> .....	<b>53</b>
<b>2.5.4 Resultados dos artigos selecionados de autoria de Icek Ajzen da Plataforma Web of Science</b> .....	<b>54</b>
<b>2.5.5 Análise dos resultados da revisão sistemática</b> .....	<b>56</b>
2.6 IDENTIFICAÇÃO DO MODELO TEÓRICO DE PESQUISA RESULTANTE DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DA PESQUISA SISTEMÁTICA .....	57
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>60</b>
3.1 MÉTODOS .....	60
3.2 OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA .....	63
3.3 MODELO TEÓRICO DE PESQUISA .....	664
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS .....	67
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>69</b>
4.1 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS AGRICULTORES FAMILIARES .....	69
4.2 MEDIÇÃO DA INTENÇÃO COMPORTAMENTAL .....	81
<b>4.2.1 Constructo de controle comportamental percebido</b> .....	<b>83</b>

<b>4.2.2 Constructo de atitude .....</b>	<b>103</b>
<b>4.2.3 Constructo de norma subjetiva.....</b>	<b>115</b>
<b>4.3 INTENÇÕES COMPORTAMENTAIS DIRETAS DOS AGRICULTORES FAMILIARES.....</b>	<b>133</b>
<b>4.4 DEFINIÇÃO DA INTENÇÃO COMPORTAMENTAL DOS AGRICULTORES FAMILIARES PELA PERMANÊNCIA OU MUDANÇA DO FORMATO PRODUTIVO .....</b>	<b>135</b>
<b>5 CONCLUSÕES .....</b>	<b>139</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>154</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar possui grande expressão no Brasil. De acordo com o último censo agropecuário realizado no Brasil, no ano de 2017, efetivado pelo principal órgão estatístico brasileiro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, apontou que 84,4% do total de propriedades rurais brasileiras pertencem a grupos familiares, o que representa aproximadamente 4,4 milhões de unidades produtivas e em torno de 15 milhões de pessoas (IBGE, 2017).

Schneider (2003) define agricultura familiar como uma atividade produtiva de pequeno porte, de um grupo social ligado por laços consanguíneos ou de parentesco.

Corroborando com Schneider (2003), Ricardo Abramovay (1997), um dos principais pesquisadores brasileiros sobre agricultura familiar, afirma que a agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e o trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços familiares.

Ao mesmo tempo em que a gestão é uma das características e um dos elementos centrais da agricultura familiar, ela também se caracteriza como um dos maiores desafios, principalmente pelo fato desses agricultores familiares encontrarem-se constantemente em processos de tomada de decisões, das mais simples e rotineiras, às mais complexas e desafiadoras (VEIGA, 1991; ABRAMOVAY, 1997; SCHNEIDER, 2003).

A tomada de decisão na agricultura familiar, por diversas vezes, torna-se complexa, em virtude das variáveis que estão envolvidas nessa operação, como: enredamento dos dados e das informações, ausência de recursos tecnológicos, nível de escolaridade dos tomadores de decisão, cultura do conhecimento empírico, realidade geográfica e estrutural das propriedades, falta de assessoria ou consultoria técnica e as especificações das culturas produtivas (VILCKAS, 2004; ROSA, 2018). Além disso, vários fatores pessoais, culturais, habituais, ideológicos, familiares, sociais e psicológicos interferem na tomada de decisão (SIMON, 1963; ILBERY, 1991).

Em virtude dessa complexidade na tomada de decisão, não restrita à agricultura familiar, surgiram métodos, técnicas e teorias para auxiliar tomadores de decisões a escolher pela alternativa mais aceitável ou satisfatória (BALESTRIN, 2002; BARROS, 2004; ROBBINS; JUDGE; SOBRAL, 2010). Dentre essas, encontra-

se a Teoria do Comportamento Planejado, que já comprovou eficácia em diversas pesquisas das mais variadas ciências (SCHROEDER; CHAPLIN; ISSELSTEIN, 2015; SENGER, 2016; ROSA, 2018; DAXINI *et al.*, 2019; SILVA; 2019).

Em 1985, foi proposta a Teoria do Comportamento Planejado pelo psicólogo social e professor Icek Ajzen. Nessa teoria um dos elementos centrais é explicar a intenção do indivíduo em realizar um determinado comportamento. Para o principiante da teoria, a intenção de agir é o determinante imediato do comportamento. Portanto, quanto mais forte a intenção de se envolver em um comportamento, mais provável deve ser o seu desempenho (AJZEN, 1991).

A Teoria do Comportamento Planejado tem como objetivo medir, interpretar e compreender a intenção comportamental dos indivíduos através de três constructos: atitude – é a predisposição para responder a um objeto de uma maneira consistentemente favorável ou desfavorável; norma subjetiva – é a percepção do indivíduo que se preocupa com o que a outra pessoa, grupo de pessoas ou órgãos pensam acerca daquilo que ele pretende concretizar; e o controle comportamental percebido – é a facilidade ou a dificuldade do indivíduo de desempenhar o comportamento, no qual ele leva em conta as experiências passadas, bem como, impedimentos antecipados e os obstáculos que enfrentará se tomar alguma decisão (AJZEN, 1991; 2005; SENGER, 2016).

O constructo de atitude é o grau em que um indivíduo avalia favoravelmente ou desfavoravelmente em relação a um determinado comportamento, este liga-se com o julgamento das consequências. O constructo de norma subjetiva é a percepção do sujeito que se preocupa com o que as outras pessoas pensam acerca de determinado comportamento, de certa forma, uma pressão social, é um fator social. Por fim, o constructo de controle comportamental percebido é a percepção do indivíduo sobre sua própria capacidade, ou seja, é a facilidade ou a dificuldade do elemento em desempenhar o comportamento, no qual ele leva em conta as experiências passadas, bem como impedimentos antecipados e os obstáculos que enfrentará. Através desses constructos é possível medir a intenção comportamental das pessoas (AJZEN, 1991; 2005; 2020; SENGER, 2016, FEITOSA, 2017; ROSA, 2018; AJZEN *et al.*, 2019).

A Teoria do Comportamento Planejado tem como fundamento ideológico o fato de que os indivíduos decidem de forma racional com base nas informações disponíveis, considerando as implicações de suas ações antes de tomar uma

decisão ou não se comportar de determinada forma (AJZEN, 1991; 2005; SCHROEDER; CHAPLIN; ISSELSTEIN, 2015; AJZEN; SHEIKH, 2016).

Como já provado em estudos (SCHROEDER; CHAPLIN; ISSELSTEIN, 2015; SENGER, 2016; ROSA, 2018; DAXINI *et al.*, 2019) e pela sua metodologia, a Teoria do Comportamento Planejado é eficaz para medir a intenção comportamental dos agricultores. Portanto, essa teoria é adequada nesta pesquisa que objetiva medir e interpretar a intenção comportamental dos agricultores familiares na tomada de decisão entre diversificar ou especializar sua produção, justificando, assim, este estudo.

Pelo fato da Teoria do Comportamento Planejado já ter comprovado sua eficácia em estudos nas mais diversas áreas da ciência, considera-se que ela terá a mesma capacidade para identificar a intenção comportamental dos agricultores familiares na tomada de decisão entre produzir pautado na diversificação ou na especialização.

A diversificação agrícola caracteriza-se pela existência de variedades produtivas em uma propriedade rural, muito utilizada para o agricultor manter equilíbrio produtivo, financeiro e sustentável. A título de exemplo, cita-se um cenário de frustração de uma cultura, com a diversificação produtiva, a outra que estiver em boas condições, manterá o sustento da propriedade (PERONDI; SCHNEIDER, 2011; ROSA, 2020).

Nesse sentido, Schäffer (2011) afirma que o sistema de diversificação, visa adequar, na agricultura familiar, de forma planejada, o maior número de opções que se permitam, no caso de frustração de uma alternativa, garantir a sua estabilidade e a geração de renda através das mais diversas alternativas produtivas, além de ser a cultura mais adequada em uma perspectiva ambiental e sustentável.

Por outro lado, alguns produtores optam pela especialização da produção, que, como o próprio nome expressa, é quando o agricultor busca se aperfeiçoar e trabalhar focado em uma cultura (HOFFMANN *et al.*, 1987; SCHNEIDER, 2010; HANSSON; FERGUSON, 2011).

A especialização da produção, por muitas vezes, pode proporcionar condições para a obtenção de ganhos devido à escala, melhor aproveitamento das instalações de beneficiamento, armazenamento e transporte, reduzindo os custos. No geral, nos sistemas especializados, a gestão é mais simples e o trabalho menos intenso, quando se compara com sistemas diversificados. Outro fator positivo da

especialização de uma determinada atividade agrícola é a obtenção de conhecimentos mais aprofundados e específicos sobre a atividade em questão (HOFFMANN *et al.*, 1987; HANSSON; FERGUSON, 2011; NASCIMENTO; AQUINO; DELGROSSI, 2022).

A tomada de decisão na agricultura familiar, especialmente na decisão entre diversificar ou especializar as culturas produtivas, é um dos momentos mais importantes dos agricultores, entretanto, também, o mais delicado e complexo, haja vista que uma decisão errada poderá comprometer a sustentabilidade da propriedade e das pessoas que dela tiram seu sustento (SAMPAIO, 2013; ESAU, 2019). Em razão disso, a Teoria do Comportamento Planejado torna-se eficaz e aliada para o agricultor tomar uma decisão mais segura e correta (SENGER, 2016; ROSA, 2018; SILVA, 2019).

Histórica e multidisciplinarmente uma grande gama de pesquisas foram publicadas no que se refere à agricultura familiar, tomada de decisão, Teoria do Comportamento Planejado e sobre diversificação e especialização da produção agrícola, mas trabalhos relacionando os temas são escassos. Portanto, este estudo alinhando essas temáticas além de seu ineditismo e importância para a ciência, vem também agregar e trazer novos resultados e discussões, abrindo caminhos para futuros estudos nessas áreas de concentração científica.

A contribuição científica que esta tese pretende alcançar está ligada, principalmente, em demonstrar qual intenção dos agricultores e qual ou quais constructos são os formadores dessa intenção na tomada de decisão pela diversificação ou especialização da produção.

## 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A Teoria do Comportamento Planejado é muito utilizada em várias ciências, sempre com o objetivo de identificar a intenção comportamental de indivíduos (SENGER, 2016; ROSA, 2018; SILVA, 2019).

Primordialmente, é oportuno ressaltar que as intenções comportamentais são as motivações das pessoas para realizarem comportamentos volitivos, ou seja, que resultam da vontade e escolhas dos indivíduos. Para tanto, a Teoria do Comportamento Planejado, através dos seus constructos, é uma metodologia

adequada para identificar as intenções comportamentais (AJZEN, 1991; 2005; 2020; SENGER, 2016; SILVA, 2019).

Identificou-se que há pesquisadores (WILSON; HASPER; DARLING, 2013; ARIAS *et al.*, 2015; SMITH; MCELWEE; SOMORVILLER, 2017; VALLIANT *et al.*, 2017; WELTIN *et al.*, 2017; NATHALL; OLD, 2018; ROSA; MCELWEE; SMITH, 2019) que apresentam estudos relacionados ao comportamento dos agricultores familiares, tomada de decisão, diversificação ou especialização da produção de uma forma mais genérica e sucinta, sem enfatizar ou empregar especificadamente a Teoria do Comportamento Planejado.

Em contrapartida, outros estudos (SCHROEDER; CHAPLIN; ISSELSTEIN, 2015; SENGER, 2016; SENGER; BORGES; MACHADO, 2017; ROSA, 2018; DAXINI *et al.*, 2019) mediram e analisaram a decisão e intenção comportamental e outros fatores e elementos sobre a decisão dos agricultores através da Teoria do Comportamento Planejado.

Schroeder, Chaplin e Isselstein (2015) publicaram resultados de pesquisa sobre análise comportamental de agricultores em relação a esquemas agroambientais, e assinalaram que entender o comportamento dos agricultores faz com que se compreendam suas decisões. Para eles, a utilização da Teoria do Comportamento Planejado é umas das metodologias mais eficazes à análise de intenção dos agricultores para explicar determinado comportamento.

Já nos estudos de Senger (2016) e Senger, Borges e Machado (2017) a Teoria do Comportamento Planejado foi utilizada para identificar e compreender a tomada de decisão e as intenções dos agricultores familiares produtores da cultura leiteira, a respeito da possibilidade de mudar sua forma produtiva, especializada no leite, para outros tipos de cultivo. Esses estudos objetivaram apenas a compreensão da intenção comportamental de um perfil de agricultores e de uma cultura produtiva específica, sem adentrar nos demais campos da agricultura e suas produções.

Na pesquisa de Rosa (2018), o objetivo central foi a utilização da Teoria do Comportamento Planejado para medir a intenção de produtores de leite na diversificação de pastagens. Da mesma forma, nos trabalhos de Senger (2016) e Senger, Borges e Machado (2017), cujo alvo também foi apenas os agricultores adeptos à bovinocultura leiteira.

Daxini *et al.* (2019) realizaram pesquisa utilizando a Teoria do Comportamento Planejado para analisar a intenção de agricultores em momentos de

tomada de decisão pela escolha e utilização de fertilizantes químicos. Essa pesquisa abordou apenas a intenção comportamental dos agricultores na utilização de fertilizantes, mas não abordou os temas: agricultura familiar, diversificação ou especialização de produção.

Com essas análises, identificaram-se lacunas para serem pesquisadas e respondidas dentro da ciência, no que tange questões ligadas à Teoria do Comportamento Planejado, agricultura familiar, diversificação e especialização produtiva, considerando-se que pesquisas relacionando os temas são inexistentes.

Coligiu-se que os estudos apresentados têm como objetivo central a intenção comportamental de agricultores em áreas e culturas distintas, mas nenhum deles propôs estudar a intenção comportamental de agricultores familiares de mudar seu estilo de produção, ou seja, detectar se o agricultor familiar que mantém o cultivo pautado na diversificação se interessa em migrar para a especialização e, da mesma forma, os agricultores familiares que estão na especialização, migrar para a diversificação.

Portanto, durante essa fase de análises, não foram identificados estudos sobre a utilização da Teoria do Comportamento Planejado para identificar a intenção comportamental dos agricultores familiares, indiferente das culturas cultivadas nas propriedades, em diversificar ou especializar a produção. Ademais, os estudos localizados não focalizam especificadamente nos agricultores familiares. Ainda, estes estudos estreitam as pesquisas para produções específicas, como por exemplo, produtores que cultivam a bovinocultura leiteira. Com isso, percebe-se escassez e uma lacuna de pesquisa, o que torna essa tese inédita no meio científico.

Mediante o exposto, o problema desta pesquisa é: quais são as intenções comportamentais dos agricultores familiares na tomada de decisão pela diversificação ou especialização da produção?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo geral

Analisar as intenções comportamentais dos agricultores familiares através da Teoria do Comportamento Planejado na tomada de decisão pela diversificação ou especialização da produção.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- a) Identificar os constructos de atitude, norma subjetiva e de controle comportamental percebido dos agricultores familiares em relação à tomada de decisão entre a diversificação ou especialização das culturas produtivas;
- b) Averiguar a realidade dos agricultores familiares, de suas propriedades e das culturas cultivadas, para identificar os motivos e como se deu a tomada de decisão que os levou a optar pelo formato produtivo em se encontram;
- c) Identificar quais são os constructos que mais interferem na tomada de decisão dos agricultores familiares na decisão pela diversificação ou especialização da produção.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

O censo agropecuário de 2017 expôs que 84,4% do total de propriedades rurais brasileiras pertencem a grupos familiares, o que representa aproximadamente 4,4 milhões de unidades produtivas e em torno de 15 milhões de pessoas (IBGE, 2017). Esse dado concretiza a afirmação apresentada por vários pesquisadores de que a agricultura familiar é responsável por uma grande fatia da economia brasileira, o que auxilia no desenvolvimento do país (VEIGA, 1991; 2007; LAMARCHE, 1993; SCHNEIDER, 2003). Com isso, esse grupo de agricultores, através das suas múltiplas formas de cultivo, é responsável por grande parte da produção de alimentos (GRAZIANO DA SILVA, 1978; ABRAMOVAY, 1997; LAMARCHE, 1999; SCHNEIDER, 2003).

A agricultura familiar possui como peculiaridade os pequenos espaços de terras que utiliza para produzir, tendo como mão de obra, essencialmente, o núcleo familiar (VEIGA, 1991; ABRAMOVAY, 1992; ROMEIRO, 1998; LAMARCHE, 1999; SCHNEIDER, 2003; PLOEG, 2016). Nessas propriedades, geralmente, os sistemas produtivos são complexos, utilizam combinações de culturas para sobrevivência e também para o mercado (GUANZIROLI *et al.*, 2001; VILCKAS, 2004; PLOEG, 2016).

Por esses motivos, os agricultores familiares encontram-se constantemente dentro da tomada de decisões (SIQUEIRA *et al.*, 2021).

As pessoas cotidianamente necessitam tomar decisões, das mais rotineiras, como, qual roupa vestir; até as mais complexas, tal como escolher residir na zona rural ou na urbana (SIMON, 1957; 1963; 1979). Nem sempre a decisão tomada leva à alternativa mais satisfatória, entretanto a mais aceitável ou razoável para o momento ou para a necessidade (SIMON, 1979). Dentre a tomada de decisão dos agricultores familiares está o da definição de qual será o método produtivo aplicado às propriedades, podendo ser a diversificação ou a especialização (ELLIS, 2000; ABDULAI; CROLEREES, 2001; BARBIERI; MAHONEY, 2009; MERANER *et al.*, 2015).

Como qualquer indivíduo os agricultores familiares também possuem dificuldades nos momentos de decidir (SIQUEIRA *et al.*, 2021). A tomada de decisão pode ocorrer com modelos e técnicas estabelecidas e sofisticadas ou sem nenhuma metodologia, ocorrendo, praticamente, de forma inconsciente, através da sua intuição (SIMON, 1979).

Em pesquisas (SCHROEDER; CHAPLIN; ISSELSTEIN, 2015; DAXINI *et al.*, 2019) sobre a tomada de decisão de agricultores, a Teoria do Comportamento Planejado demonstrou eficácia, pois ela ajuda a mediar através dos seus constructos – atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebido – a intenção comportamental. Entretanto, nenhum desses estudos abordou essa teoria no contexto da tomada de decisão dos agricultores familiares pela diversificação ou especialização produtiva, o que é de suma importância para a ciência, pois através desses resultados, será possível identificar os motivos que levam os agricultores familiares a optar por determinado formato produtivo.

Ao verificar as dissertações e teses produzidas no Brasil sobre a temática, também não se identificou nenhum estudo relacionando Teoria do Comportamento Planejado, agricultura familiar, tomada de decisão e diversificação ou especialização produtiva. Os trabalhos que mais se aproximaram (DALCIN, 2010; LOZANO, 2011; SENGER, 2016; ROSA 2018; SILVA 2019) dão foco apenas para uma das temáticas. Isso demonstra haver uma lacuna a ser pesquisada dentro da ciência brasileira.

Além disso, esta pesquisa é de extrema importância para a região Oeste do Paraná, região escolhida para a realização desse estudo, haja vista que, ao abordar

essa mesorregião, estuda-se uma das regiões do Brasil mais expressivas e significativas na agricultura, principalmente a de caráter familiar.

De acordo com o IBGE (2017), o Estado do Paraná está dividido política e administrativamente em 399 municípios, com uma economia baseada na agricultura familiar.

No Paraná, dos 371.051 estabelecimentos agropecuários existentes, 81,63% se enquadraram na categoria agricultura familiar, ocupando 27,8% da área total dos estabelecimentos. Eles também respondem por 43% do Valor Bruto da Produção (VBP) do estado e, principalmente, abrigam 70% do pessoal ocupado (IPARDES, 2021).

A Mesorregião Oeste do Paraná representa 12,5% do total dos municípios do Estado com 50 municípios. No censo 2010, último censo realizado, a população desta mesorregião estava em 1.309.564 pessoas, dividida em 1.044.081 da zona urbana e 175.467 da zona rural (IBGE, 2010).

A agricultura familiar é a base da formação social e econômica da região Oeste do Paraná. Desde a instituição das colônias no século XX, este segmento produtivo vem desempenhando um papel importante no desenvolvimento regional (VANDERLINE; GREGORY; DEITOS, 2007).

De acordo com o IPARDES (2021) as regiões Oeste e Sudoeste do Paraná lideram a ocupação populacional do estado na agricultura família. Especificamente, no Oeste, região desta pesquisa, mais de 110 mil pessoas vivem nessa realidade.

Através da agricultura familiar forte, com bons índices de produção ligados grandemente com a diversificação de culturas, forma de produção expressiva e significativa no Oeste paranaense ganhou espaço, notoriedade e respeito nacional (GREGORY, 2002).

Dessa forma, apresentar a mesorregião do Oeste do Paraná é, automaticamente, fazer uma analogia com a agricultura, principalmente a familiar, pois é através dela que a economia se desenvolveu (VANDERLINE; GREGORY; DEITOS, 2007; GREGORY, 2002; PFLUCK, 2002).

Para Pfluck (2002), com o passar dos anos, a agricultura no Oeste Paranaense passou de subsistência para a entrada na produção mercantil, o que propiciou bons retornos financeiros, possibilitando o pagamento de suas terras e, conseqüentemente, um futuro próspero e sustentável para os seus filhos, além de inserir essa região na produção de alimentos para o mercado interno e externo.

No início da colonização, a agricultura familiar era apenas uma fonte de subsistência, mas logo os excedentes produtivos ganharam espaço de comercialização, o que fez com que o Oeste paranaense se tornasse umas das principais regiões produtivas do país (VANDERLINE; GREGORY; DEITOS, 2007; GREGORY, 2002; PFLUCK, 2002; STOFFEL; COLOGNESE, 2005).

Para Nazzari, Bertolini e Brandalise (2007), a agricultura familiar do Oeste do Paraná tem grande importância com a colonização dessa região, iniciando com a extração da erva-mate, percorrendo pela diversificação de culturas e o ciclo madeireiro. Todo esse processo influenciou na colonização local, com características ainda claramente percebidas nos municípios oeste paranaenses.

Mesmo sendo frequentes as pesquisas sobre: tomada de decisão na agricultura, diversificação e especialização da produção, e Teoria do Comportamento Planejado, as pesquisas relacionando os temas são escassas. Por não haver estudos que utilizam da Teoria do Comportamento Planejado para medir a intenção comportamental na tomada de decisão dos agricultores familiares entre diversificar ou especializar sua produção, este estudo se justifica e demonstra sua originalidade e ineditismo.

De posse da informação da lacuna deixada no campo científico, é que essa pesquisa demonstra sua importância e seu ineditismo, além do mais, levando em consideração a região de aplicabilidade dessa pesquisa, pois servirá de aliada para os próprios agricultores familiares, órgãos de extensionismo, universidades e formuladores de políticas públicas para auxiliar esses agricultores familiares nessa difícil tarefa de tomada de decisão.

Outro fenômeno que justifica esta pesquisa é sua trafegabilidade nas mais variadas ciências, como: nas sociais, agrárias, educação, saúde, humanas, dentre outras. Com isso, essa tese poderá servir de base para diversos estudos futuros.

Dessa maneira, além deste estudo justificar-se pelo seu ineditismo e originalidade, ele também contribuirá para as pesquisas sobre as temáticas ligadas à agricultura familiar, diversificação e especialização produtiva, tomada de decisão e a Teoria do Comportamento Planejado, bem como, abrirá alternativas para futuros estudos da área.

Portanto, a contribuição científica que esta tese pretende alcançar está ligada, principalmente, em demonstrar qual intenção dos agricultores e qual ou quais

constructos são os formadores dessa intenção na tomada de decisão pela diversificação ou especialização da produção.

#### 1.4 ESTRUTURA DA TESE

A tese apresenta-se estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo é composto pela introdução, problema de pesquisa, objetivo geral, objetivos específicos e justificativa.

O segundo capítulo expõe a revisão da literatura, que serve de base sólida para esta tese, abordando sobre a agricultura familiar, diversificação e especialização das culturas produtivas, tomada de decisão e a Teoria do Comportamento Planejado. Nesse capítulo também são apresentadas as produções científicas sobre tomada de decisão dos agricultores familiares entre diversificação ou especialização da produção através da Teoria do Comportamento Planejado no meio científico.

No terceiro capítulo exibe-se o delineamento metodológico da tese, apresentando e justificando as metodologias utilizadas para cada parte da pesquisa, bem como demonstrando e justificando a amostragem deste estudo.

O quarto capítulo apresenta os resultados da pesquisa de campo realizada junto aos agricultores familiares. Além disso, esse capítulo também contém a análise dos constructos da Teoria do Comportamento Planejado e a análise dos resultados.

O quinto e último capítulo desta tese, traz a conclusão e considerações finais, bem como, propõe sugestões para estudos futuros advindas dos resultados dessa pesquisa. Em seguida são apresentadas as referências utilizadas no estudo.

## 2 REVISÃO TEÓRICA

Neste capítulo será realizado um diálogo e discussão teórica de autores clássicos e contemporâneos sobre o tema da tese. Primeiramente, conceitua-se e discute-se a agricultura familiar; na sequência a abordagem será sobre a diversificação e especialização da produção; por conseguinte, o aprofundamento teórico será sobre a tomada de decisão; e, por fim, a Teoria do Comportamento Planejado.

### 2.1 AGRICULTURA FAMILIAR

Atualmente a agricultura familiar ganha notoriedade nas discussões no meio acadêmico, social, político e econômico, sendo que a terminologia é considerada recente. Schneider (2003) define a agricultura familiar como uma atividade produtiva de pequeno porte, de um grupo social ligado por laços consanguíneos e de parentesco. Além disso, Ploeg (2014) afirma que a agricultura familiar é um estilo de vida, no qual é grande interação do homem com a natureza.

Diante do atual cenário a discussão sobre a agricultura familiar vem ganhando legitimidade no campo social, político e acadêmico brasileiro, passando a ser utilizada constantemente nos discursos dos movimentos sociais ligados à ruralidade, pelos órgãos governamentais, principalmente, nos debates de políticas públicas rurais, e por segmentos do pensamento acadêmico, especialmente pelos estudiosos das Ciências Sociais e das Ciências Agrárias que se ocupam da agricultura e do mundo rural (SCHNEIDER, 2003; NASCIMENTO; AQUINO; DEL GROSSI, 2022).

Para Schneider (1999) e Del Grossi *et al.* (2019) a agricultura familiar brasileira só ganha relevância nos estudos acadêmicos a partir de meados dos anos 1990, uma vez que até então, as preocupações se centravam na produção camponesa ou na pequena produção.

Na mesma linha de pensamento, Ricardo Abramovay (1997), um dos principais cientistas brasileiros sobre a temática da agricultura familiar, afirma que os três atributos básicos: gestão, propriedade e trabalho familiar, precisam estar presentes em uma propriedade para se considerar como agricultura familiar.

Dessa maneira, pode-se conceituar agricultura familiar como o cultivo da terra realizado por pequenos proprietários rurais, tendo como mão de obra, essencialmente, o núcleo familiar (VEIGA, 1991; ABRAMOVAY, 1992; ROMEIRO, 1998; LAMARCHE, 1999; PLOEG, 2016).

Na mesma linha, Schneider (2003, p. 29) define agricultura familiar como: “[...] uma forma social reconhecida e legitimada na maioria dos países desenvolvidos, nos quais a estrutura agrária é majoritariamente composta por explorações nas quais o trabalho da família assume uma importância decisiva”.

Lamarche (1993) complementa que a exploração familiar, corresponde a uma unidade de produção agrícola, em que propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família. A interdependência desses três fatores no funcionamento da exploração engendra necessariamente noções mais abstratas e complexas, tais como a transmissão do patrimônio e a reprodução da exploração.

Quando se discute agricultura familiar no contexto brasileiro, é de suma importância mencionar a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Através desse regulamento vários conceitos de agricultura familiar foram formalizados (BRASIL, 2006).

Na Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, a agricultura familiar foi assim definida

Art. 3º Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I - não detenha, qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;

II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;

IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

§ 1º O disposto no inciso I do caput deste artigo não se aplica quando se tratar de condomínio rural ou outras formas coletivas de propriedade, desde que a fração ideal por proprietário não ultrapasse 4 (quatro) módulos fiscais.

§ 2º São também beneficiários desta Lei:

I - silvicultores que atendam simultaneamente a todos os requisitos de que trata o caput deste artigo, cultivem florestas nativas ou exóticas e que promovam o manejo sustentável daqueles ambientes;

II - aquicultores que atendam simultaneamente a todos os requisitos de que trata o caput deste artigo e explorem reservatórios hídricos com superfície total de até 2 ha (dois hectares) ou ocupem até 500m<sup>3</sup> (quinhentos metros cúbicos) de água, quando a exploração se efetivar em tanques-rede;

III - extrativistas que atendam simultaneamente aos requisitos previstos nos incisos II, III e IV do caput deste artigo e exerçam essa atividade artesanalmente no meio rural, excluídos os garimpeiros e faiscaidores;  
IV - pescadores que atendam simultaneamente aos requisitos previstos nos incisos I, II, III e IV do caput deste artigo e exerçam a atividade pesqueira artesanalmente (BRASIL, 2006).

Essa lei, além de estabelecer diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais, também serviu como aliada na conceituação do termo agricultura familiar.

Dessa maneira, a lei reafirma o conceito de agricultura familiar como: o cultivo da terra realizado por pequenos proprietários rurais, tendo como mão de obra, essencialmente, o núcleo familiar (VEIGA, 1991).

Antes da Lei nº 11.326, a definição mais apropriada e empregada para definir propriedade familiar, constituindo até presentemente a acepção utilizada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, que se deu através do inciso II, do artigo 4º, da Lei nº 4.504 de 30 de novembro de 1964, que dispunha sobre o Estatuto da Terra, assim definindo como “Propriedade Familiar, o imóvel rural que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico, com área máxima fixada para cada região e tipo de exploração, e eventualmente trabalho com a ajuda de terceiros” (BRASIL, 1964).

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura – FAO e o INCRA (1996) conceituam agricultura familiar às propriedades que seguem três particularidades: a gestão das propriedades necessita ser feita pela família; o trabalho desempenhado na sua maior parte executado pela família; os fatores de produção pertencem à família (exceto, às vezes, a terra) e são passíveis de sucessão em caso de aposentadoria ou alguma fatalidade ocorrida pelos gestores.

Ainda, a FAO e o INCRA (1996) utilizaram quatro especificações para qualificar a agricultura familiar: a gestão do trabalho desempenhada pelo agricultor; a não utilização de serviços de empreitada; sem empregados permanentes e com número médio de empregados temporários menor ou igual a quatro ou com um empregado permanente e número médio de empregados temporários menor ou igual a três; área total menor ou igual a quinhentos hectares<sup>1</sup> para as regiões Sudeste e Sul e mil hectares para demais regiões do Brasil.

---

<sup>1</sup> Um hectare (ha) equivalente a 10.000 metros quadrados.

No censo agropecuário de 2017, último realizado até o momento desta pesquisa, identificou-se que 84,4% do total de propriedades rurais brasileiras pertencem a grupos familiares. O que representa aproximadamente 4,4 milhões de unidades produtivas. Sendo assim, a agricultura familiar é responsável por uma grande fatia da representação econômica brasileira (IBGE, 2017).

Outro dado importante e relevante apresentado pelo IBGE (2017) é o fato de que dos 80,25 milhões de hectares de área pertencente e manuseada pela agricultura familiar brasileira, 45,0% destina-se para pastagens, 28,0% de composição de matas, florestas ou sistemas agroflorestais e apenas 22% de lavouras.

A agricultura familiar possui suas especificações conforme a cultura e as tradições locais. Ela não segue apenas um padrão de produção, mas se encaixa as peculiaridades regionais. O agricultor familiar remodela seu modo de produzir de acordo com as especificidades locais, ambientais, culturais dentre outros fatores (AMARANTE *et al.*, 2018).

Da mesma maneira que outras fontes econômicas, a agricultura familiar também possui qualidades e fragilidades (ABRAMOVAY, 1992; LAMARCHE, 1999; PLOEG, 2014; AMARANTE *et al.*, 2018). Nessa perspectiva, Ploeg (2014) alvitrou dez qualidades para a agricultura familiar, que são exibidas na Figura 1.

Figura 1 - Dez qualidades para a agricultura familiar propostas por Ploeg (2014)



Fonte: Ploeg (2014).

Nessa óptica, Ploeg (2014) aponta a agricultura familiar como o modo de cultivo agrícola menos empresarial e mais correta em uma perspectiva social e ambiental.

A agricultura familiar, na perspectiva de Ploeg (2011, p. 130), “é uma forma distinta e válida de produção agrícola compartilhada por um grande grupo de agricultores. É a agricultura estruturada de um modo específico; uma forma particular de ordenamento que pode ser diferenciada de modelos antagônicos”.

Portanto, torna-se até certo ponto complexa a definição do que de fato é a agricultura familiar, pois não se define somente pelo tamanho do estabelecimento, ela possui várias peculiaridades. Entretanto, além das várias conceituações de pensadores e estudiosos das áreas e as legislações pertinentes sobre o assunto é necessário reafirmar a concepção de Ploeg (2014) de que a agricultura familiar é um estilo de vida.

## 2.2 DIVERSIFICAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO DAS CULTURAS PRODUTIVAS

Um dos desafios do cotidiano dos agricultores familiares é a tomada de decisão para definir qual ou quais culturas produzirem, e se optarão pela diversificação ou especialização produtiva (HOFFMANN *et al.*, 1987; HANZI, 2000; SCARPELLI, 2001; VILCKAS, 2004; DALCIN, 2010; PERONDI; SCHNEIDER, 2011; SCHÄFFER, 2011).

Agricultores com propriedades de portes iguais ou idênticas, com características culturais, de costumes e crenças semelhantes, residentes no mesmo município, mas que, por muitas vezes, trabalham com formatos produtivos diferentes, alguns optam pela diversificação agrícola e outros já preferem especializar sua produção (GRAZIANO DA SILVA, 1978; SCHNEIDER, 2003; PERONDI; SCHNEIDER, 2011).

Hoffmann *et al.* (1987) apresentam seis formas de medir o grau de diversificação ou especialização de uma propriedade rural: através do número de linhas de exportação; pela porcentagem da área de produção destinada às culturas comerciais consideradas importantes; mediante a porcentagem das unidades produtivas de trabalho/homem das culturas caracterizadas como as mais importantes; por meio da porcentagem da renda bruta, sendo que se mais da metade da renda for de uma única linha produtiva, ela será considerada

especializada e se mais que a metade da renda for composta por mais de uma cultura, será considerada diversificada; e, por fim, pelo índice de diversificação.

Da mesma maneira que Hoffmann *et al.*(1987), Senger (2016, p. 24), em sua tese, considera que uma propriedade é especializada quando “50% ou mais da renda forem originários de uma única atividade rural, o estabelecimento agrícola foi considerado especializado, e, quanto maior for este valor, pode-se dizer que maior é sua especialização<sup>2</sup>”.

Uma importante característica da agricultura familiar é o formato de gestão flexível, capaz de empreender estratégias de diversificação dos seus meios de vida (COLETTI, 2013; PLOEG, 2014). Nesse sentido, Ellis (1998, p. 4) afirma que a: “diversificação dos meios de vida é o processo pelo qual as famílias rurais constroem um diversificado portfólio de atividades e de capacidades de apoio social para sobreviverem e melhorarem o seu padrão de vida”.

A diversificação agrícola são as variedades produtivas em uma propriedade rural, muito utilizada para o produtor manter equilíbrio produtivo e financeiro. No caso de frustração de uma cultura, a outra que estiver em boas condições, manterá o sustento da propriedade (GRAZIANO DA SILVA, 1978; PERONDI; SCHNEIDER, 2011).

Para Hoffmann *et al.* (1987, p. 125) como “diversificação se entende a produção de vários produtos para o mercado, e nesse caso o agricultor dependerá de várias fontes de renda”.

Schäffer (2011) afirma que o sistema de diversificação, visa adequar na agricultura familiar, de forma planejada, o maior número de opções que permitam no caso de frustração de uma alternativa, garantir a sua estabilidade e a geração de renda através das mais diversas opções produtivas.

A utilização da produção diversificada tornou-se uma tática de diversificação econômica para os produtores rurais familiares. Portanto, quando uma cultura não estiver rentável, a outra cultura dá o suporte necessário para manter o equilíbrio financeiro (HANZI, 2000; COLOGNESE; STOFFEL, 2007; PERONDI; SCHNEIDER, 2011; SCHÄFFER, 2011).

---

<sup>2</sup> Com base em Hoffmann *et al.* (1987) e Senger (2016), esta tese considerará propriedades especializadas, aquelas em que a renda bruta seja mais da metade proveniente de uma única linha produtiva, da mesma maneira, quando mais da metade da renda bruta for oriunda de mais de uma cultura, a propriedade será considerada de modelo diversificado.

Considera-se que a diversificação de culturas é uma das maiores estratégias desenvolvidas na história da agricultura, principalmente da familiar, uma vez que, além de contribuir para aumentar a renda contribui para reduzir os riscos, aproveitando melhor os recursos disponíveis e distribuindo mais uniformemente a renda entre os membros e trabalhadores da família das propriedades (POLANYI, 1980; PLOEG; ROEP, 2003; PERONDI, 2007; ESCHER, 2011; SCHÄFFER, 2011; COLETTI, 2013).

Para Ploeg e Roep (2003), os agricultores familiares que resistem a este formato de trabalho, buscam na diversificação econômica e produtiva diferentes níveis de integração com o mercado, como a sobrevivência da família e da propriedade, e de renda.

Em um estudo realizado por Perondi e Schneider (2011), sobre diversificação agrícola e não agrícola da agricultura familiar, os autores concluíram que propriedades rurais que possuem a metodologia da diversificação se desenvolvem mais do que aquelas que produzem apenas uma cultura.

Pensar em desenvolvimento rural é pensar que novas famílias estejam dispostas a suceder as atuais unidades de produção rural, sendo a elevação da renda *per capita* rural um efetivo caminho de realização deste objetivo. Portanto, parece ser preponderante pensar em políticas de incentivo à diversificação dos meios de vida no meio rural visando, justamente, elevar a renda rural. Algo que contrasta ao senso comum daqueles que advogam que a renda rural somente poderia se elevar quando o agricultor estiver focado num único agronegócio. Comprovou-se assim que a renda é maior nas famílias que mais diversificam a renda (PERONDI; SCHNEIDER, 2011, p. 217).

Ainda, a diversificação serve como grande aliada do meio ambiente, uma vez que nesse sistema a rotação de culturas é frequente, fazendo que o solo não sofra tanta degradação como na monocultura (GUIMARÃES, 1963; GRAZIANO DA SILVA, 1978; GÖTSCH, 2000; HANZI, 2000; PLOEG; ROEP, 2003; COLOGNESE; STOFFEL, 2007; PERONDI; SCHNEIDER, 2011; SCHÄFFER, 2011;).

De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA (2020), a diversificação agrícola, contribui para o manejo integrado de pragas e doenças, reduzindo a necessidade de intervenções para controle destas. A combinação de espécies pode melhorar também as propriedades físicas, químicas e biológicas do solo e, por conseguinte, a sua capacidade produtiva.

Hoffmann *et al.* (1987) apresentam três principais vantagens no modelo de agricultura diversificada: proporciona uso mais completo dos recursos disponíveis;

reduz riscos ligados a preços antagônicos e condições climáticas contraproducentes; e permite a rotação de culturas.

Como desvantagem, é possível citar: a necessidade de maiores investimentos, especialmente em maquinário, pois cada cultura exige empregos peculiares; dificuldade de créditos e de investimentos em culturas de menor expressão; quanto maior o número de cultiváveis existentes em uma propriedade, menor será a facilidade do agricultor em desenvolver habilidades de trabalho; quanto maior for o número de culturas produzidas em uma propriedade, mais dificultosa a utilização de máquinas e tecnologias de grande capacidade (HOFFMANN *et al.*, 1987; SCARPELLI, 2001; VILCKAS, 2004; DALCIN, 2010; SCHÄFFER, 2011).

Por outro lado, alguns produtores optam pela especialização da produção, que, como o próprio nome já expressa, é quando o agricultor busca se aperfeiçoar e trabalhar focado em uma cultura (HOFFMANN *et al.*, 1987; SCHNEIDER, 2010; HANSSON; FERGUSON, 2011).

A especialização da produção, muitas vezes, pode proporcionar condições para a obtenção de ganhos devido à escala, melhor aproveitamento das instalações de beneficiamento, armazenamento e transporte, reduzindo os custos. No geral, nos sistemas especializados, a gestão é mais simples e o trabalho menos intenso, quando se compara com sistemas diversificados. Outro fator positivo da especialização de uma determinada atividade agrícola é a obtenção de conhecimentos mais aprofundados e específicos sobre a atividade em questão (HOFFMANN *et al.*, 1987; SCHNEIDER, 2010; HANSSON; FERGUSON, 2011; SENGER, 2016).

Hoffmann *et al.* (1987) expõem as quatro principais vantagens da produção pautada na especialização: a propriedade dedica-se à produção da cultura que melhor se adapta à localidade, com isso haverá um maior índice produtivo e, automaticamente, maiores serão os lucros; esse modo produtivo, proporciona ao agricultor maior nível de desenvolvimento de habilidades para a realização das tarefas, o que aumentará a eficácia do trabalho; a especialização da produção, permite melhor aplicação do capital, uma vez que todos os investimentos serão para apenas uma cultura e não serão necessários investimentos distintos para as várias culturas; e por ser apenas uma cultura, facilita para o agricultor a administração da propriedade.

A especialização tem como principal desvantagem a fragilidade proporcionada para o produtor ou para uma região, caso ocorra uma adversidade climática numa determinada fase crítica do ciclo de uma cultura, bem como poderá ter a ocorrência de alguma doença na cultura ou baixas nos valores pagos e altos custos de produção. Além do mais, a especialização na agricultura, limita a adoção de uma prática fundamental quando se pensa em sustentabilidade, que é a rotação de culturas. Assim, a diversificação é fundamental quando se pensa em sustentabilidade (HOFFMANN *et al.*, 1987; ILBERY, 1991; ELLIS, 2000; TURNER *et al.*, 2003; BARBIERY; MAHONEY, 2009; NORDER, 2009; HANSSON; FERGUSON, 2011; SENGER, 2016).

### 2.3 TOMADA DE DECISÃO

A tomada de decisão está presente no cotidiano de todos, seja ela a mais simples, como decidir a roupa para ir trabalhar, ou decisões mais sofisticadas, como investimentos financeiros. Nos dois casos, as pessoas tomam as suas decisões orientadas pelas suas experiências, crenças, percepções, informações, conhecimento próprio e fatores externos (SIMON, 1957; 1963; 1974; 1979; DRUCKER, 1973; BATEMAN; SNELL, 1998; LACOMBE; HEILBORN, 2008).

Nem sempre as decisões tomadas por um indivíduo o levam à alternativa mais satisfatória, mas geralmente a mais aceitável ou razoável no momento da tomada de decisão (SIMON, 1957; 1963; 1974; 1979; DRUCKER, 1973; BATEMAN; SNELL, 1998; LACOMBE; HEILBORN, 2008; GOMES; GOMES, 2019).

A tomada de decisão é um campo limítrofe, considerando que ao mesmo tempo é a atividade mais importante e fundamental de um indivíduo, e também é a mais difícil e arriscada. Haja vista que uma decisão errada pode baldar um negócio ou carreira, inclusive, a decisão equivocada poderá ser insuprível (DRUCKER, 1973; SIMON, 1979; LACOMBE; HEILBORN; 2008; GOMES; GOMES, 2019).

Lacombe e Heilborn (2008, p. 440) afirmam que “raramente a decisão é agradável. A melhor decisão é somente uma aproximação. [...] Já que não existe decisão perfeita, temos que pagar seu preço”.

A tomada de decisão serve para resolver problemas ou aproveitar oportunidades, sendo adotada com base no momento e no espaço em que ocorre

essa deliberação (SIMON, 1957; 1963; 1974; DRUCKER, 1973; BATEMAN; SNELL, 1998; CRUZ; BARRETO; FONTANILLAS, 2014).

A tomada de decisão inicia com o problema ou oportunidade, que exige dos indivíduos uma posição e uma decisão, após a escolha da alternativa mais satisfatória, a decisão é executada, o que ocasiona o fechamento do ciclo, o que gerará uma nova situação que necessita de decisão ou solução do problema (CRUZ; BARRETO; FONTANILLAS, 2014).

A decisão ocorre sempre que um indivíduo se encontra com caminhos alternativos de ação, ou seja, quando ele pode fazer algo de duas ou mais maneiras diferentes. A decisão sempre envolve opção e escolha (SANTOS; BULGACOV, 2021).

Simon (1963) afirma que a tomada de decisão compreende três fases principais, sendo a primeira a de descobrir as ocasiões em que deve ser tomado, na sequência, o tomador de decisão deverá identificar os possíveis cursos de ação, e, por fim, decidir pela opção mais sensata.

Com base nas afirmações de Simon (1963) e Bateman e Snell (1998) é possível afirmar que a tomada de decisão é complexa, para tanto esses autores desenvolveram etapas para compreender e facilitar o tomador de decisão em suas escolhas e definições. Essas etapas estão expressas na Figura 2.

Figura 2 - Etapas da tomada de decisão



Fonte: Adaptado de Bateman e Snell (1998).

Dessa forma, Bateman e Snell (1998) partem do pressuposto de que a tomada de decisão tem seu início através da identificação da situação, podendo ser um problema ou uma oportunidade, que, conseqüentemente, para o indivíduo chegar à decisão mais favorável, faz-se necessário o levantamento de dados e informações. Com as informações disponíveis, o tomador de decisão deverá estudar e avaliar todas alternativas possíveis para que, logo, ele coloque em prática a decisão proposta. Por fim, os autores entendem que se faz necessária a avaliação dos resultados obtidos referentes à decisão tomada.

A tomada de decisão pode ocorrer com modelos e técnicas estabelecidas e sofisticadas, como pode ocorrer sem nenhuma metodologia, praticamente de forma inconsciente, através da sua intuição. Sendo assim, a tomada de decisão pode ser racional ou intuitiva (LACOMBE; HEILBORN, 2008; ROBBINS *et al.*, 2010; GOMES; GOMES, 2019).

Nesse sentido, a diferença entre racionalidade e intuição está na proporção de informação, de um lado, e opinião e sentimentos, de outro (LACOMBE; HEILBORN, 2008; ROBBINS *et al.*, 2010; GOMES; GOMES, 2019).

Portanto, quanto mais intenção no embasamento de informação, mais racional é a tomada de decisão. Por outro lado, quão maior a magnitude de opiniões, emoções e sentimentos, mais intuitiva é a decisão. A racionalidade e a intuição são atributos humanos complementares e não concorrentes (LACOMBE; HEILBORN, 2008; ROBBINS *et al.*, 2010; GOMES; GOMES, 2019).

A tomada de decisão racional tem como objetivo aproximar-se ao máximo possível de uma decisão ideal, que objetiva a maximização dos resultados e o menor índice de erros ou conseqüências negativas (SIMON, 1957; 1963; BALESTRIN, 2002; CHOO, 2003; BARROS, 2004; DALCIN, 2010; GOMES; GOMES, 2019).

Entretanto, é necessário ressaltar que o ser humano possui uma capacidade limitada, assim denominada por Simon (1957), para recepção, armazenamento e processamento de informação, o que dificulta a tomada de decisão racional. Portanto, ao decorrer sobre a temática de tomada de decisão, é necessário ressaltar que os seres humanos são detentores de racionalidade limitada (SIMON, 1957; 1979; GARNER, 1982; ROBBINS *et al.*, 2010; SPIEGEL; CAULLIRAUX, 2017).

Ao expressar a limitação da racionalidade, Simon (1957) afirma que há três dimensões causadoras dessa limitação: a informação disponível, a limitação cognitiva da mente dos indivíduos e o tempo disponível para a tomada de decisão.

Para Lacombe e Heilborn (2008, p. 446) “as pessoas que tomam as decisões têm sua história, seu passado, seus vícios, suas virtudes e seus preconceitos, conscientes ou não. Em consequência, ao avaliarem alternativas, fazem-no de forma subjetiva”.

Simon (1963) considera que há dois tipos opostos de decisões, as programadas e as decisões não programadas, sendo as programadas, decisões rotineiras, ou seja, como o próprio termo já traz, são decisões sobre assuntos que já foram analisados anteriormente e que já se tem um determinado roteiro para a tomada de decisão. Já as decisões não programadas, são aquelas não planejadas ou programadas, que surgem pela primeira vez e não se tem experiência para decidir.

As decisões programadas são aquelas que já foram previstas ou são decisões sobre situações que já se arrostou anteriormente e que se comportam da mesma maneira. Por outro lado, as não programadas, referem-se a decisões sobre novos fenômenos e que o indivíduo não possui experiência ou conhecimento do que e como decidir (SIMON, 1957; 1963; 1974; 1979; BATEMAN; SNELL, 1998; LACOMBE; HEILBORN, 2008).

Conforme Lacombe e Heilborn (2008, p. 400) “[...] para chegarmos a uma decisão adequada precisamos fazer uma análise do sistema considerando corretamente todas as variáveis de todos os elementos e as inter-relacionar entre eles, bem como as relações do sistema com o meio ambiente”.

Na agricultura, em especial na modalidade familiar, como em qualquer outra instituição, a tomada de decisão também está presente e desafiando o cotidiano dos agricultores (VILCKAS, 2004; CHAVES *et al.*, 2010; DALCIN, 2010; COLETTI, 2013; SAMPAIO, 2013; PASQUALOTTO, 2017; ESAU, 2019). Muitas variáveis influenciam na tomada de decisão dos agricultores, entre elas, o tamanho e localização da propriedade, o nível de escolaridade, culturas, costumes, idade, gênero, influência do cônjuge, confiança no mercado e a credibilidade no governo (BATEMAN; SNELL, 1998; DALCIN, 2010; SENGER, 2016; SILVA, 2019).

De acordo com Dalcin, Oliveira e Troian (2010, p. 4), “[...] a tomada de decisão permeia as incertezas pelas quais as organizações atuam, principalmente quando se discute o setor agrícola, pois este segmento está mais sujeito as

peculiaridades do processo decisório, peculiaridades que se referem à globalização, mercados, dentre outras”.

Algumas peculiaridades diferenciam a tomada de decisão da agricultura das outras instituições, principalmente pelos seus riscos, haja vista que esse setor trabalha com produção viva, com isso as atividades dependem de ciclos biológicos, estão sujeitas à sazonalidade da produção, variações climáticas, perecibilidade dos produtos, instabilidade do mercado e da economia (BATEMAN; SNELL, 1998; VILCKAS, 2004; OLIVEIRA, 2001; DALCIN; OLIVEIRA; TROIAN, 2010; SAMPAIO, 2013; SENGGER, 2016; SILVA, 2019).

Portanto, as propriedades rurais, como quaisquer outros empreendimentos, frequentemente necessitam passar pela tomada de decisão, o que pode ser considerado um dos momentos mais importantes, complexos e desafiadores para o tomador. Justamente, em virtude desse grande desafio e da limitação dos indivíduos em tomar decisões é que a Teoria do Comportamento Planejado se torna aliada e ganha espaço junto aos agricultores familiares quando o contexto é a tomada de decisão entre a diversificação ou especialização de culturas.

## 2.4 TEORIA DO COMPORTAMENTO PLANEJADO

Ao longo da história, pesquisadores das mais distintas áreas da ciência apresentaram inúmeros estudos e teorias explicativas do comportamento humano. Dentre elas, destacam-se: a Teoria do Condicionamento Clássico de Ivana Petrovitsj Paulov, Teoria Behaviorista do Condicionamento Operante de Burrhus Frederic Skinner, Teoria Comportamental da Administração de Herbert Alexander Simon, Teoria da Motivação Humana de Abraham Maslow, Teoria da Lei do Efeito de Edward Lee Thorndike, Teoria da Atribuição de Fritz Heider, Teoria de Campo de Kurt Lewin e a Teoria do Comportamento Planejado de Icek Ajzen, sendo a última o alicerce desta tese.

A Teoria do Comportamento Planejamento foi proposta em 1985 pelo psicólogo social Icek Ajzen. Um dos elementos centrais dessa teoria é explicar a intenção dos indivíduos em realizar determinado comportamento. Para o criador da teoria, a intenção de agir é o determinante imediato do comportamento. Portanto, quanto mais forte a intenção de se envolver em um comportamento, mais provável

deve ser o seu desempenho (AJZEN, 1991; 2005; WILLOCK *et al.*, 1999; BURTON, 2004; BORGES, 2015; AJZEN; SHEIKH, 2016; SENGER, 2016).

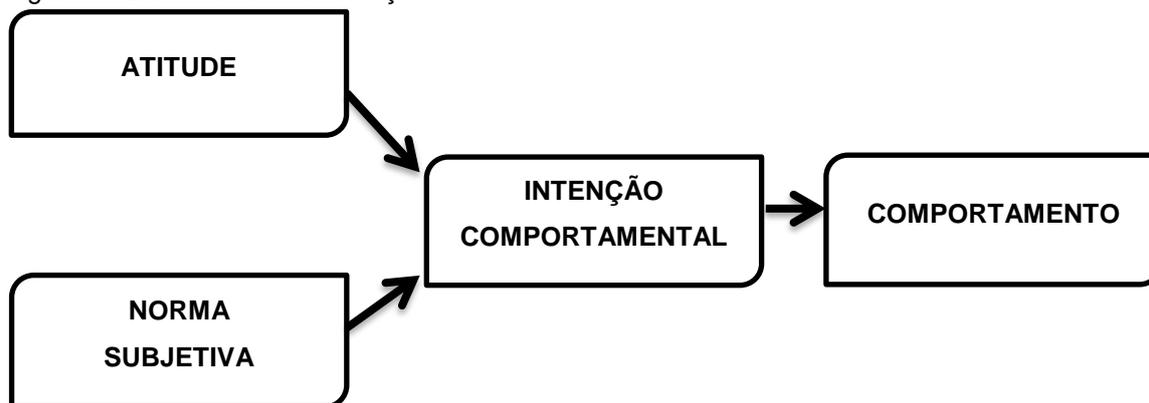
Além de psicólogo social, Icek Ajzen é professor emérito da Universidade de Massachusetts Amherst. Foi classificado como o cientista individual mais influente dentro da psicologia social no que tange à quantidade e à qualidade de pesquisas (WILLOCK *et al.*, 1999; BURTON, 2004; HEIDEMANN; ARAUJO; VEIT, 2012; BORGES, 2015; SENGER, 2016; SENGER; BORGES; MACHADO, 2017). Ajzen juntamente com Martin Fishbein, outro pesquisador e psicólogo social, desenvolveram a Teoria da Ação Racional que antecede e dá origem à Teoria do Comportamento Planejado (HEIDEMANN; ARAUJO; VEIT, 2012; SENGER, 2016). Em razão disso, é importante e necessário abordar primeiramente a Teoria da Ação Racional para melhor compreensão da Teoria do Comportamento Planejado (BURTON, 2004; HEIDEMANN; ARAUJO; VEIT, 2012; SENGER, 2016).

A Teoria da Ação Racional foi desenvolvida por Martin Fishbein e Icek Ajzen em 1967, com o objetivo de explicar a relação entre atitudes e comportamentos dentro da ação humana (AJZEN; FISHBEIN, 1975; 1980; AJZEN, 1991; 2005; WILLOCK, 1999; MOUTINHO; ROAZZI, 2010; BORGES, 2015; AJZEN; SHEIKH, 2016; SENGER, 2016).

A Teoria da Ação Racional parte do pressuposto de que os seres humanos são racionais e utilizam as informações disponíveis para tomar decisões, avaliando as implicações de seus comportamentos, a fim de decidirem por sua realização. Como objetivo central, essa teoria busca prever e entender o comportamento dos indivíduos, além de medir a intenção de eles realizá-los (AJZEN; FISHBEIN, 1970; 1975; 1977; 1980; AJZEN; MADDEN, 1986; AJZEN, 1991; MOUTINHO; ROAZZI, 2010; BORGES, 2015; AJZEN; SHEIKH, 2016).

Nessa teoria, para entender e compreender o comportamento dos indivíduos é necessário identificar os determinantes das intenções comportamentais, para tanto, ela utiliza-se de dois constructos: o de atitude, que está ligado à natureza pessoal; e o de normas subjetivas, que se pauta em fatores sociais (AJZEN; FISHBEIN, 1970; 1975; 1977; 1980; AJZEN; MADDEN, 1986; AJZEN, 1991; MOUTINHO; ROAZZI, 2010; BORGES, 2015; AJZEN; SHEIKH, 2016). A Figura 3 apresenta as bases de sustento da Teoria da Ação Racional.

Figura 3 - Bases da Teoria da Ação Racional



Fonte: Adaptado de Ajzen e Fishbein (1970).

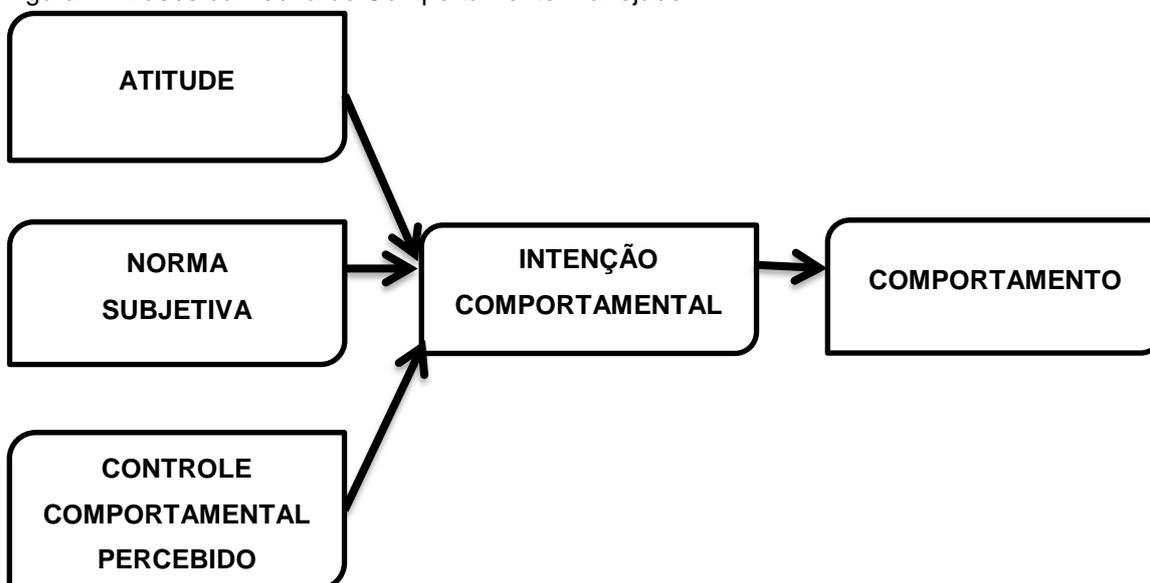
Na Teoria da Ação Racional, quanto mais positivas forem as atitudes do indivíduo em relação ao comportamento e as normas subjetivas relacionadas a esse comportamento, maior será a intenção do sujeito em agir e, conseqüentemente, maior será a probabilidade dessa pessoa realmente realizar o comportamento almejado (AJZEN; FISHBEIN, 1970; 1975; 1977).

A teoria também leva em consideração as crenças dos indivíduos, a avaliação das conseqüências do comportamento, a motivação para concordar com as pessoas que rodeiam o sujeito e que ele considera importantes e as variáveis externas (AJZEN; FISHBEIN, 1970; 1975; 1977; 1980; AJZEN, 1991).

Mesmo que a Teoria da Ação Racional tenha demonstrado eficácia em sua aplicabilidade, recebeu numerosos questionamentos devido ao aspecto de que as intenções e mesmo o comportamento podem ser influenciados por diversos outros fatores, como os hábitos adquiridos no passado, influências culturais e entre outros. Por esse motivo, Icek Ajzen fomentou e difundiu a Teoria do Comportamento Planejado, como uma extensão da Teoria da Ação Racional (MOUTINHO; ROAZZI, 2010; SENGER, 2016). Ambas teorias dispõem do mesmo objetivo central, identificar a intenção comportamental dos indivíduos, mas na Teoria do Comportamento Planejado, Ajzen adiciona um constructo, o qual denomina de controle comportamental percebido, que tem por finalidade apresentar as dificuldades e as facilidades percebidas pelo indivíduo para determinado comportamento. Ficando a base da Teoria do Comportamento Planejado com os constructos de atitude, norma subjetiva e o controle comportamental percebido (AJZEN, 1991; MOUTINHO; ROAZZI, 2010; BORGES, 2015; AJZEN; SHEIKH,

2016; SENGER, 2016). A Figura 4 apresenta as bases da Teoria do Comportamento Planejado:

Figura 4 - Bases da Teoria do Comportamento Planejado



Fonte: Adaptado de Ajzen (2005).

A Teoria do Comportamento Planejado deduz que a intenção de realizar algo é o determinante imediato do comportamento, para ela, quanto mais forte a intenção por um comportamento, mais possível será o seu desenvolvimento (AJZEN, 1991; 2005; BUCHAN, 2005; MOUTINHO; ROAZZI, 2010; SENGER, 2016; SENGER; BORGES; MACHADO, 2017). Tanto a Teoria da Ação Racional, quanto a Teoria do Comportamento Planejado admitem que haja constructos independentes que determinam a intenção comportamental (AJZEN; MADDEN, 1986; AJZEN, 1991; 2005; LEE; CERRETO; LEE, 2010; SENGER, 2016; SENGER; BORGES; MACHADO, 2017).

Essa teoria parte do princípio de que os fatores motivacionais podem influenciar o comportamento, acompanhado da medição da quantidade de esforços que os indivíduos estão dispostos a investir para realizar a ação e, para então averiguar até que ponto os sujeitos estão dispostos para concretizar tal ação (AJZEN, 1991; MARTINS; SERRALVO; JOÃO, 2014). Portanto, na Teoria do Comportamento Planejado, o seu fundador pressupõe que o aspecto central é a intenção do indivíduo em realizar a ação (AJZEN, 1991; 2005; MOUTINHO; ROAZZI, 2010; MARTINS; SERRALVO; JOÃO, 2014).

Na Teoria do Comportamento Planejado, Ajzen (2002) destaca três quesitos em que o comportamento humano se baseia: nas crenças comportamentais; crenças normativas; e crenças sobre o controle. As crenças comportamentais estão ligadas às possíveis consequências do comportamento dos indivíduos, esses antecedentes que levam à atitude comportamental favorável ou desfavorável. As crenças normativas estão associadas às expectativas de comportamento percebido referentes às outras pessoas, uma pressão social, de como os outros irão reagir sobre o comportamento em questão, são os antecedentes que resultam nas normas subjetivas. Por fim, a crença sobre o controle, que diz respeito aos elementos que podem facilitar ou impedir o desempenho do comportamento, são os antecedentes que levam ao controle comportamental percebido (AJZEN, 1991; 2005; WILLOCK, 1999; MOUTINHO; ROAZZI, 2010; MARTINS; SERRALVO; JOÃO, 2014; SENGER, 2016; KRÜGER; GOULART; MINELLO, 2016; SENGER; BORGES; MACHADO, 2017). A intenção comportamental será mais expressiva quando maior for o controle percebido e quando as atitudes e normas subjetivas forem favoráveis (AJZEN, 1991; 2005; LEE; CERRETO; LEE, 2010; KRÜGER; GOULART; MINELLO, 2016).

O constructo de atitude é o grau com o qual um indivíduo avalia favoravelmente ou desfavoravelmente em relação a um determinado comportamento, este está ligado com o julgamento das consequências (AJZEN, 1991; 2005; SENGER, 2016; KRÜGER; GOULART; MINELLO, 2016; SENGER; BORGES; MACHADO, 2017).

Esse constructo é formado e baseado na percepção que a pessoa tem sobre o que pode ser verdade sobre algum assunto (AJZEN, 1991; 2005; WILLOCK, 1999; BUCHAN, 2005; LEE; CERRETO; LEE, 2010; SENGER, 2016). A percepção da atitude pode ou não se fundamentar em dados, informações, fatos, conhecimentos ou até mesmo pode ser uma reação emocional em relação a algum ato, que pode ter como alicerce valores e crenças do indivíduo (WILLOCK, 1999; MOUTINHO; ROAZZI, 2010; SENGER; BORGES; MACHADO, 2017).

Ajzen (2005) expõe o constructo de atitude como um dos preditores das intenções comportamentais e que tem sua origem duas variáveis consideradas ligadas às crenças comportamentais entre a probabilidade e a avaliação das consequências. As crenças comportamentais correspondem às crenças que o indivíduo tem pautadas em um comportamento específico, já a avaliação comportamental diz respeito à avaliação que as pessoas fazem das possíveis

consequências desse comportamento, podendo ser positivas ou negativas (AJZEN, 1991; 2005; WILLOCK, 1999; MOUTINHO; ROAZZI, 2010; MARTINS; SERRALVO; JOÃO, 2014; SENGER, 2016; SENGER; BORGES; MACHADO, 2017).

Martins, Serralvo e João (2014) asseveram que, ao realizar medição com base em cada uma dessas variáveis, é possível prever as atitudes a partir das crenças. Por outro lado, os autores alertam para o fato de que o indivíduo possui inúmeras crenças e apenas uma pequena fração se sobressai como base de informações para cada objeto. Para tanto, aconselham que sejam utilizadas as crenças com maior grau de relevância.

Já o constructo de norma subjetiva é a percepção do sujeito que se preocupa com o que as outras pessoas pensam acerca de determinado comportamento. De certa forma, uma pressão social, é um fator social (AJZEN; FISHBEIN, 1980; AJZEN, 1991; 2005; MARTINS; SERRALVO; JOÃO, 2014; SCHROEDER, CHAPLIN, ISSELSTEIN, 2015; SENGER, 2016, FEITOSA, 2017; ROSA, 2018; DAXINI *et al.*, 2019).

A norma subjetiva é definida pelas crenças normativas e pela motivação para concordar com o referente (AJZEN, 1991; 2005; MARTINS; SERRALVO; JOÃO, 2014; SENGER; 2016; KRÜGER; GOULART; MINELLO, 2016). Nesta perspectiva, as crenças normativas correlacionam-se aos indivíduos que se condicionam à pressão social, que pode estar ligada à família, amigos, colegas, vizinhos e entre outros. Em caso de agricultores familiares a pressão pode ser de pessoas ligadas à assessoria técnica, bancos, sindicatos e entre outros (MARTINS; SERRALVO; JOÃO, 2014; SENGER; 2016; SENGER; BORGES; MACHADO, 2017; ROSA, 2018). Já a motivação para concordar com o referente, está ligada à motivação ou a desmotivação do indivíduo em acolher a pressão praticada pelas pessoas que estão em sua volta e em seu convívio quanto à realização do comportamento (AJZEN, 1991; 2005; WILLOCK, 1999; MOUTINHO; ROAZZI, 2010; MARTINS; SERRALVO; JOÃO, 2014; SENGER, 2016; SENGER; BORGES; MACHADO, 2017).

O constructo de norma subjetiva tem expressão significativa, todas as vezes que os indivíduos necessitarem tomar uma decisão, pois levará em conta a opinião sobre essas decisões dos seus pares (AJZEN, 1991; 2005; WILLOCK, 1999; BUCHAN, 2005; LEE; CERRETO; LEE, 2010; SCHROEDER; CHAPLIN; ISSELSTEIN, 2015; FEITOSA, 2017; ROSA, 2018; DAXINI *et al.*, 2019).

Por fim, o constructo de controle comportamental percebido é a percepção do indivíduo sobre sua própria capacidade, ou seja, é a facilidade ou a dificuldade do elemento em desempenhar o comportamento, no qual ele leva em conta as experiências passadas, bem como impedimentos antecipados e obstáculos que enfrentará (AJZEN; FISHBEIN, 1980; AJZEN, 1991; 2005; SCHROEDER; CHAPLIN; ISSELSTEIN, 2015; SENGER, 2016, FEITOSA, 2017; ROSA, 2018; DAXINI *et al.*, 2019).

No controle comportamental percebido, o indivíduo avalia sua capacidade de conseguir executar o comportamento que deseja. Sendo assim, quanto maior a percepção de controle comportamental percebido, maior será a probabilidade do desempenho do comportamento se concretizar (AJZEN, 1991; 2005; WILLOCK, 1999; MOUTINHO; ROAZZI, 2010; MARTINS; SERRALVO; JOÃO, 2014; SENGER, 2016).

Uma maior percepção de controle corresponde a uma maior probabilidade de que o desempenho do comportamento tenha êxito, e foi por esse motivo e justificativa, que Ajzen acrescentou o constructo de controle comportamental percebido na Teoria do Comportamento Planejado, o que acarreta maior confiabilidade e segurança na medição da intenção comportamental dos indivíduos (MOUTINHO; ROAZZI, 2010; MARTINS; SERRALVO; JOÃO, 2014; KRÜGER; GOULART; MINELLO, 2016).

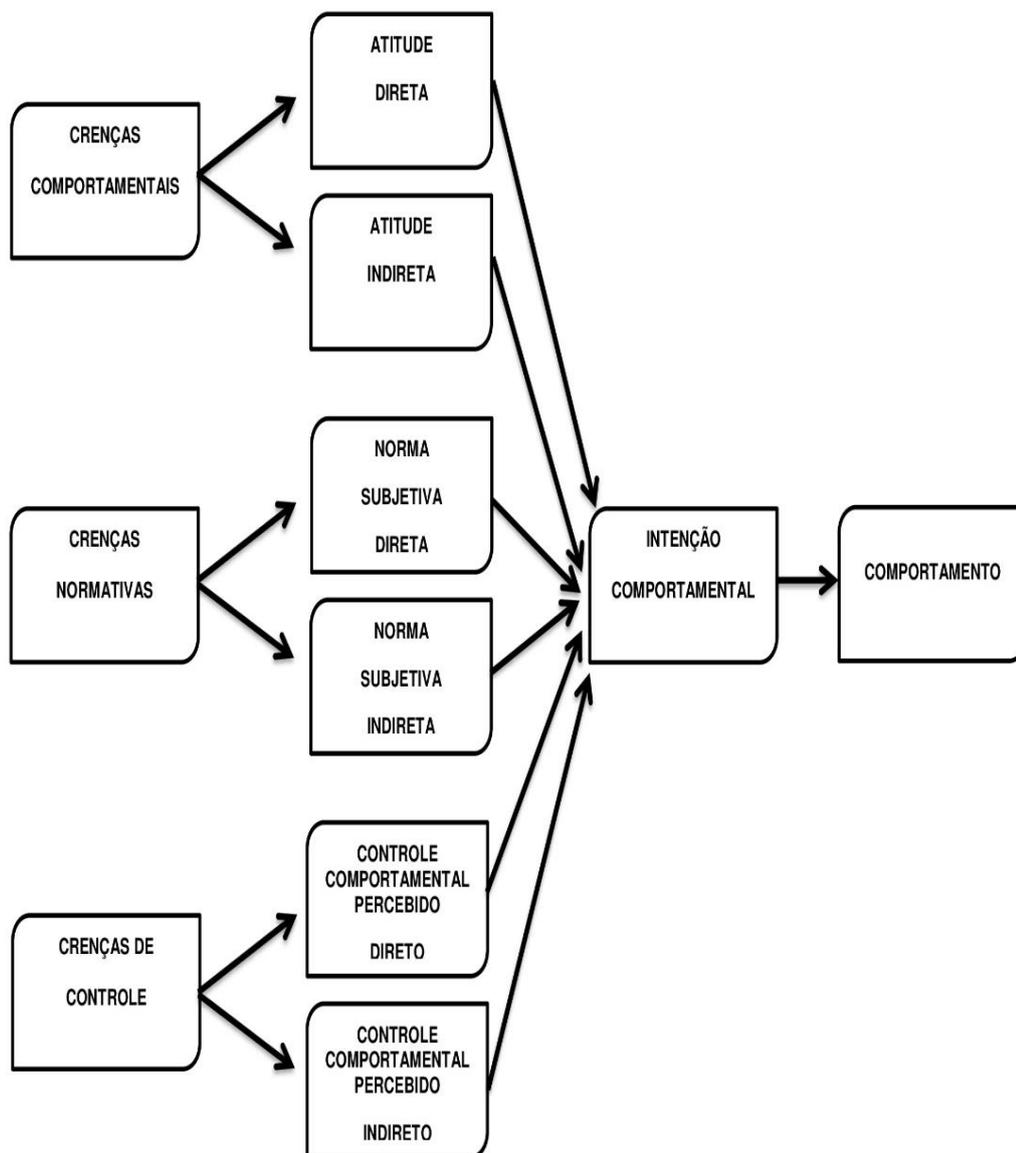
Martins, Serralvo e João (2014), Schroeder, Chaplin, Isselstein, (2015), Senger (2016), Rosa (2018) e Daxini *et al.* (2019) consideram que quanto mais favoráveis forem os constructos de atitude e a norma subjetiva, maior será o constructo de controle percebido, o que acarretará que mais forte será a intenção de um sujeito em realizar determinado comportamento.

Para Ajzen (1991) a intenção do indivíduo em expressar um determinado comportamento, terá efetividade no momento em que a atitude, norma subjetiva e o controle comportamental percebido manifestarem expressividade e significância.

É necessário ressaltar que cada tomada de decisão, situação e comportamento a expressividade de cada constructo é variável, visto que em determinada conjuntura a atitude poderá ter um como poderá ter vários impactos significativos, e o mesmo poderá ocorrer com a norma subjetiva e o controle comportamental percebido, sendo assim, os três preditores podem ter contribuições expressivas e interdependentes (AJZEN, 1991; SENGER, 2016;).

De acordo com Senger (2016), na Teoria do Comportamento Planejado as intenções comportamentais são originadas dos três constructos, que podem ser explicitados diretamente ou ainda derivar das crenças dos indivíduos como medidas indiretas como se pode observar na Figura 5, que apresenta as crenças da Teoria do Comportamento Planejado.

Figura 5 - Crenças da Teoria do Comportamento Planejado



Fonte: Adaptado de Ajzen (2005) e Senger (2016).

Portanto, para medir a intenção comportamental de indivíduos, faz-se necessário medir com o máximo de exatidão as crenças de atitude, de norma subjetiva e de controle comportamental percebido, e quanto mais expressivo e significativo cada um desses constructos for, maior será a clareza e a certeza da

intenção das pessoas por determinado comportamento. Dessa forma, a Teoria do Comportamento Planejado terá sucesso em sua aplicabilidade (MARTINS; SERRALVO; JOÃO, 2014; SENGER, 2016).

## 2.5 PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE TOMADA DE DECISÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES ENTRE DIVERSIFICAÇÃO OU ESPECIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ATRAVÉS DA TEORIA DO COMPORTAMENTO PLANEJADO

Além da base teórica apresentadas anteriormente, entendeu-se que havia a necessidade de identificar pesquisas publicadas sobre os temas desta tese, com o objetivo de identificar o que já foi debatido no meio científico e as lacunas deixadas pelos estudos já existentes.

Para mapear o conhecimento já existente sobre a Teoria do Comportamento Planejado na tomada de decisão dos agricultores familiares entre diversificar ou especializar a produção foi realizada uma revisão sistemática em artigos de periódicos das plataformas *Scopus* e *Web of Science*. Essa pesquisa consistiu na identificação, localização, compilação, análise e interpretação do conhecimento de fontes diversas como artigos e teses, com a finalidade de encontrar conhecimentos aprofundados sobre o tema pesquisado (KOLLER; COUTO; HOHENDORFF, 2014).

Após as pesquisas realizadas, notou-se que são frequentes as publicações sobre: tomada de decisão na agricultura, diversificação e especialização da produção, e Teoria do Comportamento Planejado. Entretanto, as pesquisas relacionando os temas são inexistentes.

Foram estruturados quatro quadros, com os resultados obtidos nas plataformas pesquisadas, dois quadros para cada plataforma, sendo um com palavras chaves e o outro de estudos de autoria ou coautoria de Icek Ajzen, o fundador da Teoria do Comportamento Planejado.

### 2.5.1 Resultados dos artigos selecionados por palavras-chaves da Plataforma Scopus

No primeiro quadro estão contidos resultados das consultas realizadas na plataforma *Scopus*, que é um dos maiores e mais expressivos bancos de dados de

artigos científicos. Essa plataforma seleciona artigos das principais revistas científicas mundiais. Após a consulta selecionou-se sete artigos, conforme consta no Quadro 1:

Quadro 1 - Dados dos artigos selecionados por palavras-chaves na Plataforma Scopus

<b>Plataforma: Scopus</b>				
<b>Nº</b>	<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Revista</b>	<b>País</b>
01	Marcello de Rosa, Gerard McElwee, Robert Smith,	Farm diversification strategies in response to rural policy: a case from rural Italy	Land Use Policy Volume 81, February 2019, Pages 291-301	Itália
02	Meike Weltin, Ingo Zasada, Christian Franke, Annette Piorr, Meri Raggi, Davide Viaggi.	Analysing behavioural differences of farm households: An example of income diversification strategies based on European farm survey data;	Land Use Policy Volume 62, March 2017, Pages 172-184	Alemanha
03	Rob Smith, Gerard McElwee, Peter Somorviller.	Illegal diversification strategies in the farming community from a UK perspective;	Journal of Rural Studies. Volume 53, July 2017, Pages 122-131	Reino Unido
04	Igor Senger, João Augusto Rossi Borges, João Armando Dessiomon Machado.	Using structural equation modeling to identify the psychological factors influencing dairy farmers' intention to diversify agricultural production	Livestock Science Volume 203, September 2017, Pages 97-105	Brasil
05	Julia C.D. Valliant, James R. Farmer, Stephanie L. Dickinson, Analena B. Bruce, Jennifer Meta Robinson.	Family as a catalyst in farms' diversifying agricultural products: A mixed methods analysis of diversified and non-diversified farms in Indiana, Michigan and Ohio;	Journal of Rural Studies Volume 55, October 2017, Pages 303-315	Estados Unidos
06	Ana – Isabel García – Arias, Ibán Vázquez- González, Francisco Sineiro – García, Mar Pérez –Fra.	Farm diversification strategies in northwestern Spain: Factors affecting transitional pathways	Land Use Policy Volume 49, December 2015, Pages 413-425	Espanha
07	Paul Wilson, Nicholas Hasper, Richard Darling.	Explaining variation in farm and farm business performance in respect to farmer behavioural segmentation analysis: Implications for land use policies	Land Use Policy Volume 30, Issue 1, January 2013, Pages 147-156	Reino Unido

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

É possível averiguar que os trabalhos selecionados são contemporâneos, considerando que o período de publicação ocorreu de 2013 a 2017. Todos os trabalhos foram publicados em revistas de notoriedade de âmbito científico. Percebe-se também, que as pesquisas não ocorreram em apenas um país, mais sim, em diversos países, o que demonstra que os temas estão sendo debatidos internacionalmente.

As pesquisas encontradas abordam a Teoria do Comportamento Planejado, agricultura familiar, tomada de decisão, diversificação e especialização, sendo que elas fazem ligação entre determinados temas, mas nenhum dos trabalhos relaciona todos os temas. Os trabalhos que utilizam a Teoria do Comportamento Planejado para medir a intenção comportamental dos indivíduos, utilizam os constructos da teoria para tal medição, principalmente na tomada de decisão nas mais variadas áreas.

### 2.5.2 Resultados dos artigos selecionados de autoria de Icek Ajzen da Plataforma Scopus

Sendo a base desta pesquisa a Teoria do Comportamento Planejado, sentiu-se a necessidade de pesquisar e identificar artigos do fundador dessa teoria, bem como observar nas suas pesquisas se há estudos que relacionem os temas desta tese.

Icek Ajzen é um psicólogo, escritor e pesquisador com diversos estudos contemporâneos (KARPUDEWAN; ROTH; SINNIH, 2016). Por esse motivo, a segunda pesquisa na Plataforma Scopus não foi realizada com palavras-chaves, mas pela autoria, com isso, obteve-se os resultados apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 - Dados dos artigos selecionados de autoria de Icek Ajzen na Plataforma Scopus

Plataforma: Scopus				
Nº	Autores	Título	Revista	País
01	Icek Ajzen.	The theory of planned behavior.	Organizational Behavior and Human Decision Processes Volume 50, Issue 2, December 1991, Pages 179-211	Estados Unidos
02	Icek Ajzen.	Attitudes, Traits, and Actions: Dispositional Prediction of Behavior in Personality and Social Psychology	Advances in Experimental Social Psychology Volume 20, 1987, Pages 1-63.	Estados Unidos
03	Icek Ajzen, Thomas J. Madden.	Prediction of goal-directed behavior: Attitudes, intentions, and perceived behavioral control.	Journal of Experimental Social Psychology Volume 22, Issue 5, September 1986, Pages 453-474.	Estados Unidos
04	Carol Ann Dalto, Icek Ajzen, Kalman J. Kaplan.	Self-disclosure and attraction: Effects of intimacy and desirability on beliefs and attitudes	Journal of Research in Personality Volume 13, Issue 2, June 1979, Pages 127-138	Estados Unidos
05	Icek Ajzen, Martin Fishbein.	The prediction of behavior from attitudinal and normative variables	Journal of Experimental Social Psychology Volume 6, Issue 4, October 1970, Pages 466-487	Estados Unidos

06	Icek Ajzen, Martin Fishbein.	The prediction of behavioral intentions in a choice situation	Journal of Experimental Social Psychology Volume 5, Issue 4, October 1969, Pages 400-416	Estados Unidos
----	------------------------------------	---	--	----------------

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

O resultado dessa consulta apresenta estudos mais longevos, de 1969 a 1991. Todos os artigos estão publicados em revistas de alta qualidade científica. As publicações ocorreram em periódicos americanos e a explicação para esse fenômeno pode ser o fato de que além de ser psicólogo social, Icek Ajzen é professor e pesquisador da *Universidade de Massachusetts Amherst*, localizada nos Estados Unidos, onde realiza inúmeras pesquisas as quais lhe trouxeram vários prêmios e títulos. Além disso, ele foi classificado como o cientista individual mais influente dentro da psicologia social (KARPUDEWAN; ROTH; SINNI AH, 2016). Por esses aspectos acredita-se que esse seja o motivo dos estudos serem publicados naquele país.

Os trabalhos abordam a Teoria do Comportamento Planejado e a utilização dos constructos da teoria para medir a intenção comportamental em várias áreas, mas nenhum aborda especificamente essa teoria como medidora de intenção comportamental dos agricultores familiares na tomada de decisão pela diversificação ou especialização da produção.

### 2.5.3 Resultados dos artigos selecionados por palavras-chaves da Plataforma *Web of Science*

Na sequência, realizou-se o mesmo roteiro das duas pesquisas anteriores, primeiramente, com palavras-chaves e, posteriormente, pesquisas pelo autor, mas desta vez na Plataforma *Web of Science*. Este é outro sítio que disponibiliza pesquisas de alta qualidade e inovadoras. Os resultados da consulta estão contidos no Quadro 3.

Quadro 3 - Dados dos artigos selecionados por palavras-chaves na Plataforma Web of Science

Plataforma: Web of Science				
Nº	Autores	Título	Revista	País
01	Amar Daxini, Mary Ryan, Cathal O'Donoghue, Andrew P Barnes.	Understanding farmers' intentions to follow a nutrient management plan using the theory of planned behaviour	Land Use Policy Volume: 85 Páginas: 428-437 Publicado: JUN 2019	Inglaterra
02	Nathall PL, Old Km.	Intuition, the farmers' primary	Journal Of Rural Studies	Inglaterra

		decision process. A review and analysis	Volume: 58 Páginas: 28-38. Publicado: FEB 2018	
03	Lili A. Schroeder, Steplen Chaplin, Johannes Issselstein.	What influences farmers' acceptance of agri-environment schemes? An ex-post application of the 'Theory of Planned Behaviour'	Landbau Forschung Volume: 65 Edição: 1, Páginas: 15-28 Publicado: MAR 2015	Alemanha

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Nessa plataforma obteve-se menos resultados que na anterior. Os trabalhos são recentes, de 2015 a 2019, e abordam a aplicabilidade dos constructos da Teoria do Comportamento Planejado para medir a intenção comportamental das pessoas. Mas, da mesma maneira que nas pesquisas antecedentes, os resultados não possuem o mesmo objetivo desta tese.

#### 2.5.4 Resultados dos artigos selecionados de autoria de Icek Ajzen da Plataforma *Web of Science*

Também, como na plataforma anterior, realizou-se pesquisa de publicações pela autoria do idealizador da Teoria do Comportamento Planejado. Da mesma forma, não se utilizou de critérios de periodicidade de publicação. Assim, obteve-se os resultados apresentados no Quadro 4.

Quadro 4 - Dados dos artigos selecionados pelo autor na Plataforma Web of Science

Plataforma: Web of Science				
Nº	Autores	Título	Revista	País
01	Francesco La Barbera, Icek Ajzen.	Moderating role of perceived behavioral control in the theory of planned behavior: A preregistered study	Journal Of Theoretical Social Psychology Volume: 5, Edição: 1 Páginas: 35-45 Publicado: JAN 2021.	Estados Unidos
02	Jaap Sok, João Rossi Borges, Peter Schmidt, Icek Ajzen.	Farmer Behaviour as Reasoned Action: A Critical Review of Research with the Theory of Planned Behaviour	Journal Of Agricultural Economics Volume: 72, Edição: 2 Páginas: 388-412 Publicado: JUN 2020.	Estados Unidos
03	Icek Ajzen.	The theory of planned behavior: Frequently asked questions	Human Behavior and Emerging Technologies Volume: 2, Edição: 4 Páginas: 314-324 Publicado: OCT 2020	Estados Unidos
04	Michael Bosnijak, Icek Ajzen, Peter Schmidt.	The Theory of Planned Behavior: Selected Recent Advances and Applications	Europes Journal of Psychology Volume: 16, Edição: 3 Páginas: 352-356 Publicado: AUG 2020	Alemanha
05	Francesco La Barbera,	Control Interactions in the Theory of Planned Behavior:	Europes Journal of Psychology	Alemanha

	Icek Ajzen.	Rethinking the Role of Subjective Norm	Volume: 16, Edição: 3 Páginas: 401-417 Publicado: AUG 2020	
06	Icek Ajzen, Ariei Kruglanski.	Reasoned Action in the Service of Goal Pursuit	Psychological Review Volume: 126, Edição: 5 Páginas: 774-786 Publicado: OCT 2019	Estados Unidos
07	Icek Ajzen, Martin Fishbein, Sophie Lohmann, Dolores Albarracin	The influence of attitudes on behavior	Handbook of Attitudes, Vol 1: Páginas: 197-255 Publicado: 2019	Inglaterra
08	Icej Ajzen, Sana Sheik.	Action versus inaction: anticipated affect in the theory of planned behavior	Journal of Applied Social Psychology Volume: 46, Edição: 5 Páginas: 313-314 Publicado: MAY 2016	Estados Unidos
09	Holger Steinmetz, Michael Knappstein, Icek Ajzen, Peter Schmidt, Ruediger Kabst.	How Effective are Behavior Change Interventions Based on the Theory of Planned Behavior? A Three-Level Meta-Analysis	Zeitschrift Fur Psychologie-Journal of Psychology Volume: 224, Edição: 3 Páginas: 216-233 Publicado: 2016	Alemanha
10	Icej Ajzen, Sana Sheik.	Action versus inaction: anticipated affect in the theory of planned behavior	Journal of Applied Social Psychology Volume: 43, Edição: 1 Páginas: 155-162 Publicado: JAN 2013	Estados Unidos
11	Icej Ajzen	Martin Fishbein's legacy: The reasoned action approach	Annals of The American Academy of Political and Social Science Volume: 643, Páginas: 267-267 Publicado: SEP 2012	Estados Unidos
12	Icek Ajzen, Nicholas Joyce, Sana Sheik, Nicole Gilbert Cote.	Knowledge and the Prediction of Behavior: The Role of Information Accuracy in the Theory of Planned Behavior	Basic and Applied Social Psychology Volume: 33, Edição: 2 Páginas: 101-117 Publicado: 2011	Estados Unidos
13	Icek Ajzen.	The theory of planned behaviour: Reactions and reflections	Psychology and Health Volume: 26, Edição: 9 Páginas: 1113-1127 Publicado: 2011.	Inglaterra
14	Icek Ajzen, Cornelia Czasch, Michael G. Flood.	From Intentions to Behavior: Implementation Intention, Commitment, and Conscientiousness	Journal of Applied Social Psychology Volume: 39, Edição: 6 Páginas: 1356-1372 Publicado: JUN 2009.	Estados Unidos

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Nessa plataforma, a consulta por palavras-chaves é a que se obteve o menor índice de publicações de todas as consultas, já na de autoria de Icek Ajzen obteve-se o maior volume.

Diferentemente do repositório anterior, neste, os trabalhos são contemporâneos. Os periódicos no qual os estudos foram publicados são

importantes e de alta credibilidade. Ainda, diferentemente da anterior, as publicações ocorreram em vários países e não apenas nos Estados Unidos. Mas, igualmente a todas as demais consultas, não foi localizado nenhum trabalho que relaciona a Teoria do Comportamento Planejado como medidora de intenção comportamental de agricultores familiares na tomada de decisão entre a diversificação ou especialização produtiva. Mesmo que em outras áreas, percebeu-se que para medir a intenção comportamental faz-se necessária a utilização dos constructos dessa teoria.

### **2.5.5 Análise dos resultados da revisão sistemática**

Após a realização de revisão sistemática nas plataformas *Scopus* e *Web of Science* identificou-se um rico catálogo de estudos sobre a Teoria do Comportamento Planejado, e destes vários com forte ligação na agricultura familiar, na tomada de decisão, na diversificação e especialização de culturas, principalmente na pesquisa pela autoria, com abundante base conceitual sobre a teoria.

Nas consultas realizadas por palavras-chaves, percebeu-se que houve um aumento de pesquisas sobre a temática no ano de 2018, mas voltando a uma estagnação após esse período. Outro fato que chama atenção, é que há trabalhos em diversos países e várias áreas sobre o assunto.

Já na pesquisa realizada pelo autor da Teoria do Comportamento Planejado, Icek Ajzen, percebeu-se que psicólogo está ativo com pesquisa e publicações. Suas pesquisas são realizadas em diversos países e sobre as localidades de publicação, grande parte ocorreu nos Estados Unidos, país em que Ajzen reside.

Um fenômeno que merece ser destacado, é que na plataforma *Scopus* o número de trabalhos publicados de autoria ou participação são menores, também são estudos mais antigos e com menos autores participantes. Já na plataforma *Web of Science* o número de trabalhos de Ajzen são mais expressivos, contemporâneos e com mais participantes.

Foi possível observar que há várias publicações sobre a Teoria do Comportamento Planejado, tomada de decisão, agricultura familiar, diversificação e especialização da produção, mas nenhum que relaciona todos os temas em uma pesquisa. Nesses estudos, os autores apontam que a utilização dessa teoria serve como estratégia para compreender as intenções comportamentais de indivíduos em

sua decisão, dado positivo para esta tese, visto que comprova o ineditismo e originalidade.

Por outro lado, o fundador da Teoria do Comportamento Planejado, Icek Ajzen, em algumas publicações critica que há muitas pesquisas que não utilizam adequadamente a teoria em seus estudos. De acordo com ele, o pesquisador precisa conhecer toda aplicabilidade dessa teoria, para assim, ter uma maior exatidão nos resultados sobre a intenção dos indivíduos para um determinado comportamento.

Os estudos apontam que a intenção dos agricultores pela diversificação da produção é mais expressiva que a especialização. Muitos agricultores que utilizam a diversificação da produção trabalham com esse modelo como estratégia de segurança financeira. Por exemplo, quando uma cultura não estiver rentável, a outra cultura dá o suporte necessário para manter o equilíbrio financeiro. Além disso, são agricultores preocupados com o sustento da família.

As pesquisas concluíram que propriedades rurais as quais trabalham com o método da diversificação se desenvolvem mais que aquelas que produzem apenas uma cultura. A diversificação também serve como grande aliada do meio ambiente, uma vez que nesse sistema a rotação de culturas é frequente, fazendo com que o solo não sofra tanta degradação como na monocultura. As propriedades que produzem de forma diversificada, em sua maioria, são de pequenas áreas de terras, com agricultores jovens e com menos recursos. Esses agricultores têm maior preocupação com o futuro. Já agricultores mais velhos, com áreas maiores e mais recursos têm maior tendência a especializar e focar no presente.

Portanto, os resultados das consultas apresentam os constructos da Teoria do Comportamento Planejada de forma eficaz para medir e identificar a intenção comportamental de indivíduos. Com essa informação, conclui-se que é possível utilizar a Teoria do Comportamento Planejado para e medir a intenção comportamental dos agricultores familiares na tomada de decisão entre diversificar ou especializar a produção agrícola.

## 2.6 IDENTIFICAÇÃO DO MODELO TEÓRICO DE PESQUISA RESULTANTE DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DA PESQUISA SISTEMÁTICA

Através das pesquisas bibliográficas e de revisão sistemática, foi possível compreender que é plausível medir a intenção comportamental de indivíduos através dos constructos da Teoria do Comportamento Planejado.

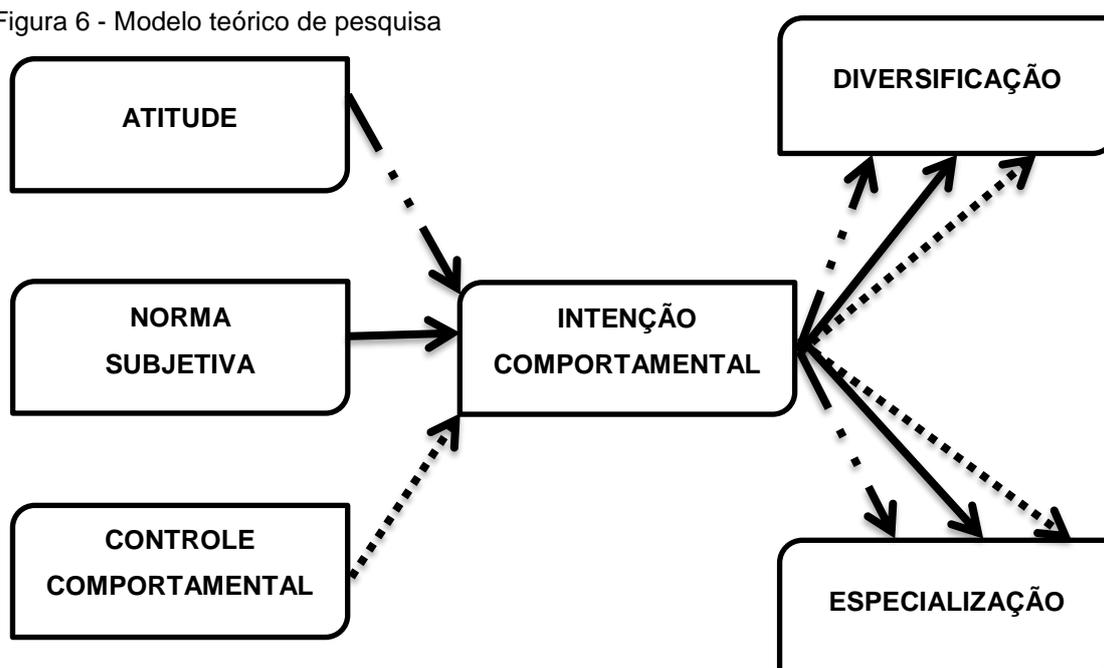
A pesquisa bibliográfica, juntamente com a pesquisa sistemática, além de servirem como bases teóricas sólidas e dar clareza ao pesquisador sobre o tema pesquisa, serviram para apresentar e definir do modelo teórico de pesquisa que serve para estudos futuros, como é o caso desta tese (CERVO; BERVIAN, 2002).

Após as pesquisas, identificou-se que quanto mais intenso e expressivo for cada constructo da teoria, maior será a intenção do indivíduo em efetivar determinado comportamento. Ainda, o constructo com maior intensidade é o principal responsável pela decisão de uma pessoa (AJZEN, 1991).

Portanto, a intensidade e expressividade dos constructos da Teoria do Comportamento Planejado é que o define e justifica a intenção comportamental do agricultor familiar em decidir pela diversificação ou especialização. E ainda, será possível saber o que o agricultor considera mais importante no momento de tomar uma decisão (SENGER, 2016).

Sendo assim, conforme a intensidade e expressividade dos constructos da Teoria do Comportamento Planejado será possível saber a intenção e o constructo definidor dos agricultores familiares em permanecer ou mudar de estilo produtivo, como está expresso na Figura 6.

Figura 6 - Modelo teórico de pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Será possível chegar às respostas para o problema desta pesquisa quando, ao final, se conseguir demonstrar nessa figura a intenção desses agricultores familiares em permanecer ou mudar seu formato produtivo.

Dessa maneira, com a identificação do modelo teórico de pesquisa, através da pesquisa de fundamentação teórica e da pesquisa de revisão sistemática, chega-se à conclusão de que a utilização da Teoria do Comportamento Planejado auxilia o pesquisador a identificar a intenção comportamental dos agricultores familiares na tomada de decisão pela diversificação ou especialização da produção.

Além disso, a Teoria do Comportamento Planejado também é capaz e poderá ajudar os agricultores a ter maior exatidão e clareza nas decisões, pois através dessa teoria eles serão capazes de medir as consequências, vantagens e desvantagens, a opinião da família, de amigos, vizinhos e equipe de atendimento técnico da propriedade, bem como, medir sua capacidade em diversificar ou especializar a sua produção (SENGER, 2016).

### 3 METODOLOGIA

A metodologia científica tem como princípio norteador a compreensão e análise do mundo através da construção do conhecimento (ECO, 1977; SEVERINO, 2004; SILVA, 2017). Dentro de uma pesquisa, como no caso desta tese, a metodologia científica é um conjunto de etapas e instrumentos pelos quais o pesquisador, determina e conduz a pesquisa com critérios de caráter científicos estabelecidos para alcançar respostas para o problema que se busca responder (LIMA, 2021). Na Grécia Antiga “*Methodos*” significava: “caminho para chegar a um fim”. Desse modo, pode-se afirmar que método é o caminho pelo qual se chega a um determinado resultado (SILVA, 2017). Os métodos científicos orientam o modo como o pesquisador planeja e conduz sua pesquisa em direção aos objetivos estabelecidos para responder o problema de estudo (ANDRADE, 2001; CRUZ; MEDEIROS, 2021).

#### 3.1 MÉTODOS

Esta tese caracteriza-se pela abordagem qualitativa, pois se objetivou procurar entender uma situação específica, detalhando e tratando-a. Buscou-se compreender e formar conclusões com dados explícitos e implícitos expressados pelos agricultores familiares entrevistados. Por esse motivo optou-se por essa modalidade, haja vista que estudos qualitativos têm a capacidade de responder questionamentos explorando diversos contextos sociais e dos indivíduos que ocupam esse espaço. Portanto, traços e realidades pessoais, relatos e outras informações não quantificáveis não seriam possíveis de serem investigados através de abordagens quantitativas (BERG, 2001).

Minayo (2002) expõe que pesquisas de caráter qualitativo trabalham com o universo de significados, de motivos, de aspirações, de crenças, de valores e de atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Por esse motivo essa pesquisa enquadrou-se como qualitativa, por não ser possível chegar a conclusões apenas com operacionalizações de variáveis numéricas.

Como finalidade, a pesquisa caracteriza-se como aplicada, haja vista pelo alinhamento do objetivo geral com a amostragem, no caso desta tese, os agricultores familiares entrevistados. De acordo com Pereira, Medina e Martins (2020, p. 32) “a pesquisa aplicada, por sua vez, refere-se à investigação concebida para desenvolver conhecimentos novos, com finalidades práticas”.

Uma das formas mais adequadas e eficazes de classificar uma pesquisa científica é através dos seus objetivos, ou seja, por meio do tipo de conhecimento que o pesquisador quer produzir (CERVO; BERVIAN, 2002). Com essa base e para atender o objetivo desta tese utilizou-se da pesquisa exploratória, visando uma maior proximidade com o universo do objeto de estudo, no caso os agricultores familiares, objetivou-se explorar o maior número de dados possíveis.

No quesito procedimentos, esta tese é marcada como bibliográfica e pesquisa de campo. Justifica-se a utilização da pesquisa bibliográfica pelo fato dela ter como objetivo contribuir para esta pesquisa através de diversos autores em livros, periódicos e outras publicações que já discutiram as temáticas aqui estudadas (BERG, 2001). Nesta tese, mais especificamente, utilizou-se a técnica de revisão sistemática. A finalidade dessa pesquisa foi a de identificar o que já foi publicado e debatido sobre os temas, o que se justifica pela importância da realização desse formato de pesquisa nesta tese. Após essa consulta foi possível comprovar o ineditismo e originalidade da tese, além de servir de base para a estruturação dos questionários que serão aplicados para os agricultores.

Após a realização da pesquisa bibliográfica, que objetivou identificar o que já foi pesquisado sobre o assunto estudado, realizou-se a pesquisa de campo. A pesquisa de campo, na perspectiva de Gonsalves (2001, p. 67), “é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre”.

Pelo fato de terem sido realizadas entrevistas com os agricultores familiares justifica-se a utilização dessa modalidade de pesquisa. As entrevistas ocorreram com roteiro definido (Apêndice I).

A pesquisa de campo nesta tese abrangeu 40 agricultores familiares, dos 20 municípios de cobertura do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – IDR da Regional de Toledo, sendo dois agricultores familiares por município, um agricultor familiar com produção diversificada e um com produção especializada.

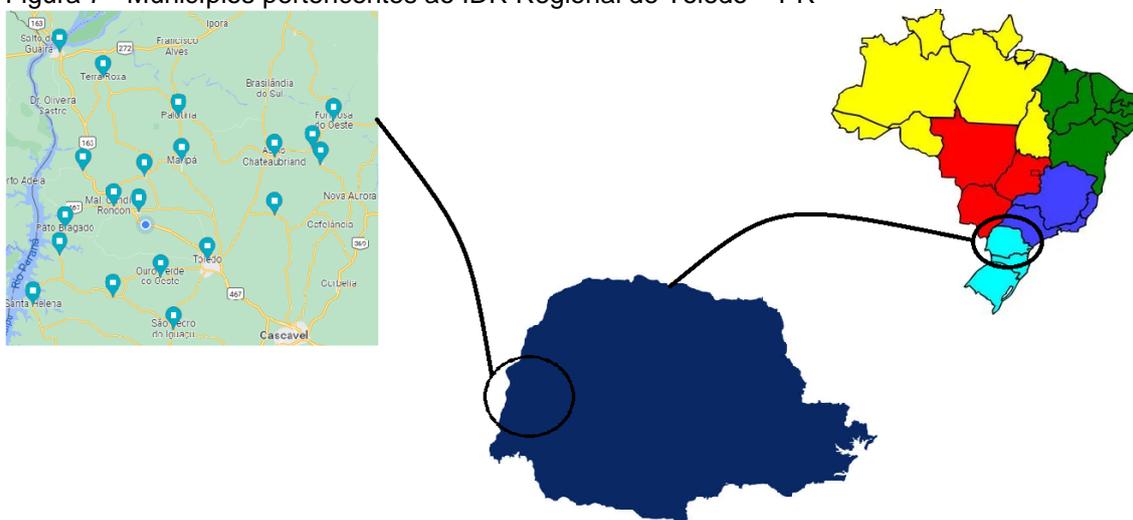
O IDR tem como missão prestar serviço integrado de pesquisa e experimentação agrícola, de assistência técnica e extensão rural, de fomento no meio rural e de expansão da base de agroecologia para a produção de alimentos de alta qualidade de forma ágil e eficiente (LEI 20.121, 2019). Optou-se em realizar a parceria da pesquisa com esse órgão em virtude de ele ser a maior instituição extensionista do Paraná, e pelo fato do desconhecimento do autor deste estudo com grande parte dos municípios abordados e sabendo da aproximação desse órgão com os agricultores familiares.

A escolha pela Regional do IDR de Toledo se deu, pois, de acordo com dados do IBGE, esta é uma das principais regiões agrícolas de caráter familiar não apenas do estado, mas do país (IBGE, 2017).

Atualmente, a realidade do Oeste do Paraná, especialmente na mesorregião de abrangência do IDR Regional de Toledo, é marcada por pequenas propriedades de terra de caracterização e trabalho familiar, com agricultores familiares com produção diversificada e outros com especializada (VANDERLINE; GREGORY; DEITOS, 2007; GREGORY, 2002; PFLUCK, 2002; STOFFEL; COLOGNESE, 2005).

Os municípios que fazem parte do IDR Regional de Toledo são: Assis Chateaubriand, Entre Rios do Oeste, Formosa do Oeste, Guaíra, Iracema do Oeste, Jesuítas, Marechal Cândido Rondon, Maripá, Mercedes, Nova Santa Rosa, Ouro Verde do Oeste, Palotina, Pato Bragado, Quatro Pontes, Santa Helena, São José das Palmeiras, São Pedro do Iguçu, Toledo, Terra Roxa e Tupãssi. A Figura 7 demonstra a região de pertencimento da amostragem dessa pesquisa.

Figura 7 - Municípios pertencentes ao IDR Regional de Toledo – PR



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Nesse sentido, a delimitação do campo de estudo se justifica pela expressividade da agricultura familiar, na qual é possível encontrar agricultores familiares que optam pela diversificação de culturas e também por aqueles que decidem pela especialização, haja vista que o problema dessa pesquisa é identificar a intenção comportamental desses agricultores familiares em permanecer ou mudar seu estilo de produção.

Objetivando a identificação das características metodológicas de forma assertiva, o Quadro 5, proporciona, de forma objetiva e sintetizada, a natureza da pesquisa, abordagem metodológica, objeto e campo de estudo.

Quadro 5 - Resumo do processo metodológico

<b>Natureza</b>	Aplicada e exploratória.
<b>Procedimentos</b>	Bibliográfica e pesquisa de campo.
<b>Abordagem metodológica</b>	Qualitativa.
<b>Objeto de estudo</b>	Agricultores familiares diversificados e especializados.
<b>Campo de estudo</b>	40 agricultores familiares, dos 20 municípios de cobertura do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – IDR da Regional de Toledo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Definiu-se por essa metodologia com o intuito de se ter resultados concretos e sólidos que sejam capazes de responder com segurança o problema proposto nesta pesquisa.

### 3.2 OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA

Primeiramente, o entrevistador e autor desta tese, apresentou-se, buscou informações e solicitou auxílio junto ao Gerente Regional do IDR de Toledo e Coordenador da Mesorregião Oeste, o qual prontamente se colocou à disposição, bem como dispôs sua equipe no apoio dessa pesquisa, afirmando, ainda, que o órgão tem grande interesse nos resultados deste estudo.

Por esse motivo e pelo fato do pesquisador desconhecer grande parte das localidades pesquisadas, a escolha dos agricultores familiares entrevistados foi definida pelos servidores dos IDR municipais ou por representantes das secretarias de agriculturas dos municípios que conhecem a realidade dos agricultores familiares indicados.

O cronograma de visitas e entrevistas junto aos agricultores familiares ocorreu do dia 24 de março de 2022 até o dia 09 de abril de 2022, com agendamento prévio dos técnicos do IDR ou das prefeituras com os agricultores familiares. A duração média de cada entrevista foi de uma hora e vinte minutos. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas fielmente conforme as falas dos entrevistados. Essas entrevistas ocorreram conforme detalhado no Quadro 6.

Quadro 6 - Cronograma de visitas e entrevistas realizadas

<b>Número da Entrevista</b>	<b>Data de Entrevista</b>	<b>Município</b>	<b>Modalidade</b>
01	24/03/2022	Nova Santa Rosa	Especialização
02	25/03/2022	Guáira	Diversificação
03	26/03/2022	Ouro Verde do Oeste	Diversificação
04	26/03/2022	Ouro Verde do Oeste	Especialização
05	30/03/2022	Quatro Pontes	Especialização
06	30/03/2022	Quatro Pontes	Diversificação
07	31/03/2022	Assis Chateaubriand	Especialização
08	31/03/2022	Assis Chateaubriand	Diversificação
09	31/03/2022	Iracema do Oeste	Especialização
10	31/03/2022	Iracema do Oeste	Diversificação
11	31/03/2022	Formosa do Oeste	Especialização
12	31/03/2022	Formosa do Oeste	Diversificação
13	31/03/2022	Jesuítas	Especialização
14	31/03/2022	Jesuítas	Diversificação
15	01/04/2022	Mercedes	Especialização
16	01/04/2022	Mercedes	Diversificação
17	01/04/2022	Terra Roxa	Diversificação
18	01/04/2022	Terra Roxa	Especialização
19	01/04/2022	Guáira	Especialização
20	04/04/2022	Palotina	Diversificação
21	04/04/2022	Palotina	Especialização
22	04/04/2022	Nova Santa Rosa	Diversificação
23	05/04/2022	Entre Rios do Oeste	Diversificação
24	05/04/2022	Entre Rios do Oeste	Especialização
25	05/04/2022	Pato Bragado	Diversificação
26	05/04/2022	Pato Bragado	Especialização
27	06/04/2022	Maripá	Especialização
28	06/04/2022	Maripá	Diversificação
29	06/04/2022	São José das Palmeiras	Diversificação
30	06/04/2022	São José das Palmeiras	Especialização
31	07/04/2022	São Pedro do Iguaçu	Diversificação
32	07/04/2022	São Pedro do Iguaçu	Especialização
33	07/04/2022	Marechal Cândido Rondon	Especialização
34	07/04/2022	Marechal Cândido Rondon	Especialização
35	07/04/2022	Toledo	Diversificação
36	08/04/2022	Santa Helena	Diversificação
37	08/04/2022	Santa Helena	Especialização
38	09/04/2022	Tupãssi	Especialização
39	09/04/2022	Tupãssi	Diversificação
40	09/04/2022	Toledo	Especialização

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

É necessário ressaltar que a classificação e definição desses agricultores familiares como diversificados ou especializados se deu através dos técnicos dos IDR, na ausência deles, ocorreu por parte de servidores das secretarias de agricultura dos municípios pesquisados.

Com objetivo de manter o anonimato dos agricultores familiares e a integridade das entrevistas no momento da tabulação dos dados esses agricultores de forma aleatória foram denominados como “entrevistados”, mais um número de um a 40 sendo do um aos 20 os agricultores familiares diversificados, e dos 21 aos 41 os agricultores especializados, e, ao final a letra D para os diversificados e a letra E para os especializados, ficando de acordo com os seguintes exemplos: “entrevistado 1 D”, “entrevistado 21 E”.

Duarte (2002, p. 141) aponta que de “um modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semiestruturadas”. Com isso, e para facilitar o trabalho do entrevistador e buscando isonomia na abordagem das entrevistas dos agricultores familiares, estruturou-se um roteiro de entrevistas, que foi dividido em cinco grupos de questionamentos, conforme demonstra o Quadro 7.

Quadro 7 - Indicadores do roteiro de entrevista

<b>GRUPO</b>	<b>INDICADORES</b>	<b>REFERÊNCIAS DE APOIO</b>
01	Caracterização dos entrevistados	Senger (2016); Machado (2017); Rosa (2018).
02	Intenção direta	Ajzen (1991); Ajzen (2005); Senger (2016).
03	Constructo de atitude	Ajzen (1991); Ajzen (2005); Senger (2016).
04	Constructo de norma subjetiva	Ajzen (1991); Ajzen (2005); Senger (2016).
05	Constructo de controle comportamental percebido	Ajzen (1991); Ajzen (2005); Senger (2016).

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

É importante salientar que o roteiro de entrevista, bem como toda a estruturação metodológica desta tese além do problema de pesquisa e dos objetivos, levou em consideração o modelo teórico de pesquisa envolvido neste estudo.

### 3.3 MODELO TEÓRICO DE PESQUISA

Esta tese conta modelo teórico de pesquisa dividido entre os constructos de intenção comportamental, ressaltando os constructos da Teoria do Comportamento Planejado: atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebido. Com base nos estudos de Senger (2016) e Silva (2019) identificou-se que esses constructos são capazes de medir a intenção comportamental dos agricultores.

Já a intenção comportamental é a decisão entre a diversificação e a especialização da produção, que foi mensurado após a medição dos constructos da Teoria do Comportamento Planejado, pois através da expressividade de cada constructo tornou-se possível saber qual deles é o definidor da intenção dos agricultores familiares na tomada de decisão entre produzir através da diversificação ou da especialização e as intenções em mudar seu formato produtivo (AJZEN, 1991).

O Quadro 8 apresenta os constructos e sua base teórica, já o Quadro 9 expõe a intenção comportamental com a base teórica.

Quadro 8 - Constructos e sua base teórica

<b>Constructo</b>	<b>Autor e ano</b>
Atitude	Ajzen (1991); Ajzen (2005); Ajzen e Sheikh (2016); Senger (2016).
Norma Subjetiva	Ajzen (1991); Ajzen (2005); Ajzen e Sheikh (2016); Senger (2016).
Controle Comportamental Percebido	Ajzen (1991); Ajzen (2005); Ajzen e Sheikh (2016); Senger (2016).

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A intenção comportamental está pautada nos estudos do fundador da Teoria do Comportamento Planejado e na pesquisa de Senger (2016), estudo mais próximo ao objetivo desta tese identificado no meio científico.

Quadro 9 - Intenção comportamental e sua base teórica

<b>Intenção Comportamental</b>	<b>Autor e ano</b>
Diversificação	Senger (2016).
Especialização	Senger (2016).

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Já as intenções comportamentais, estão asseguradas em Senger (2016), haja vista que não foram identificados estudos que utilizam a Teoria do

Comportamento Planejado para medir a intenção comportamental dos agricultores familiares em diversificar ou especializar a produção, sendo o estudo de Senger (2016) o que mais se aproxima ao objetivo desta tese.

Após a definição clara do modelo teórico de pesquisa, elaborou-se o roteiro de entrevistas, focando-se na etapa de análise e discussão dos resultados.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

O procedimento de análise de dados em uma pesquisa é uma etapa que requerem atenção e dedicação por parte do pesquisador, pois essa fase tem como objetivo organizar os dados de forma que possibilite o fornecimento de respostas ao problema de pesquisa (RODRIGUES; OLIVEIRA; SANTOS, 2021). Essa fase é composta por métodos e técnicas definidas de acordo com cada procedimento e realidade de pesquisa (MINAYO, 2002).

Neste estudo, além da análise de dados de forma descritiva, com o intuito de compreender as características das amostras investigadas, aplicou-se também, técnicas de mensuração de dados.

Após a coleta dos dados da pesquisa de campo, empregou-se a Análise de Modelagem de Equações Estruturais – MEE (*Structural Equation Models – SEM*), que tem como finalidade consolidar uma combinação de análise fatorial com análise de regressão múltipla, objetivando medir, simultaneamente, uma série de relações de dependência (BABIN; HAIR; BOLES, 2008; MALHOTRA, 2012). Será uma forma de explorar ao máximo o modelo teórico de pesquisa desta tese.

Para Pereira, Bigóis e Oliveira (2019, p. 04) “a SEM une técnicas multivariadas em um único método de análise e apresenta o resultado em um gráfico conhecido como diagrama de caminhos”.

Dentre a MEE optou-se em analisar através do método denominado: Mínimos Quadrados Parciais – MQP (*Partial Least Squares – PLS*) que objetiva maximizar as oscilações ilustradas nos construtos dependentes e, com isso, avaliar a qualidade dos dados com base nas propriedades do modelo de mensuração (BABIN; HAIR; BOLES, 2008; MALHOTRA, 2012; PEREIRA; BIGÓIS; OLIVEIRA, 2019).

A tabulação e análise foi realizada por meio do *software* MAXQDA versão 2022, de acordo com Nodari *et al.* (2014), esse *software* serve para análise de

dados qualitativos e métodos mistos em pesquisas acadêmicas, científicas e comerciais.

O Maxqda é um *software* criado em 1989, dentre suas principais funções e vantagens está a organização, avaliação e interpretação de dados coletados, permitindo e facilitando a criação de relatórios. Vale a pena ressaltar que o programa conta com ferramentas visuais, o que facilita a tabulação dos dados e a interpretação do leitor (NODARI *et al.*, 2014).

Nesta fase, os testes foram realizados em duas etapas: a primeira etapa visava à adequação do modelo de mensuração para a verificação da confiabilidade, validade convergente e a validade discriminante; já a segunda etapa teve como finalidade a verificação do modelo estrutural, sendo que nesta tese o modelo estrutural foi o reflexivo. Para Jarvis, Mackenzie, Podsakoff (2003), nesse modelo a direção de causalidade vai do construto para seus indicadores latentes.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo tem por objetivo analisar e discutir os resultados alcançados com as entrevistas realizadas com os agricultores familiares residentes na abrangência do IDR regional de Toledo, e, principalmente, identificar e evidenciar quais são as intenções comportamentais desses agricultores familiares na tomada de decisão pela diversificação ou especialização da produção.

Os resultados estão expostos em três etapas, a primeira aborda as características sociodemográficas da amostra, já no segundo momento apresentam-se os resultados da medição da intenção comportamental dos constructos de atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebido. Por fim, já com esses dados disponíveis, analisa-se a intenção comportamental direta dos agricultores familiares entrevistados. Munido desses resultados, tornou-se possível afirmar e se há ou não intenção por parte dos agricultores familiares em mudar seu estilo produtivo e quais são as intenções comportamentais, bem como, apontar qual grupo está mais propenso a essa alteração, e, principalmente, identificar qual constructo é responsável por tal decisão.

### 4.1 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS AGRICULTORES FAMILIARES

Foram realizados contatos com IDR ou prefeituras dos municípios para definição e apoio na escolha dos agricultores entrevistados, haja vista o desconhecimento por parte do pesquisador perante os atores interrogados. Ao chegar à propriedade das famílias os membros elencavam o responsável da propriedade para participar da entrevista.

Mesmo que os municípios escolhidos tenham suas semelhanças, eles também apresentam diferenças, como: tamanho do território, idade, quantitativo populacional, valor bruto de produção e entre outros, como demonstra a Figura 8.

Figura 8 - Realidade dos municípios pertencentes ao IDR Regional de Toledo – PR

MUNICÍPIO	IDADE (2022)	TERRITÓRIO (km²)	POPULAÇÃO (estimada 2021)	POPULAÇÃO (censo 2010)	POPULAÇÃO URBANA (censo 2010)	POPULAÇÃO RURAL (censo 2010)	VBP 2019
Assis Chateaubriand	56	980,727	33.306	33.025	29.013	4.012	975.770.163,00
Entre Rios do Oeste	30	120,967	4.651	3.926	2.642	1.284	210.761.036,00
Formosa do Oeste	62	275,712	6.345	7.541	4.970	2.571	357.219.434,00
Guaíra	71	563,742	33.497	30.704	28.206	2.498	297.252.218,00
Iracema do Oeste	30	81,538	2.578	2.216	2.002	576	210.761.036,00
Jesuítas	40	247,496	8.251	9.001	6.070	2.931	357.660.381,00
Marechal Cândido Rondon	62	745,748	54.031	46.819	39.147	7.672	1.032.266.427,00
Maripá	30	283,793	5.562	5.684	3.262	2.422	442.916.459,00
Mercedes	30	197,136	5.617	5.046	2.439	2.607	201.473.018,00
Nova Santa Rosa	46	204,665	8.311	7.626	5.315	2.311	490.681.464,00
Ouro Verde do Oeste	33	293,042	6.036	5.692	4.039	1.653	270.861.595,00
Palotina	62	651,238	32.389	28.683	24.646	4.037	908.465.104,00
Pato Bragado	30	135,600	5.755	4.822	2.993	1.829	222.632.257,00
Quatro Pontes	30	114,393	4.043	3.803	2.437	1.366	271.103.759,00
Santa Helena	55	754,701	27.036	23.413	12.586	10.827	976.816.417,00
São José das Palmeiras	37	197,136	5.617	3.830	2.411	1.419	127.657.310,00
São Pedro do Iguaçu	30	308,324	5.745	6.491	4.055	2.436	210.683.372,00
Toledo	71	1.198,049	144.601	119.313	108.259	11.054	2.214.196.496,00
Terra Roxa	61	800,807	17.562	16.759	12.801	3.958	501.594.907,00
Tupãssi	40	299,769	8.105	7.997	6.286	1.711	358.553.625,00
<b>MÉDIA</b>	<b>45,3</b>	<b>422,7292</b>	<b>20.951,9</b>	<b>18.619,55</b>	<b>15.178,95</b>	<b>3.458,7</b>	<b>531.966.323,9</b>

Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

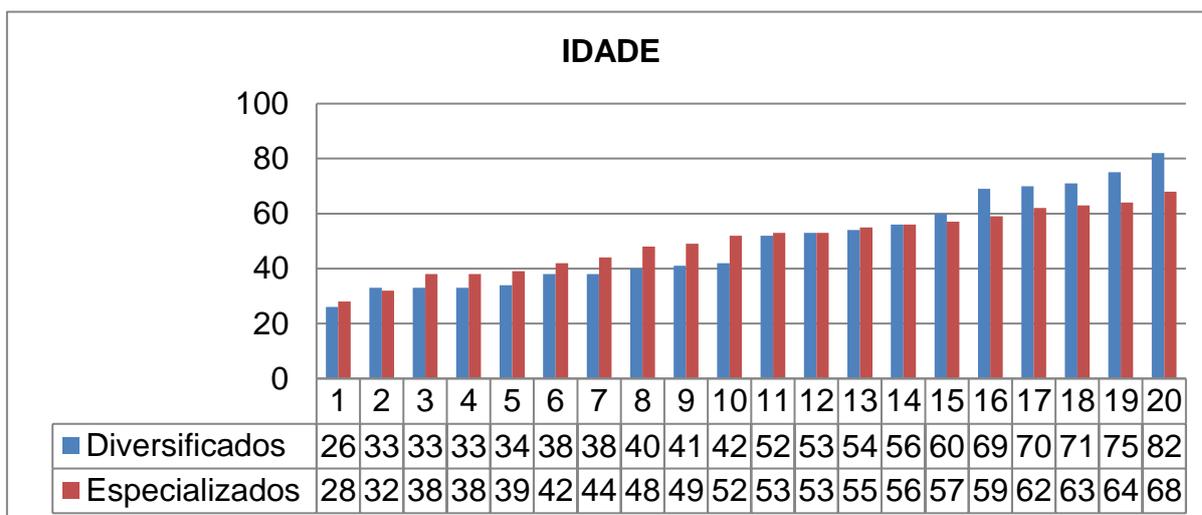
A fomentação dos dados se deu através do último Censo Populacional que ocorreu em 2010, do último Censo Agropecuário que ocorreu em 2017, dos cadernos estatísticos do ano de 2022 do IPARDES, e dos relatórios do Departamento de Economia Rural – DERAL, do Governo do Estado do Paraná.

A figura apresenta a realidade, as semelhanças e diferenças dos 20 municípios pesquisados, todos com suas peculiaridades, mas se assemelham quando o assunto é agricultura, como demonstra os bons números do Valor Bruto de Produção – VBP. De acordo com a coordenação regional do IDR de Toledo, quanto maior o VBP do município, mais expressivo é a diversificação agrícola daquela localidade, quanto maior o número de culturas de uma localidade, maior será o valor bruto da produção.

Dos quarenta entrevistados, apenas seis foram mulheres, uma pertencendo aos agricultores familiares de caráter diversificados e cinco dos especializados. Uma presunção para esse fenômeno podem ser os contextos históricos ligados ao enraizamento da colonização da região Oeste do Paraná, marcada pelo patriarcado (PFLUCK, 2002; VANDERLINE; GREGORY; DEITOS, 2007).

Identificou-se que, tanto no caso dos agricultores familiares diversificados quanto nos especializados, a média de idade dos agricultores é de 50 anos. No Gráfico 1 é possível verificar a idade dos agricultores.

Gráfico 1 - Idade dos agricultores familiares



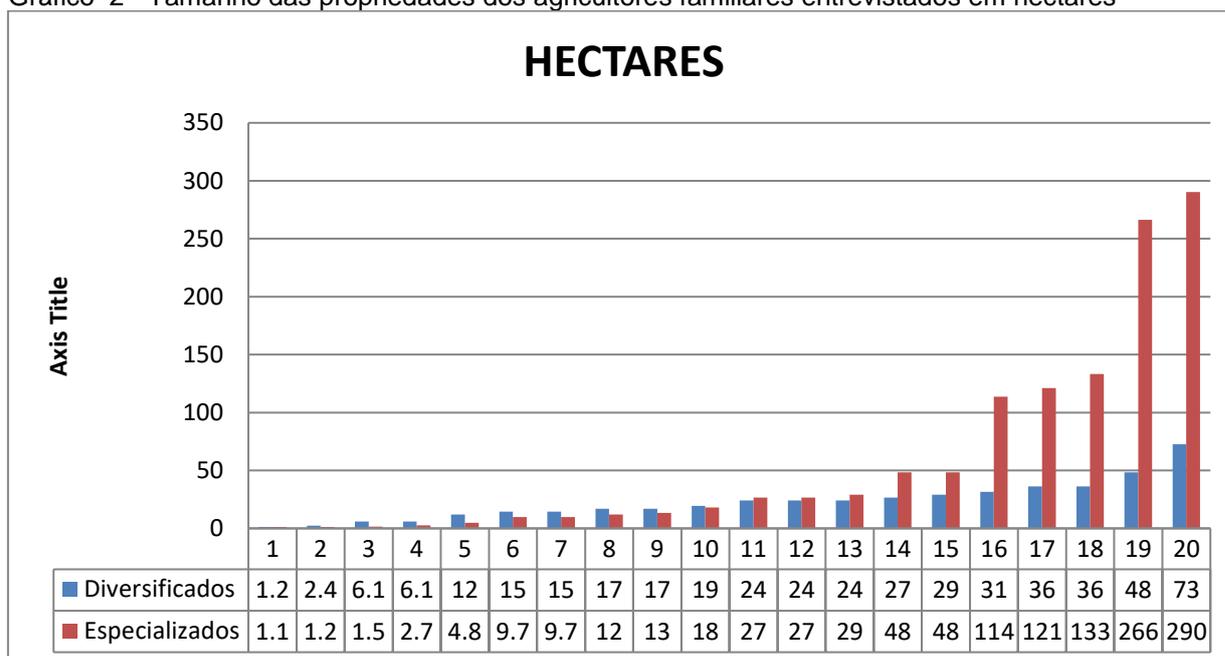
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Curiosamente, a média de idade dos entrevistados dos dois grupos ficou em 50 anos, além disso, nota-se que o agricultor mais jovem (26 anos) e o agricultor mais velho (82 anos) pertencem ao grupo dos agricultores familiares com produção diversificada. Também há mais agricultores diversificados acima dos 70 anos que no grupo de agricultores especializados.

Mishra, El-Osta e Sandretto (2004) e Meraner *et al.* (2015) expõem em seus estudos, que agricultores familiares mais jovens possuem maiores tendências à diversificação que à especialização da produção em suas propriedades. Entretanto, nesta pesquisa, essa informação não pode ser confirmada, pela proximidade de idades entre os dois grupos de agricultores, inclusive com média de idade igual.

Diversos autores, como: Abramovay (1992), Ploeg (2016) Lamarche (1999), Schneider (2003) e Veiga (2007) apontam que a agricultura familiar possui como peculiaridade os pequenos espaços de terras que utilizam para produzir, acompanhada ao trabalho de composição familiar. Nesse sentido, o Gráfico 2 apresenta o tamanho das propriedades dos agricultores familiares entrevistados.

Gráfico 2 - Tamanho das propriedades dos agricultores familiares entrevistados em hectares



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Observa-se que o agricultor familiar com a menor propriedade é pertencente ao grupo de especializados e o agricultor familiar com a maior área de terra também é desse grupo.

A média de hectares dos agricultores familiares com produção diversificada é de 23,17 hectares, já a dos agricultores familiares na modalidade especialização é de 58,89 hectares. Além da média geral, alguns agricultores especializados possuem grandes frações de terras, com destaque para três agricultores que possuem mais de 100 hectares e dois que possuem mais de 200 hectares de terra.

Essa informação vem ao encontro dos resultados obtidos nas pesquisas de Vik e McElwee (2011), Mishra, El-Osta e Sandretto (2004), Benjamin e Kimhi (2006) e Senger (2016) os quais apontam que as propriedades rurais menores são mais propensas para o trabalho no formato de diversificação da produção agrícola.

Investigou-se sobre a quantia de trabalhadores (familiares ou funcionários) nas propriedades desses agricultores familiares. O Gráfico 3 apresenta esse quantitativo de trabalhadores. Antes, é necessário ressaltar que as pessoas residentes na propriedade, mas que não atuam nos afazeres, bem como, crianças e adolescentes foram desconsiderados nesse levantamento.

Gráfico 3 - Quantitativo de trabalhadores nas propriedades dos agricultores familiares entrevistados



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Notoriamente um dos agricultores familiares entrevistados destaca-se pela quantia de trabalhadores na propriedade. Dos 29 trabalhadores dessa propriedade, nove são membros da família e 20 são funcionários. O que diferencia esse agricultor dos demais é o fato dele ser especializado no cultivo de flores, mais especificamente em orquídeas, cultura que requer habilidades detalhistas e de forma manual, além da venda na propriedade, o agricultor comercializa em exposições e via comércio eletrônico, tanto nacional quanto internacionalmente.

Curiosamente, esse agricultor que possui o maior número de trabalhadores na propriedade, é o que possui a menor área de terra de todos os entrevistados. Isso demonstra que nem sempre o tamanho e o quantitativo de culturas requerem mais trabalhadores.

No contexto geral, as propriedades com diversificação de culturas possuem a média de 3,45 trabalhadores, já nas propriedades especializadas a média é de 3,85 trabalhadores. Se desconsiderar a propriedade especializada em orquídeas que possui número superior de servidores do cálculo da média, a qual se pode considerar exceção, o quantitativo médio de trabalhadores em propriedades especializadas é de 2,53 trabalhadores, inferior ao total das áreas diversificadas. Informação essa que corrobora os estudos de Benjamin e Kimhi (2006), Meraner *et al.* (2015) e Senger (2016) os quais concluem que propriedades com maior número de trabalhadores tendem a trabalhar com o formato de diversificação.

Dos 20 agricultores familiares diversificados, apenas três possuem funcionários que não pertencem ao clã familiar, todos com dois funcionários registrados. Por outro lado, dos 20 agricultores familiares especializados, cinco possuem funcionários, o agricultor considerado exceção, que possui o total de 20 servidores, outros dois agricultores familiares que possuem dois colaboradores e dois que possuem um funcionário. Portanto, conclui-se que a agricultura familiar de caráter diversificada, conta com mais integrantes familiares que pessoas externas à família, e mesmo que na agricultura familiar especializada há mais agricultores com servidores, o índice não é tão expressivo.

Nesta pesquisa buscou-se identificar também quais os itens produzidos pelos agricultores familiares entrevistados. Foram elencados 61 produtos. Os agricultores familiares com formato produtivo diversificado cultivam 59 tipos, já os agricultores familiares especializados produzem 12 variedades de produtos.

O cenário produtivo dos agricultores familiares de caráter diversificado tem o milho como as culturas mais produzidas, dos 20 entrevistados, 16 produzem essa cultura. Mas é necessário destacar, que nesse grupo há quem produza o milho para comercialização em empresas privadas ou cooperativas, também há a produção de milho de mesa, que é vendido para programas de alimentação escolar ou feiras e o milho que é utilizado para a transformação em silagem para o trato dos animais. O fato do milho ter várias formas de comercialização e transformação em alimento para os animais faz com que ele esteja no topo da lista de produção.

Na sequência está a soja, produzida por 13 agricultores diversificados entrevistados, esse fato demonstra que mesmo que esse grupo de agricultores produzam diversos itens, as *commodities* tradicionais da região acabam prevalecendo.

Frangos de corte são produzidos em oito propriedades diversificadas. A bovinocultura de leite e a suinocultura de corte estão presentes no cotidiano de sete entrevistados com produção focada na diversificação. Já a bovinocultura de corte e o trigo foram identificados em seis propriedades diversificadas. Outros cinco agricultores familiares diversificados afirmaram que produzem feno, fortemente ligado aos produtores de suínos que utilizam a grama para dar destino aos dejetos e aproveitam para ter mais uma renda.

Acerola, ovos e piscicultura apresentaram-se quatro vezes como fonte de renda pelos agricultores familiares diversificados. Na sequência, banana, mandioca

e queijo foram apontados três vezes cada como produtos presentes na agricultura familiar diversificada. Ressalta-se que da mesma maneira que o milho, a mandioca foi elencada de três formas distintas: comercialização para transformação de amido em empresas privadas ou cooperativas, mandioca de mesa comercializada para alimentação humana e mandioca para trato de animais.

Alface, beterraba, bolacha, café, goiaba, laranja, limão, linguiça, melado, morango e repolho foram apresentados em duas propriedades diversificadas (cada) como produção. Por fim, abacate, abacaxi, aves ornamentais, banha, bergamota, cana de açúcar, caqui, cebola, cenoura, coco, colorau, couve-flor, couve-folha, cuca, doce de frutas, eucaliptos, geleia de frutas, jabuticaba, mamão, maracujá, mel, morcilha, pão, polpas de frutas, rabanete, reprodução e comercialização de novilhas, rúcula, salsinha, seriguela, sorgo, sorgo-vassoura, tomate, torresmo e turismo rural foram apresentados uma vez (cada) como atividades dos agricultores familiares diversificados.

Por outro lado, os agricultores familiares entrevistados no formato de produção especializada apresentaram 12 cultiváveis. Da mesma forma que o grupo anterior, os grãos também prevalecem como prioridade na produção dos agricultores especializados. Dos 20 entrevistados, sete são produtores de soja e a mesma quantia produz milho, demonstrando, novamente, que as *commodities* tradicionais da região são as prevalentes.

A bovinocultura de leite e a piscicultura são fonte de renda em três propriedades especializadas visitadas (cada). Já frangos de corte, fumo, linguiça, orquídeas, sorgo, suinicultura de corte e trigo foram apresentados como produto produzido uma vez em alguma das localidades especializadas pesquisadas.

As semelhanças nas produções dos dois grupos de agricultores estão nas *commodities*, claramente essa cultura é prioridade, e com significativa expressão da exploração animal. Outra semelhança é quando se analisa o tipo da cultura e o tamanho das propriedades, sendo que os agricultores familiares, tanto diversificados quanto especializados, com maiores áreas de terra possuem como fonte principal a produção de grãos. Como diferenças pode-se destacar a produção de orquídeas e de fumo, culturas que foram identificadas apenas com os agricultores especializados, e um vasto volume de produtos distintos, ligados, principalmente, ao cotidiano alimentar humano e que são produzidos pelos agricultores familiares diversificados.

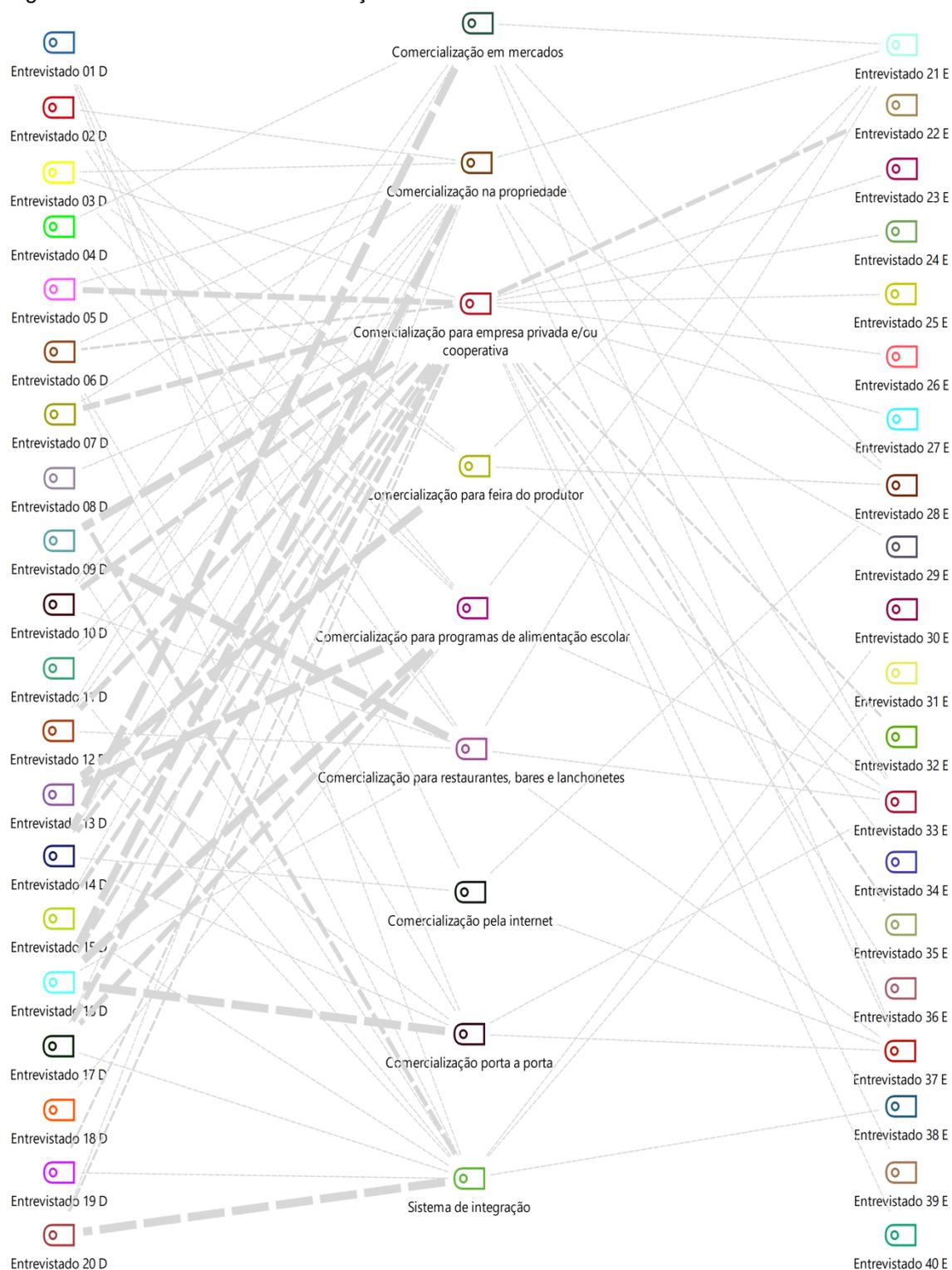
Comparar esses dados com outros estudos torna-se difícil, haja vista, e como já foi mencionado durante esta pesquisa, que não foram identificados estudos que abordam a Teoria do Comportamento Planejado e a mudança produtiva por parte de agricultores diversificados, as poucas encontradas abordam a intenção de migrar da especialização para a diversificação, como exemplo pode-se citar os estudos de Senger (2016) e Silva (2019).

Na Figura 9 pode-se identificar a expressividade de cada cultura produzida e a quantia de cultiváveis produzidas por cada agricultor família entrevistado.



Já a Figura 10 apresenta as formas de comercialização dos produtos dos agricultores entrevistados.

Figura 10 - Formas de comercialização



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Foram identificadas nove formas de comercialização utilizadas pelos agricultores familiares entrevistados, sendo que, alguns agricultores empregam um ou mais modos para vender seus produtos.

Em ambos os grupos, a comercialização para empresas privadas ou cooperativas são as mais significativas e expressivas. Uma conjectura para esse fenômeno está ligada à proposição e os dados apresentados anteriormente de que *commodities* são prioridade no cultivo dos agricultores do Oeste do Paraná. Além disso, também se faz necessário considerar que essa região é rica em grandes cooperativas e empresas privadas que praticam a comercialização dessas *commodities*. Nas pesquisas de Senger (2016) e Silva (2019) a comercialização para cooperativas ou empresas privadas também eram propriedade para os agricultores.

Na sequência, com menos expressividade e com maior significância junto aos agricultores familiares diversificados, está a comercialização na propriedade. Nesse formato, a venda ocorre para os clientes que vão até a casa do agricultor para adquirir os produtos. Esse fenômeno ocorre pelo fato dos agricultores familiares diversificados produzirem número maior de culturas, sendo que grande parte destas estão ligadas à alimentação do cotidiano humano, diferente dos agricultores especializados que possuem maior foco em escalas comerciais pautadas em mercados maiores e nas *commodities*.

Com expressão semelhante e próxima à comercialização na propriedade, está a comercialização para programas de alimentação escolar. Esse tipo de venda ocorre em quase sua totalidade pelos agricultores familiares diversificados. Novamente, enaltece-se o fenômeno de esse grupo de agricultores produzirem alimentos do cotidiano humano que são utilizados na alimentação de estudantes. Os principais programas de comercialização desses agricultores são o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE e o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA, nas esferas municipal, estadual ou federal.

O sistema de integração entre agricultores e cooperativas está presente no cotidiano dos entrevistados, principalmente dos agricultores familiares diversificados. De acordo com os agricultores, essa forma de trabalho e comercialização é praticada pelo fato das propriedades serem de pequeno porte e o baixo montante financeiro disponível para eles investirem, por esse motivo a aliança com

cooperativas faz com que tenham condições de tornarem suas propriedades produtivas, rentáveis e sustentáveis.

Há um percentual de agricultores familiares, principalmente os diversificados, que possuem o hábito de comercializar seus produtos no formato “porta a porta”. Nesse modelo de negociação os agricultores familiares produzem e levam sua produção para venda com clientes definidos, pré-definidos ou sem definição. Como já apresentado anteriormente, principalmente os agricultores diversificados produzem vasto quantitativo de alimentos com características coloniais do cotidiano que são atrativos aos consumidores.

As vendas para restaurantes, bares e lanchonetes também são habituais na comercialização dos agricultores familiares, principalmente dos diversificados. Nesse processo de comercialização estão, principalmente, produtos utilizados em refeições, como hortifrúti, panificados e processados de leite, ovos e carne.

Com aproximadamente a mesma proporcionalidade e expressividade, e com os mesmos produtos que os agricultores familiares que comercializam para restaurantes, bares e lanchonetes, há alguns agricultores familiares entrevistados, novamente com mais intensidade os diversificados, que comercializam sua produção em supermercados.

Por fim, como menor forma de utilização, um pequeno volume de agricultores familiares entrevistados utiliza a internet para comercializar seus produtos, isso ocorre em quase sua totalidade através das redes sociais, e apenas um agricultor que possui plataforma própria ou utiliza outras plataformas de *e-commerce*. Esse agricultor familiar em destaque produz no formato especializado, é o mesmo que já foi enaltecido em outro momento desta pesquisa pelo volume de trabalhadores e a pouca área de terra que possui para cultivar orquídeas.

Portando, a realidade comercial dos agricultores familiares dessa pesquisa é idêntica aos estudos realizados por Senger (2016) e Silva (2019) os quais indicam que mesmo em contextos e cenários diferentes, os agricultores familiares também têm as cooperativas e as empresas privadas como destino principal de comercialização.

Após a análise e apresentação das características sociodemográficas dos agricultores familiares entrevistados, que é um momento importante para essa pesquisa, haja vista as circunstâncias desses dados estarem muitas vezes ligados

ao desenvolvimento das intenções desses agricultores familiares, algumas vezes explicitamente e outras implicitamente.

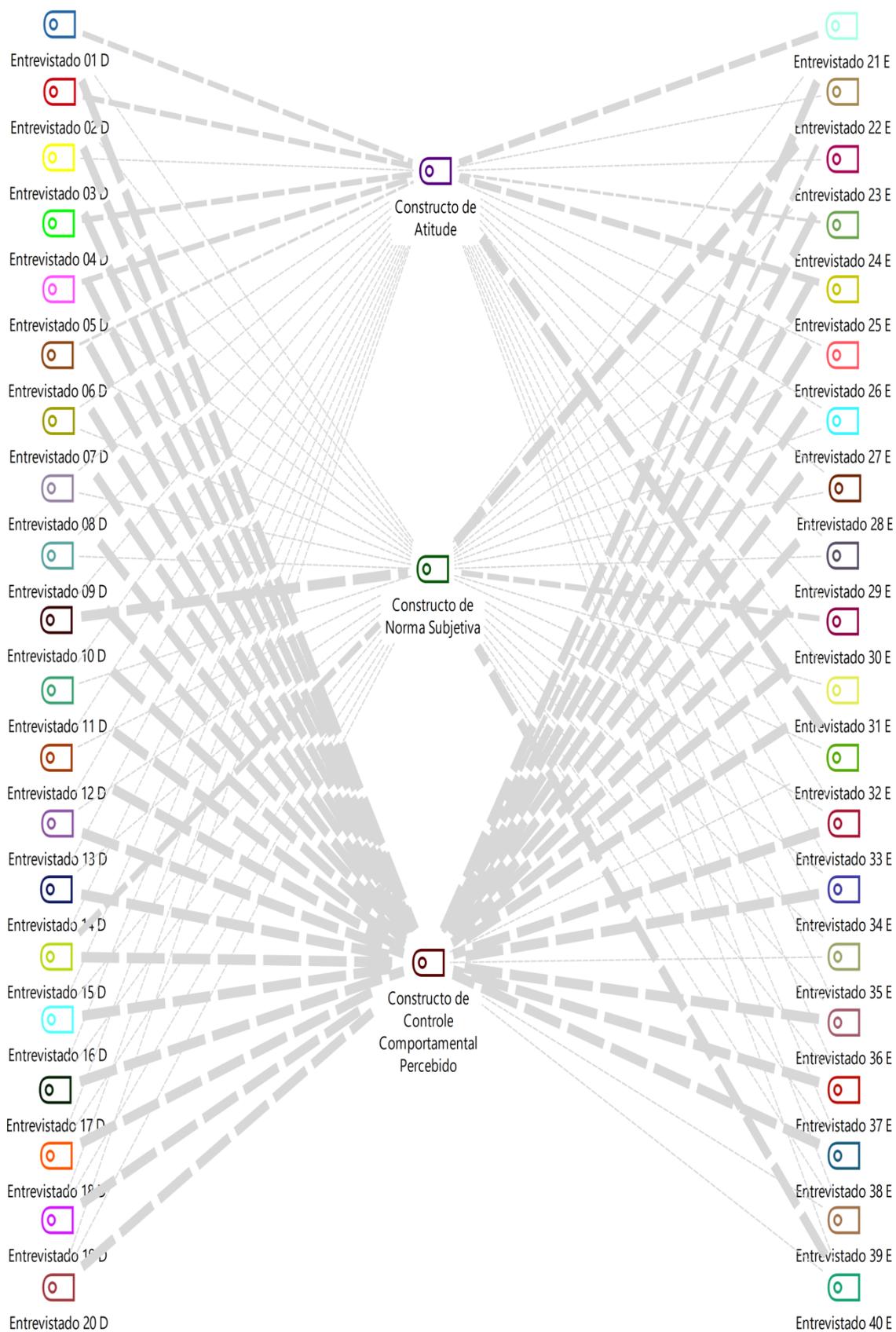
#### 4.2 MEDIÇÃO DA INTENÇÃO COMPORTAMENTAL

Nesta etapa da pesquisa são apresentados os resultados obtidos nas medidas da intenção comportamental dos entrevistados pela mudança do formato produtivo, através da Teoria do Comportamento Planejado.

Como já apresentado em outro momento desta pesquisa, a Teoria do Comportamento Planejado busca explicar a intenção comportamental dos indivíduos através dos seus três constructos, sendo atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebido. Para essa teoria, quanto mais favoráveis forem estes três constructos, mais forte deve ser a intenção de um indivíduo manifestar o comportamento analisado. Ainda, através dessa medição, torna-se possível considerar quais são as proposições que interferem na formação da intenção e na decisão desses agricultores, especialmente neste estudo, em manter-se ou mudar o formato produtivo (AJZEN, 1991).

Com a codificação das entrevistas, a expressividade dos constructos relacionada aos agricultores familiares entrevistados está exposta no cenário apresentado na Figura 11.

Figura 11 - Expressividade dos constructos



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Como já apresentado anteriormente, no *software* Maxqda a largura das linhas define a intensidade das respostas. Portanto, após a codificação das entrevistas foi possível identificar a intensidade de cada um dos três constructos da Teoria do Comportamento Planejado na tomada de decisão dos agricultores familiares pela permanência ou mudança do formato produtivo.

Em um contexto geral, buscou-se identificar tanto no grupo de agricultores familiares diversificados como no de agricultores familiares especializados a intensidade e expressividade de cada constructo, objetivando compreender a intenção na tomada de decisão pela permanência ou mudança do formato produtivo. Os resultados apontam para diferenças ínfimas entre os dois grupos de agricultores familiares entrevistados.

Observando a Figura 11 é evidente em ambos os grupos a expressividade e prominência do constructo de controle comportamental percebido como principal intercessor na tomada de decisão pela permanência ou mudança no estilo de produção. Esse constructo direciona a capacidade dos indivíduos, bem como as facilidades ou dificuldades percebidas pelos agricultores familiares em exibir seu comportamento, levando em conta as experiências passadas, bem como impedimentos antecipados e os obstáculos que enfrentará se tomar a decisão de manter ou mudar seu formato produtivo (AJZEN, 1991, SENGER, 2016).

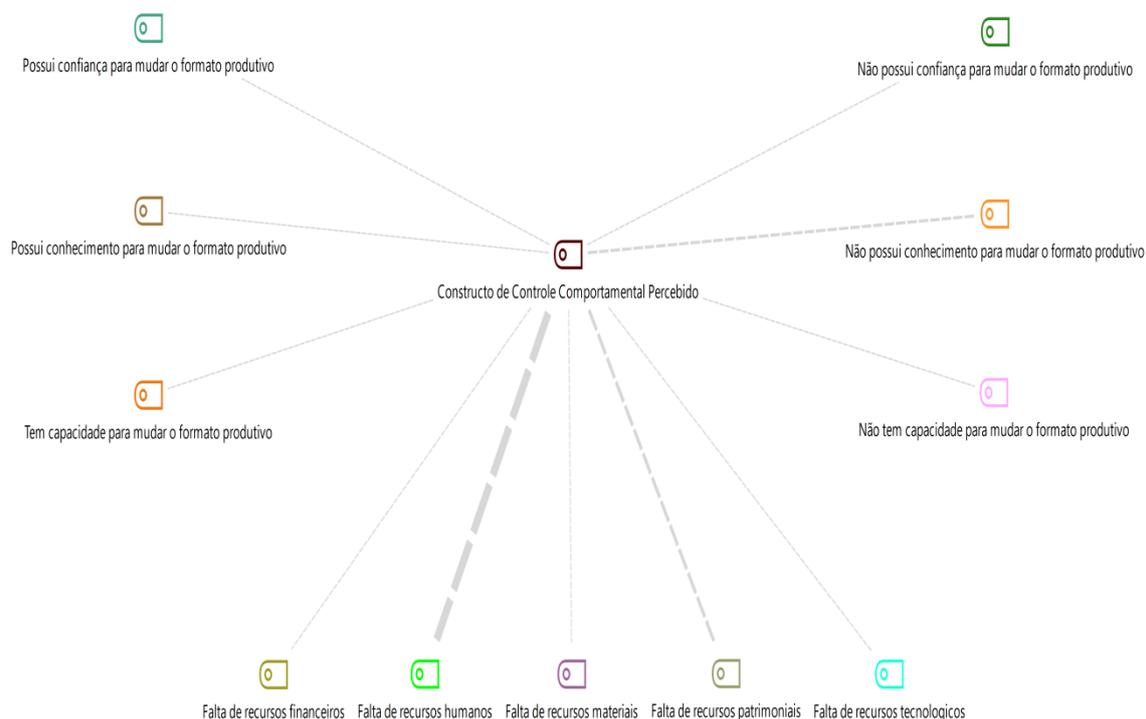
Estudos como os de Schroeder, Chaplin, Isselstein (2015), Senger (2016), Rosa (2018), Daxini *et al.* (2019) e Silva (2019) o constructo de controle comportamental percebido foi o com menor expressividade ou com igualdade aos demais, contrariando os resultados desta pesquisa.

#### **4.2.1 Constructo de controle comportamental percebido**

O constructo de controle comportamental percebido obteve 358 codificações, o que significa que durante as falas dos agricultores familiares entrevistados, 358 vezes apresentou-se indícios que direcionavam as respostas para esse constructo.

Identificou-se junto aos agricultores familiares entrevistados quais são as preposições que fizeram com que o constructo de controle comportamental percebido tenha tanta expressividade na intenção comportamental de manter ou mudar seu formato de produção. Essas preposições podem ser observadas na Figura 12.

Figura 12 - Preposições do constructo de controle comportamental percebido



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Os resultados das entrevistas apresentam três preposições favoráveis que direcionam a intenção comportamental para a alteração do formato produtivo e oito preposições desfavoráveis à mudança da atual forma de cultivo.

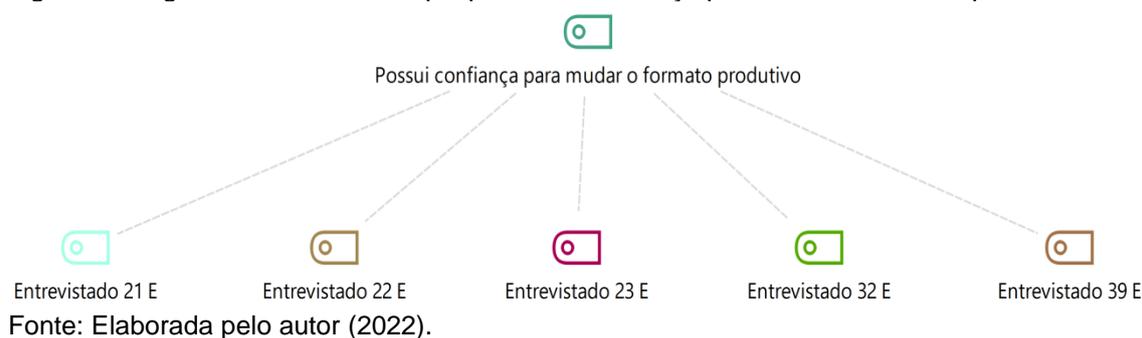
A expressividade das preposições favoráveis para a mudança do formato produtivo é baixa comparada às desfavoráveis pela alteração da produção. Portanto, os resultados apontam baixa intenção de mudança no formato produtivo por parte dos agricultores familiares.

Em destaque está a falta de recursos humanos, ausência de recursos patrimoniais e falta de conhecimento para alterar o atual formato de produção na propriedade dos agricultores familiares entrevistados.

Para tanto, na sequência apresentam-se os elementos de interferência na intenção comportamental desses agricultores familiares. Inicialmente, estão os elementos positivos e, posteriormente, os negativos para a alteração produtiva.

A Figura 13 apresenta os agricultores familiares que demonstraram ter confiança para mudar seu formato produtivo.

Figura 13 - Agricultores familiares que possuem confiança para mudar o formato produtivo



Apenas cinco agricultores familiares entrevistados afirmaram ter confiança para mudar o formato produtivo, todos enquadrados como agricultores especializados. Isso demonstra que da amostragem pesquisada, apenas os agricultores com formato produtivo especializado possuem intenção de mudar sua forma de produção.

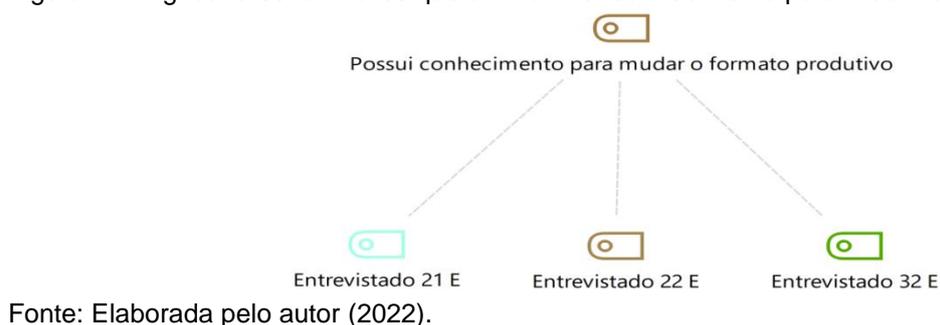
Com base nessa figura, pode-se afirmar que os agricultores familiares com características produtivas diversificadas têm nível de satisfação maior com sua forma de produzir que os agricultores familiares especializados, o que remete que não há intenção por parte desses agricultores em mudar seu estilo de produção.

Mesmo que haja intenção de mudança produtiva por parte dos agricultores familiares especializados, o índice é baixo, apenas 25% deles demonstraram ser favoráveis.

A literatura demonstra que diversos fatores influenciam na decisão dos produtores rurais em diversificar ou especializar a produção, sendo a confiança um desses elementos decisórios (BATEMAN; RAY, 1994; MCNALLY, 2001; MISHRA *et al.*, 2004; PFEIFER *et al.*, 2009; SENGER; BORGES; MACHADO, 2017).

Semelhantemente, a Figura 14 demonstra as respostas das entrevistas dos agricultores familiares sobre o conhecimento por parte deles em mudar seu formato produtivo.

Figura 14 - Agricultores familiares que afirmam ter conhecimento para mudar o formato produtivo



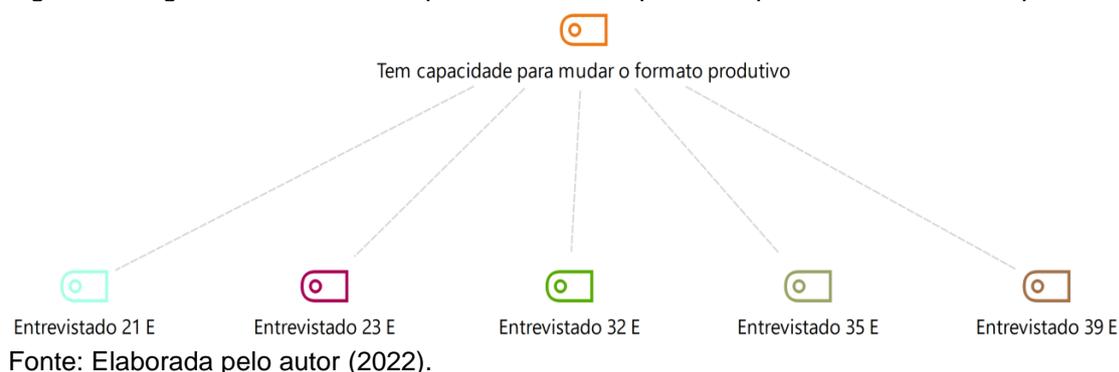
No quesito ter conhecimento para mudar o formato produtivo, apenas três agricultores familiares afirmaram tê-lo, todos na modalidade de agricultura especializada. Essa falta de conhecimento corrobora com a pesquisa de Senger (2016) na qual os agricultores familiares também apontaram não ter conhecimento suficiente para mudar sua forma de produzir.

Os três agricultores familiares especializados que afirmaram ter conhecimento para mudar sua forma de produção também estão no grupo dos cinco agricultores familiares que afirmaram ter confiança para mudar seu formato produtivo. Esse dado demonstra que mesmo que os agricultores familiares acreditam ter confiança para mudar, isso não representa que tenham conhecimento para tal mudança.

Novamente, os dados demonstram baixa intenção dos agricultores familiares em mudar seu formato produtivo, e os poucos que possuem intenção trabalham como especializados, acreditam que a mudança para a diversificação é positiva. Mas, vale ressaltar que a intenção desses três agricultores familiares é alta, pois já demonstraram por duas vezes fatores favoráveis para a alteração produtiva.

Por fim, a última proposição favorável para a alteração do formato produtivo ligada ao constructo de controle comportamental percebido, é a percepção dos agricultores familiares que afirmam ter capacidade para tal fenômeno, o que está apresentado na Figura 15.

Figura 15 - Agricultores familiares que afirmam ter capacidade para mudar o formato produtivo



Da mesma forma que as figuras anteriores, apenas cinco agricultores familiares especializados consideram ter capacidade para mudar o formato produtivo. Com exceção do entrevistado 35, os demais estiveram presentes nas imagens anteriores.

Para Ajzen (1991), a avaliação da sua própria capacidade é a uma das proposições mais relevantes dentre o constructo de controle comportamental percebido, pois através dela, muitas vezes, os indivíduos tomaram ou não uma decisão. O baixo índice de agricultores familiares entrevistados que afirmaram ter capacidade para mudar seu estilo de produção, demonstra que muitos deles, pautados na falta de capacidade, permanecem como estão, pois não se sentem seguros para trabalhar diferentemente.

Analisando as três figuras, identifica-se que os entrevistados 21, 23 e 32 são os possuem a intenção para modificar seu formato produtivo, haja vista que eles apareceram nas três proposições favoráveis para mudança ligadas ao constructo de controle comportamental percebido. Já os agricultores 22 e 39 também apresentam certa expressividade, pois aparecem em duas das proposições favoráveis pela alteração produtiva, isso demonstra que esses dois agricultores familiares não se sentem totalmente seguros para alterar sua forma de produzir, portanto, com intenção comportamental menos expressiva. Já o agricultor familiar 35 também demonstrou ter intenção em mudar seu estilo produtivo, mas com menor expressividade, esteve presente em apenas uma proposição favorável para tal mudança.

As falas desses agricultores familiares favoráveis e com intenção pela mudança produtiva pautaram-se, principalmente, no discurso de migrar da especialização para a diversificação motivados por fatores econômicos, para eles, mais culturas representam maiores entradas financeiras.

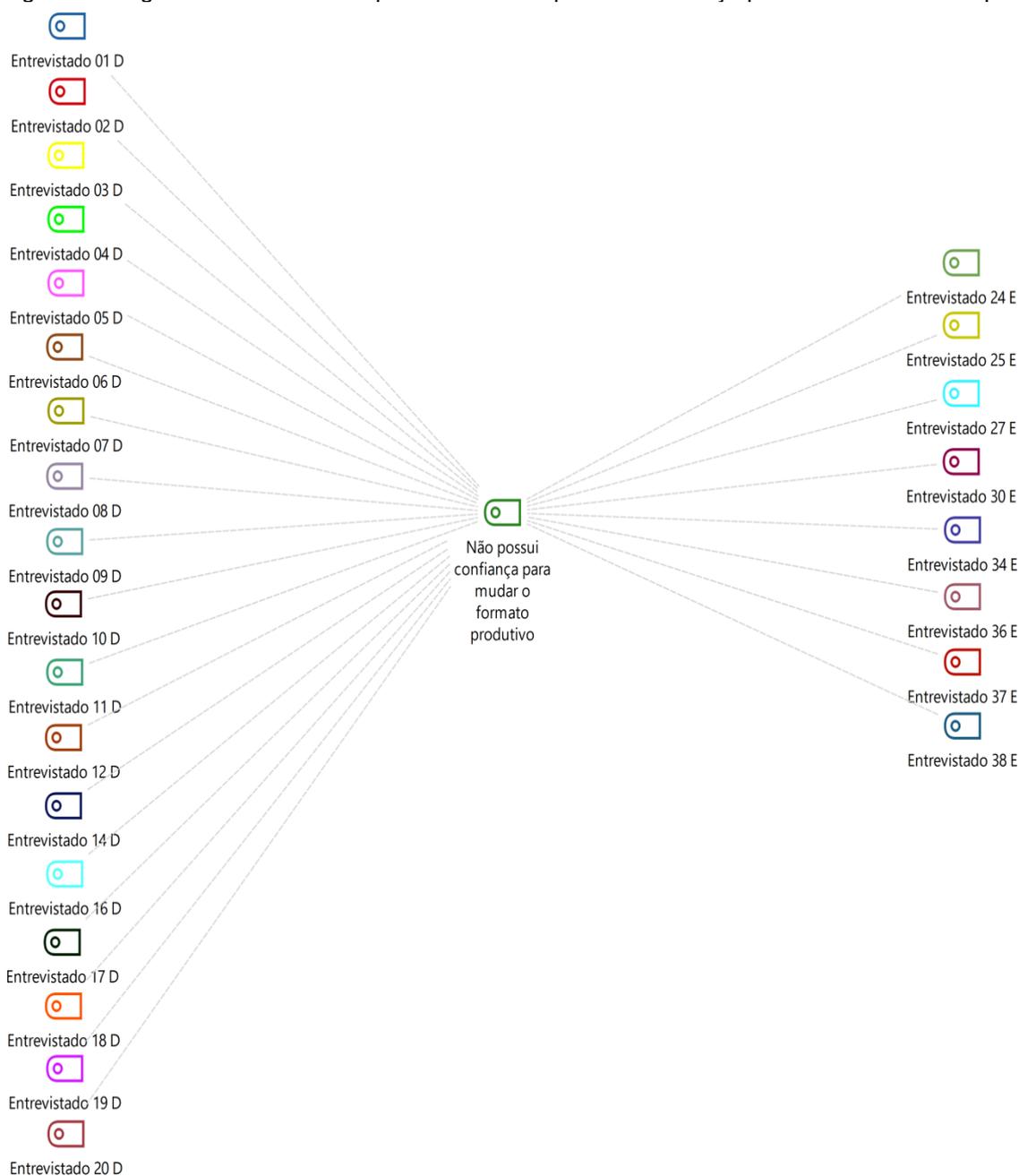
Senger (2016) conclui em seus estudos que a percepção dos agricultores sobre sua própria capacidade mostrou-se insignificante para conclusões coesas em sua pesquisa, diferentemente deste estudo, que aponta como significativa, haja vista evidenciar que poucos agricultores familiares deste estudo consideram ter capacidade de alterar sua forma de produzir. Demonstra-se, assim, que a capacidade é uma característica importante na intenção comportamental para a tomada de decisão pela permanência ou mudança do estilo produtivo.

Portanto, munido desses dados, identifica-se que é baixa a intenção dos agricultores familiares em mudar seu formato de produção, além do mais, os poucos que demonstraram intenção pertencem ao mesmo grupo de agricultores familiares, no caso, os especializados.

Para aprofundamento dessas informações, mediu-se também os elementos não favoráveis apontados pelos agricultores familiares entrevistados para que não mudem seu estilo de produção, resultados esses serão apresentados na sequência.

Na Figura 13 buscou-se identificar os agricultores familiares entrevistados que possuíam confiança para mudar sua forma de produção, já na Figura 16 estão contidos os agricultores familiares que não possuem confiança para alterar sua forma de produzir.

Figura 16 - Agricultores familiares que afirmam não possuir confiança para mudar o formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Visivelmente, grande parte dos agricultores familiares entrevistados em algum momento da entrevista expressaram direta ou indiretamente não possuir confiança para mudar seu formato produtivo, principalmente os diversificados. Tal fenômeno já ocorreu nos estudos de Schroeder, Chaplin, Isselstein (2015), Senger (2016), Rosa (2018), Daxini *et al.* (2019) e Silva (2019).

Faz-se necessário apontar que alguns agricultores familiares não expressaram claramente se possuem confiança ou não para mudar seu estilo de produção, dificultando um parecer sobre a opinião deles, motivo pelo qual não estão presentes nas figuras.

Em quase sua totalidade, os agricultores familiares diversificados apontam não ter confiança para mudar sua forma de produzir, direcionando, assim, para o pensamento de que não há intenção por parte desse grupo de agricultores familiares pela mudança produtiva.

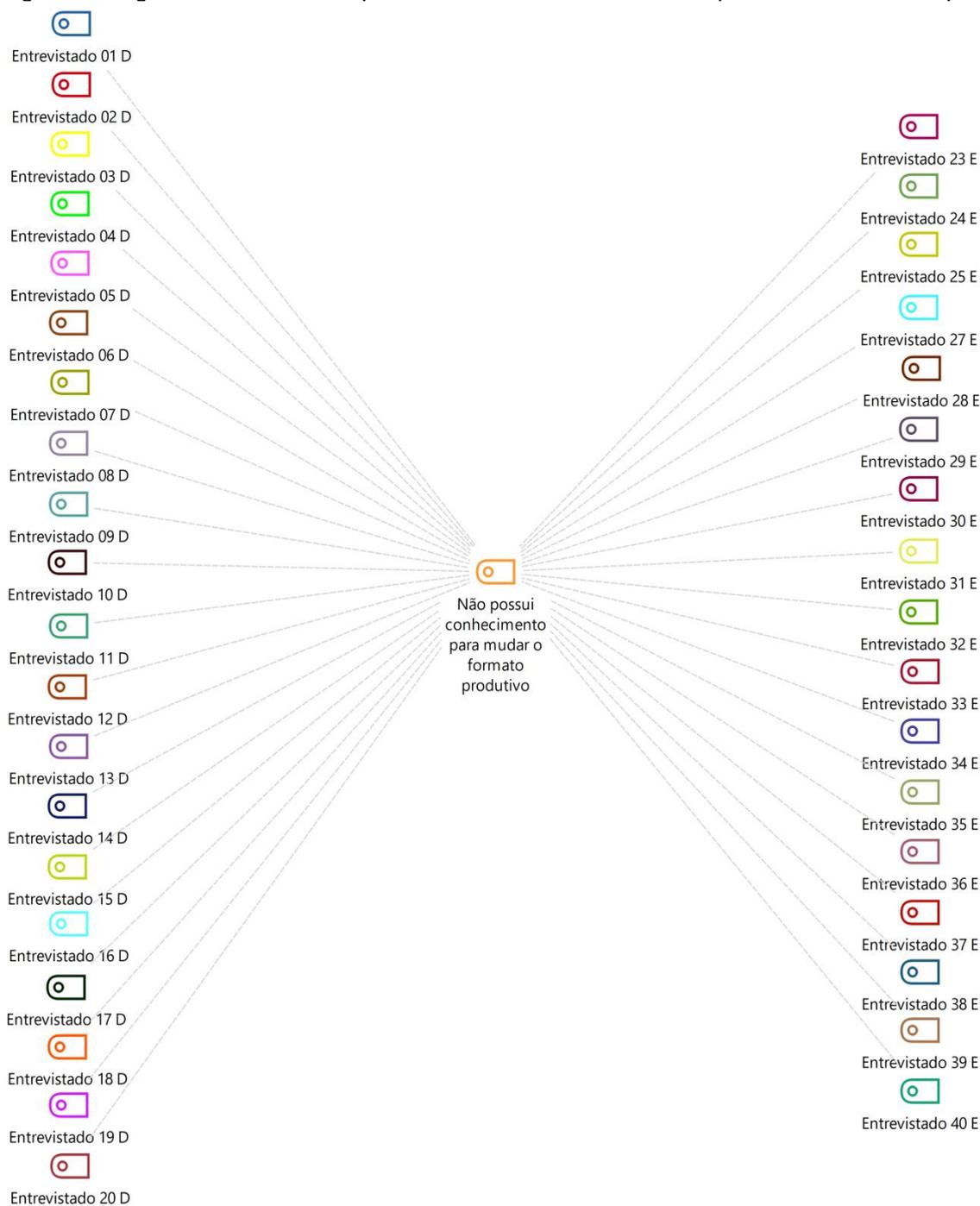
Mesmo que os dados indiquem baixo número de agricultores familiares especializados que asseguram não possuir confiança em modificar a produção, é possível considerar que há baixa expressividade de intenção para a mudança do formato produtivo, o que demonstra que a maioria desses agricultores familiares especializados tem a intenção de continuar na forma que estão trabalhando.

A falta de confiança faz com que os agricultores familiares optem por permanecer como estão. Pressupõe-se que tal fenômeno ocorra por ter segurança, ou experiência, ou por nunca ter trabalhado com outras culturas ou, ainda, pelo próprio medo da mudança.

Esses dados ratificam que a intenção pela mudança do formato produtivo dos agricultores familiares é baixa, bem como, inexistente por parte dos agricultores familiares com produção de caráter diversificada e baixa pelos agricultores familiares com produção especializada.

Dando continuidade nos fatores desfavoráveis à mudança produtiva, a Figura 17 apresenta os agricultores que afirmam não ter conhecimento para mudar seu formato produtivo.

Figura 17 - Agricultores familiares que afirmam não ter conhecimento para mudar o formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Dentro do constructo de controle comportamental percebido, a falta de conhecimento é uma característica de grande notabilidade na intenção comportamental dos agricultores familiares na tomada de decisão pela mudança do atual formato produtivo.

As informações contidas na Figura 17 confirmaram os dados da Figura 14 que apontou que apenas três agricultores familiares consideram ter conhecimento

suficiente para a mudança de culturas. Estes, pertencentes ao grupo de agricultores familiares especializados.

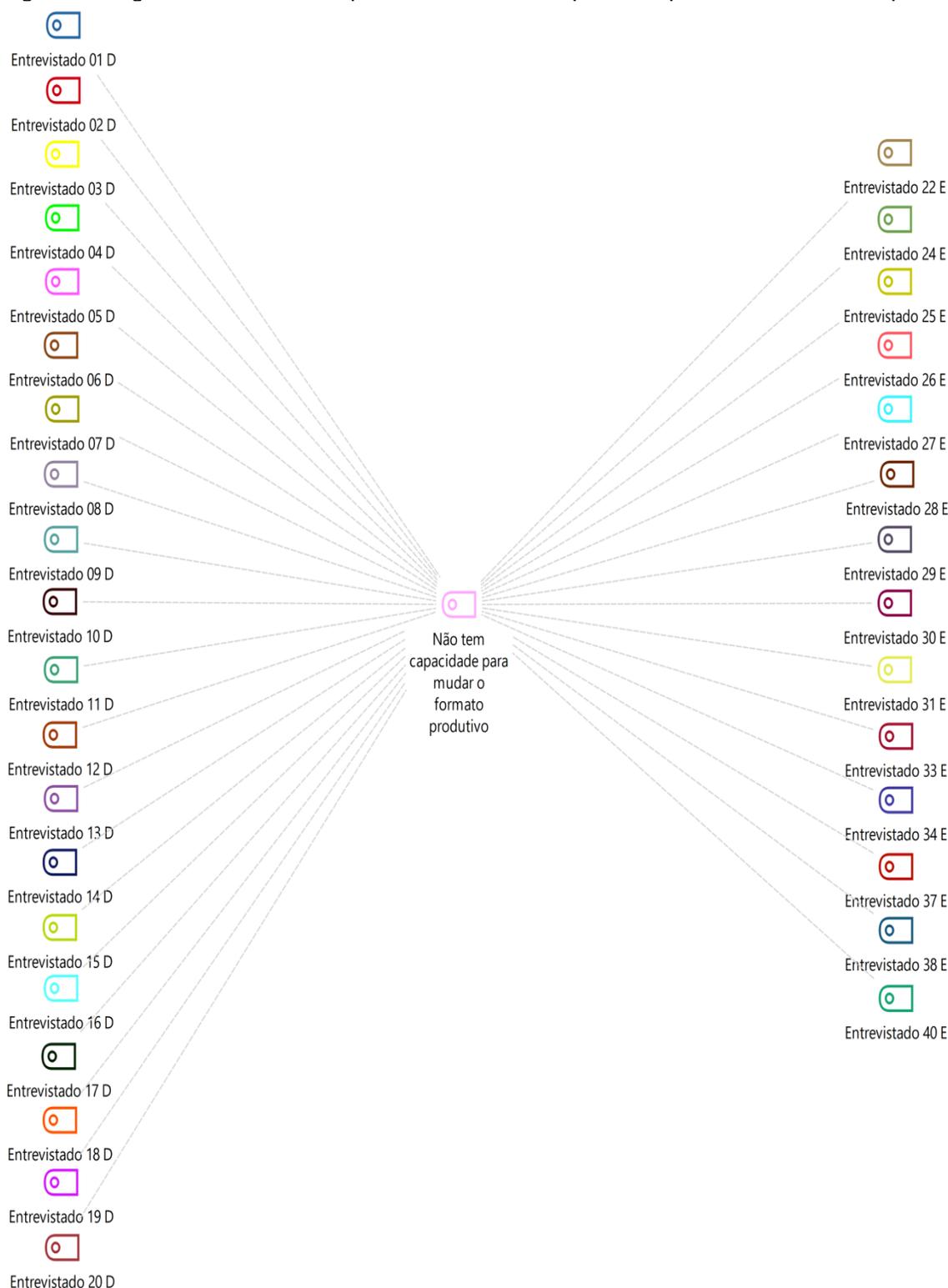
Com isso, torna-se possível afirmar que os agricultores familiares com produção diversificada em sua totalidade não possuem intenção de alterar sua forma de produzir. Mesmo que haja alguns agricultores familiares especializados que tenham a intenção de cultivar de forma diversificada, o quantitativo é baixo.

Portanto, é possível afirmar que a falta de conhecimento por parte dos agricultores familiares em mudar sua forma de produzir é uma característica de destaque e significativa na intenção dos agricultores familiares na tomada de decisão e no constructo de controle comportamental percebido, ainda mais com a alta expressividade apresentada na Figura 16.

Nos estudos de outros pesquisadores relacionados e apresentados nesta tese, a falta de conhecimento também é uma das maiores barreiras para que os agricultores mudem seus estilos produtivos. Sendo assim, os resultados dessa pesquisa vão ao encontro desses estudos apresentados (SCHROEDER; CHAPLIN; ISSELSTEIN, 2015; SENGER, 2016; ROSA, 2018; DAXINI *et al.*, 2019; SILVA, 2019).

Nessa mesma linha, buscou-se identificar os agricultores familiares entrevistados que consideram não ter capacidade para alterar seu formato produtivo, outro elemento importante a ser atenciosamente observado, haja vista a significância deste na formação da intenção. Os resultados desse levantamento estão expressos na Figura 18.

Figura 18 - Agricultores familiares que afirmam não ter capacidade para mudar o formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Muito semelhante às figuras anteriores, esta última também demonstra que os agricultores familiares entrevistados não se sentem capazes de alterar o atual formato produtivo, principalmente os com produção caracterizada pela

diversificação. Essa falta de capacidade também esteve presente nos estudos dos agricultores entrevistados por Senger (2016) e Silva (2019).

Quando se compara a figura que apresenta os agricultores familiares que apontam não ter capacidade para mudar seu formato produtivo com a figura que demonstra o contrário, pode-se afirmar pela credibilidade da pesquisa, pois ambas levam ao mesmo resultado: o de que os agricultores familiares entrevistados consideram não ter capacidade para mudar seu formato produtivo.

O fato de os agricultores familiares entrevistados ao expressarem claramente a falta de capacidade para mudar a atual realidade produtiva em suas propriedades, enaltece que o constructo de comportamento percebido é fundamental na intenção comportamental desses agricultores, ainda mais no que se refere à capacidade dos indivíduos.

Os entrevistados ao apregoarem a sua intenção de não terem capacidade para mudar seu atual formato produtivo, fizeram grande ligação com a falta de cinco recursos: humanos, patrimoniais, financeiros, tecnológicos e materiais. Para esses agricultores familiares a falta de recursos é grande inibidor para alterar seu estilo produtivo. Muitos desses agricultores familiares estão há muitos anos no ramo ou até herdaram dos seus pais a forma de trabalhar e, por esse motivo, a mudança no formato produtivo requer os mais diversos recursos para que isso se torne possível, o que, por muitas vezes, pode inviabilizar essa alteração.

Com isso, a intenção comportamental está fortemente ligada com os recursos para tal mudança, principalmente a ausência deles, sendo a falta de recursos humanos o principal e mais expressivo, como já expressado na Figura 12 e agora pode-se averiguar na Figura 19.



Aprofundando este elemento, perceptivelmente nota-se que todos os agricultores familiares com produção diversificada, abalizam para a falta de recursos humanos. Portanto, essa falta de recursos humanos é um componente importante a ser considerado na tomada de decisão pela mudança no atual formato produtivo.

Semelhantemente, com exceção de dois, os agricultores familiares especializados também apontaram que a falta desse recurso dificulta a alteração produtiva nas propriedades.

Durante as entrevistas os agricultores familiares evidenciaram por diversas vezes sobre a falta de recursos humanos, não apenas na intenção comportamental para a mudança do atual formato produtivo, como também no aumento da produção, prosperidade e continuação das propriedades, bem como na sustentabilidade das propriedades.

Vários agricultores familiares assinalaram a falta de recursos humanos como o principal e grande problema da agricultura brasileira na atualidade, para eles além da escassez desse recurso, a pouca mão de obra disponível é cara, e se necessário for contratar poderá inviabilizar as propriedades. Também demonstraram a preocupação em ter mão de obra nas propriedades, pela legislação vigente no país, isso porque eles alegaram o alto volume de direitos dos servidores.

Os agricultores familiares apontam que a falta de mão de obra no campo se dá pela redução no quantitativo de membros familiares, para eles, os clãs familiares atuais são inferiores aos do passado, bem como, grande parte dos integrantes, principalmente os jovens, optam por não realizar a sucessão rural, com isso faz-se necessária a contratação de mão de obra externa, a qual é escassa e a pouca que tem eleva os custos, por muitas vezes, inviabilizando as propriedades.

Muitos dos agricultores familiares entrevistados garantiram que preferem vender as propriedades, ou até mesmo aposentar-se e continuar na zona rural, mas sem produção, do que contratar mão de obra, primeiramente pela escassez, pelos custos ou até pela insegurança jurídica do país.

O que chama atenção nessa informação, é o fato de que os estudos de Schroeder, Chaplin, Isselstein (2015), Senger (2016), Rosa (2018), Daxini *et al.* (2019) e Silva (2019) não apontam diretamente para esse fenômeno da falta de recursos humanos como empecilho para a mudança produtiva por parte dos agricultores familiares.

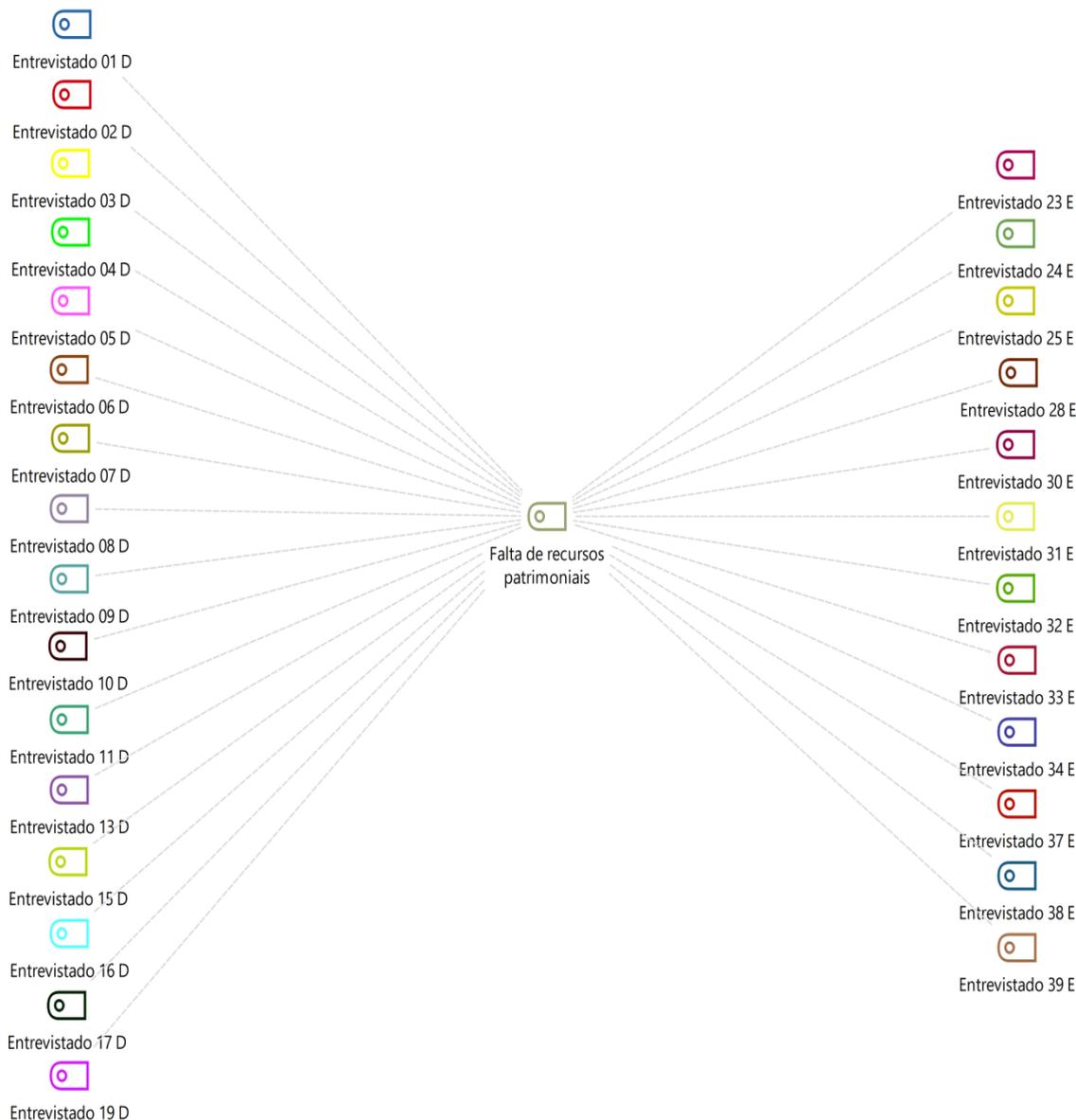
Portando há duas conjecturas empíricas para tal fato: o primeiro é de que isso seja um problema local, sendo que as pesquisas relacionadas ocorreram em outras regiões; segundo, que os pesquisadores daqueles estudos não focaram nessa questão.

O mesmo ocorre quando se apresenta a falta dos demais recursos, as pesquisas apontam para a falta de recursos, mas não especificam quais são, portanto, quando essas pesquisas mencionam sobre a falta de recursos, elemento de grande expressividade nelas, pode-se subentender empiricamente que elas englobam os recursos humanos, patrimoniais, capitais, tecnológicos e materiais.

Desse modo, essa lacuna deixada pelas pesquisas já realizadas que abordam a agricultura família, tomada de decisão, diversificação e especialização com a Teoria do Comportamento Planejado, e apresentada nesta tese, é de grande valia para o meio científico, pois, através desse resultado, saber-se-á com maior exatidão quais são os principais elementos que interferem na intenção desses agricultores familiares, mais especificamente dentro do constructo de controle comportamental percebido.

Também, com alta expressividade, mas menor que a falta de recursos humanos, entretanto superior aos demais recursos, está a carência de recursos patrimoniais, como expresso na Figura 20.

Figura 20 - Agricultores familiares que assinalaram para a falta de recursos patrimoniais



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Novamente os agricultores familiares diversificados foram mais expressivos que os agricultores familiares especializados ao abordarem a falta de recursos patrimoniais como impedimento para a mudança do seu atual formato de produção.

O principal patrimônio considerado pelos agricultores familiares durante as entrevistas é o quantitativo de terras. De acordo com Pfluck (2002), Colognese e Stoffel (2007) e Vanderline, Gregory e Deitos (2007) a mesorregião do Oeste do Paraná conta com pequenas áreas de terras, fenômeno que dificulta as mudanças produtivas, fato apontado principalmente pelos agricultores familiares diversificados. De acordo com eles, como possuem áreas muito pequenas não sobreviveriam

apenas com uma cultura, fato que já se observou no Gráfico 2, no qual os agricultores familiares especializados possuem áreas maiores de terras em comparação com os agricultores diversificados. De acordo com os agricultores familiares diversificados, faz-se necessário ter mais culturas para ter mais renda e maior segurança financeira, ou ter mais área de terra para trabalhar em grande escala com apenas uma cultura.

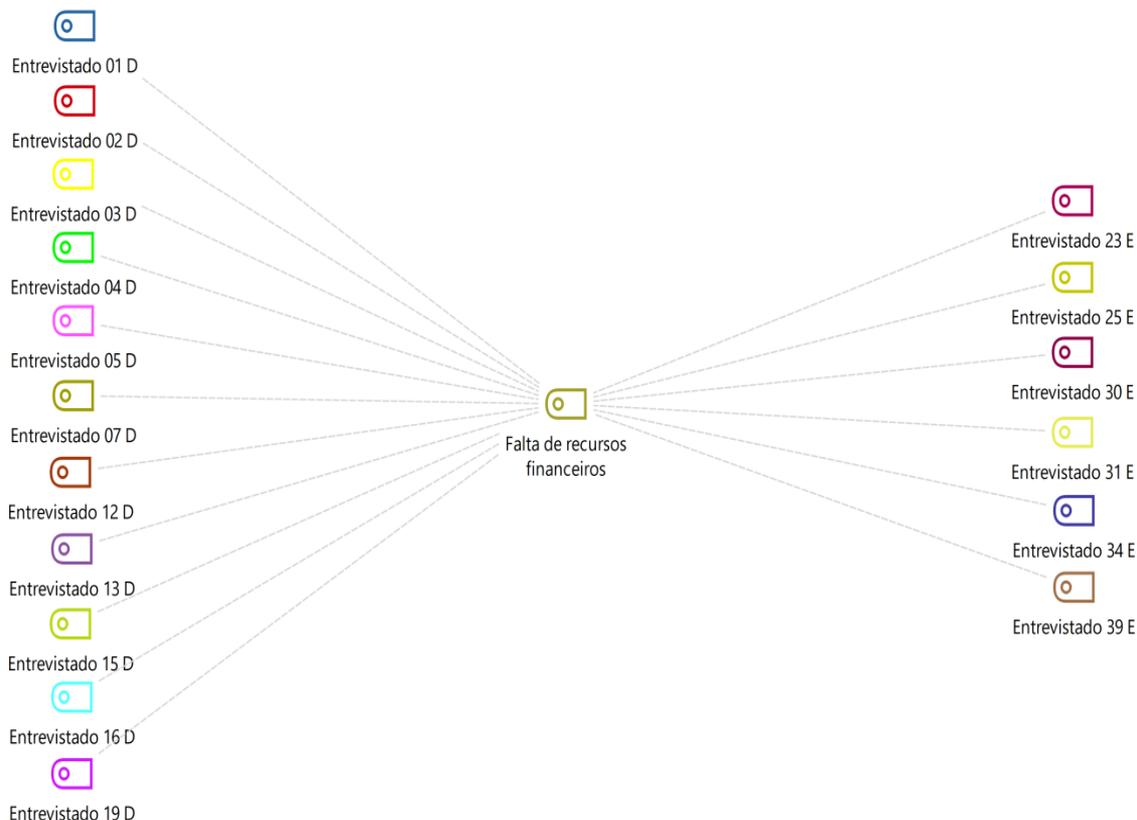
Além dos espaços de terra, outros recursos patrimoniais elencados estão ligados às estruturas físicas de barracões, silos, frotas de maquinários e veículos entre outros. De acordo com esses agricultores familiares, a falta desses recursos muitas vezes inviabiliza ou não propicia a mudança na forma de produzir na propriedade.

O baixo volume de terras e a geografia desfavorável para a mudança no formato produtivo são mencionados em estudos como de Senger (2016), Rosa (2018) e Silva (2019), mas apenas isso, ignorando os demais outros patrimônios pertinentes em propriedades rurais.

Como já mencionado anteriormente, a falta de recursos humanos apareceu com expressão muito superior aos demais recursos, na sequência com boa expressão, mas não tão alta quanto a dos recursos humanos está a falta de recursos patrimoniais. Em seguida, com baixa expressividade e em patamar semelhante, estão a falta de recursos financeiros, a falta de recursos tecnológicos e a falta de recursos de materiais.

Na Figura 21 estão contidos os agricultores familiares entrevistados que consideram a falta de recursos financeiros como barreira para alterar sua forma de produzir.

Figura 21 - Agricultores familiares que assinalaram para a falta de recursos financeiros



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

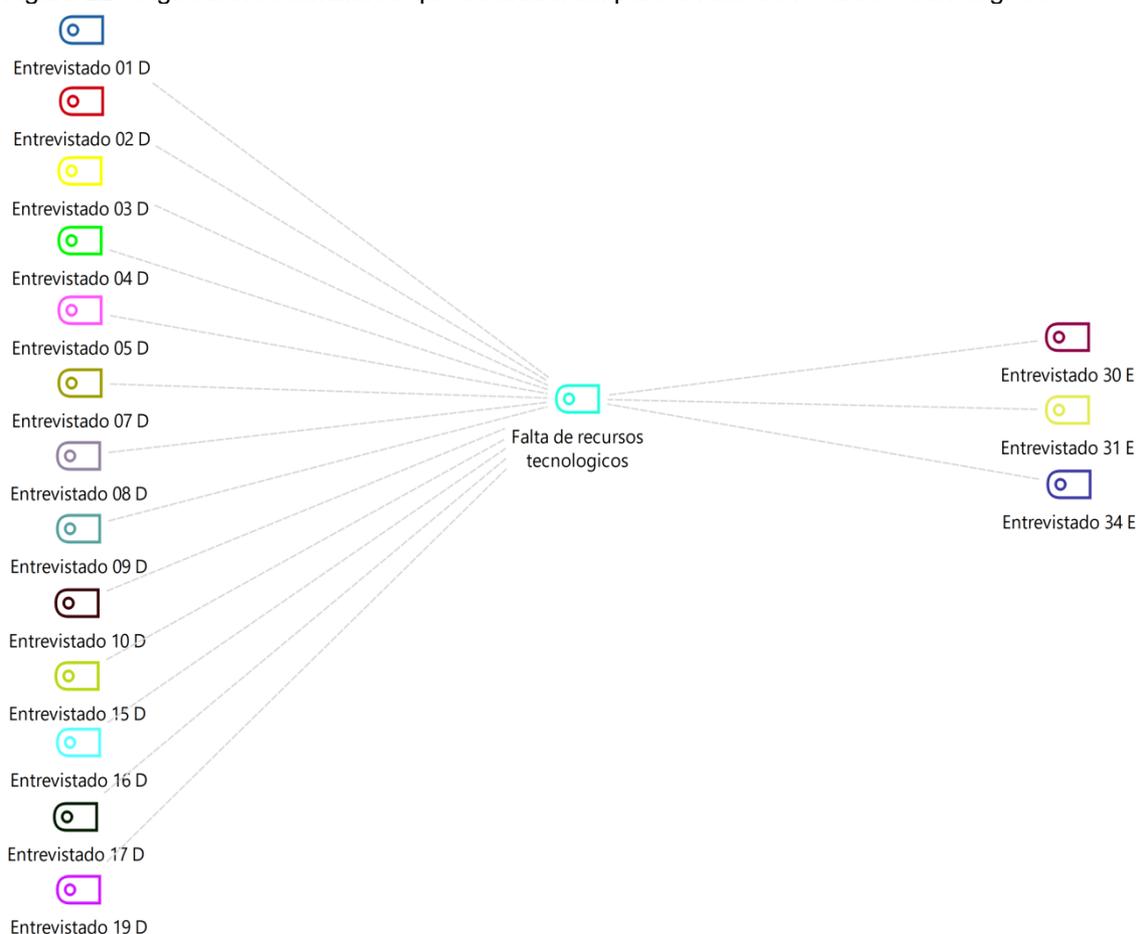
Novamente, os agricultores familiares com produção de caráter diversificado são a maioria ao apontarem para a falta de recursos financeiros como inibidor para mudar seu estilo de produção, sobre um pequeno percentual de agricultores familiares especializados.

A falta de recursos financeiros muitas vezes está ligada a outros recursos, pois alguns agricultores familiares entrevistados apontaram que para alterar a forma de produzir nas suas propriedades é necessário adquirir mais patrimônio, tecnologia, materiais e contratar mão de obra externa, e sem os recursos financeiros isso não é possível.

Além disso, alguns agricultores familiares rezingaram sobre a dificuldade para captação de recursos financeiros junto a instituições financeiras, principalmente, quanto à questão de comprovação de capacidade de endividamento. Ainda, apontaram que as instituições financeiras dificultam a liberação de recursos financeiros para incrementação ou mudança de culturas na propriedade.

Praticamente com o mesmo nível de intensidade, está a falta de recursos tecnológicos como empecilho para que os agricultores familiares entrevistados consigam modificar sua forma de trabalho. A Figura 22 expressa os agricultores familiares entrevistados que apontaram para essa dificuldade.

Figura 22 - Agricultores familiares que assinalaram para a falta de recursos tecnológicos



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

As constantes mudanças globais exigem uma agricultura mais profissionalizada, tecnológica e moderna, da mesma forma que outros ramos empresariais e industriais. A busca pela máxima eficácia produtiva está ligada diretamente com inovação e novas ferramentas tecnológicas (VEIGA, 2007).

A Figura 22 demonstra que uma fatia dos agricultores familiares entrevistados considera não ter tecnologia suficiente para mudar seu formato produtivo, especialmente os agricultores familiares que trabalham no formato de diversificação.

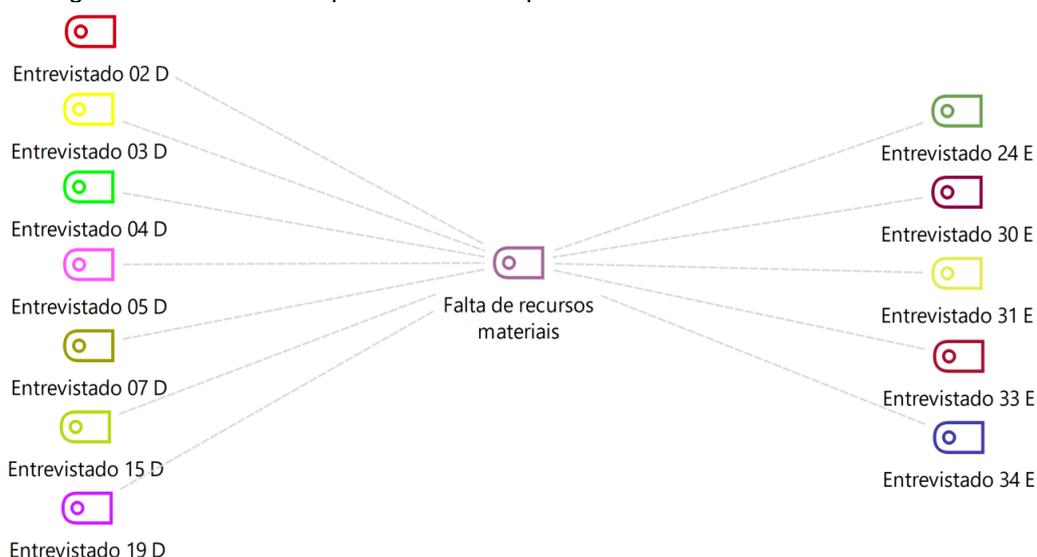
Constata-se que apenas três agricultores familiares especializados consideram não ter recursos tecnológicos suficientes para mudar sua forma de produzir. Esse dado corrobora com resultados já apresentados, os quais demonstram que agricultores familiares especializados possuem maiores áreas de terras e mais recursos financeiros. Pode-se, assim, considerar que os agricultores familiares especializados possuem maior renda, maiores propriedades e mais recursos financeiros, e com isso conseguem investir mais em tecnologias e inovação do que os agricultores familiares com produção diversificada.

Desse modo, para boa parte dos agricultores familiares diversificados, a tecnologia é um empecilho para alterar as culturas produtivas, já os agricultores familiares especializados em quase sua totalidade consideram que a tecnologia não é problema para alterar o atual formato produtivo, mas isso não significa que há a intenção de mudar, mas sim, que esse recurso não é problema para eles.

Dos cinco recursos apresentados pelos agricultores familiares entrevistados como obstáculos para a mudança do atual formato produtivo, a falta de recursos materiais foi o que teve menor expressividade durante as falas dos entrevistados. Entretanto, ressalta-se, novamente, que os recursos menos expressivos estão ligados diretamente com os recursos com maior expressividade.

A Figura 23 contempla os agricultores familiares que apontaram para a falta de recursos materiais como um entrave para mudar suas formas de produzir.

Figura 23 - Agricultores familiares que assinalaram para a falta de recursos materiais



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

A falta de recursos materiais foi a proposição em que o quantitativo dos dois grupos de agricultores familiares mais se aproximou. Ambos, em números menores que os demais recursos apresentados anteriormente, mas que deve ser considerado.

Esse recurso está ligado diretamente com os outros, pois durante as entrevistas os agricultores familiares apontavam como, por exemplo, a falta de insumos necessários para poder produzir de outra maneira. Apesar desses agricultores familiares não possuírem esses recursos materiais, eles também estão ligados com o recurso financeiro, pois para tal aquisição é necessário dinheiro, portanto, ele só conseguirá êxito na compra desse insumo se ele tiver recursos financeiros suficientes, e o mesmo ocorre com maquinários, tecnologias e entre outros. Com isso, pode-se considerar a ideia de que esse recurso teve menor significância em virtude de ele estar ligado diretamente com os demais recursos.

Sendo assim, dificulta-se afirmar que a falta de recursos materiais seja relevante na formação da intenção comportamental de mudar ou não o atual formato produtivo desses agricultores familiares entrevistados.

Após a análise das proposições compreendem-se os motivos da alta expressão dos agricultores familiares entrevistados de ter o constructo de controle comportamental percebido como tomador de decisão na intenção comportamental.

Para Ajzen (1991) uma intenção encontra expressão no comportamento somente quando o indivíduo é capaz de decidir voluntariamente em realizar ou não o comportamento em questão. Contudo, grande parte dos comportamentos pode depender, pelo menos em algum nível, da disponibilidade de fatores não motivacionais, como oportunidades e recursos necessários. Na medida em que uma pessoa dispõe das oportunidades e dos recursos necessários e tem a intenção de realizar o comportamento, ela deve ter êxito ao efetivá-lo (SENGER, 2016).

Assim sendo, a percepção dos agricultores sobre sua própria capacidade de diversificar, no caso o constructo de controle comportamental percebido, mostrou-se eminentemente significativo neste estudo.

Conforme Ajzen (1991) quanto mais expressivo um constructo for, mais importante ele é na tomada de decisão dos indivíduos. Portanto, confirma-se que esse constructo é de extrema relevância na decisão dos agricultores familiares em mudar ou se manter no atual formato produtivo.

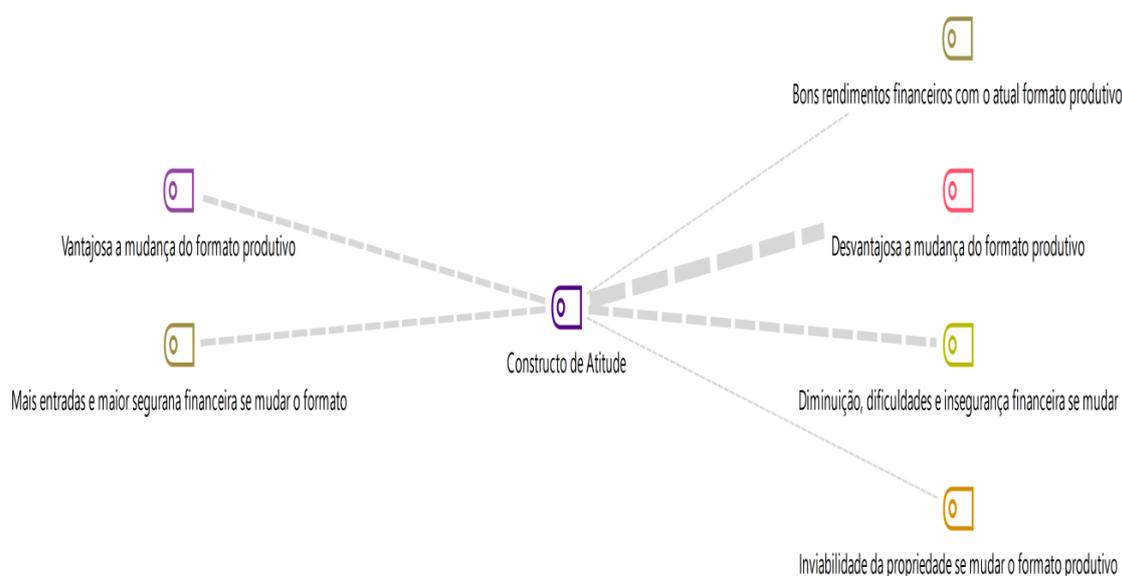
#### 4.2.2 Constructo de atitude

O segundo constructo mais expressivo pela intenção de mudar ou permanecer no atual formato produtivo foi o de atitude. Ele obteve 221 codificações, muito menos significativo que o constructo de controle comportamental percebido.

Cabe aqui recordar que o constructo de atitude se refere ao grau com que o indivíduo tem uma avaliação favorável ou desfavorável em relação a um comportamento (AJZEN, 1991).

A Figura 24 apresenta as proposições favoráveis e desfavoráveis e suas expressividades ligadas ao constructo de atitude na intenção de mudar ou manter o atual formato produtivo dos agricultores familiares entrevistados.

Figura 24 - Proposições do constructo de atitude



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

A codificação das entrevistas trouxe seis proposições importantes atreladas à intenção comportamental dentro do constructo de atitude, sendo duas proposições favoráveis e quatro desfavoráveis pela mudança do atual formato produtivo.

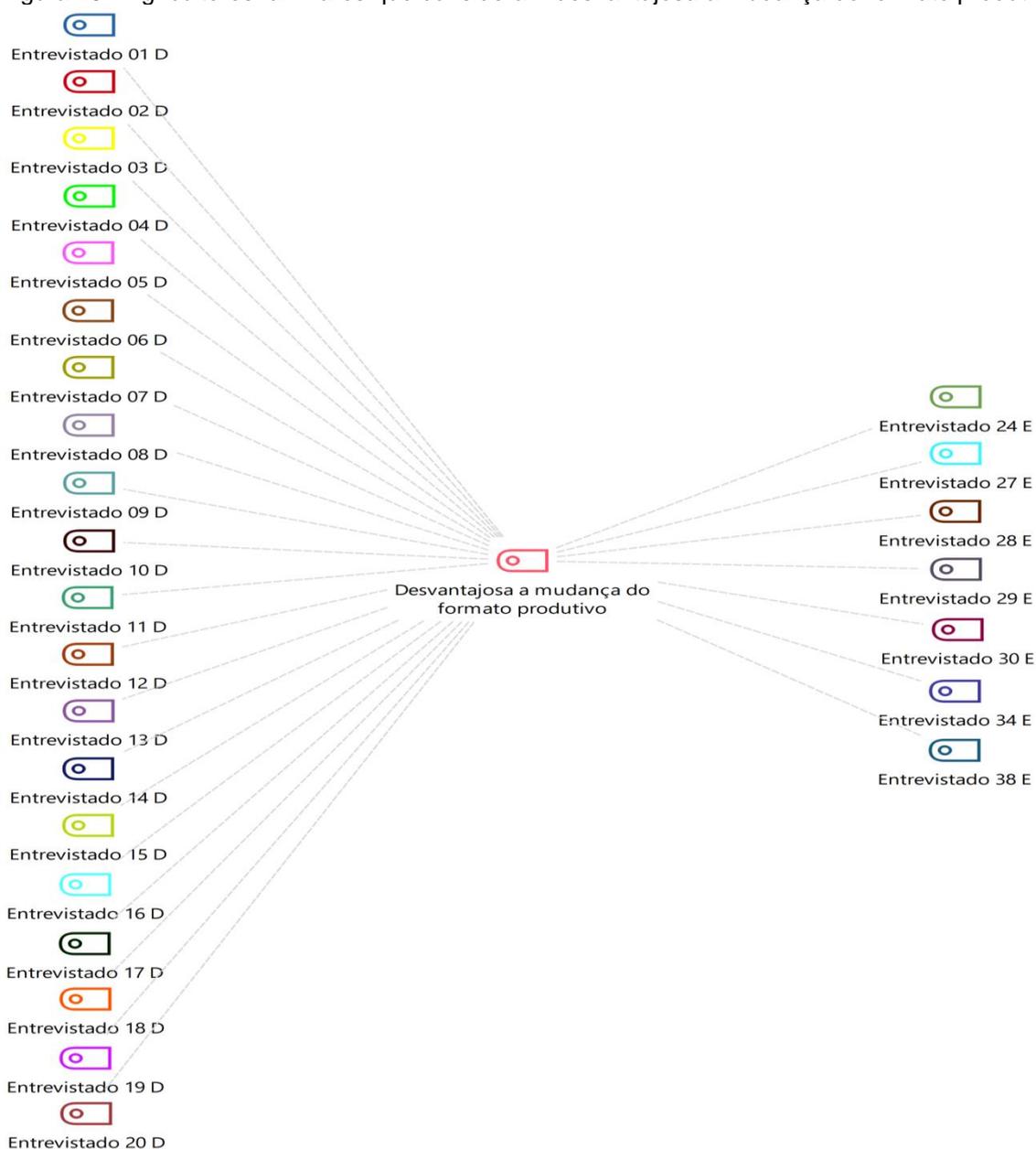
O volume de proposições, tanto favoráveis como desfavoráveis, é inferior às expressas no constructo de controle comportamental percebido. Com isso, não se pode descartar a suspeita de que essa redução no quantitativo de proposições resultou em menos codificações para o constructo de atitude.

As proposições identificadas nesse estudo vêm ao encontro com as apresentadas nas pesquisas de Schroeder, Chaplin, Isselstein (2015), Senger

(2016), Rosa (2018), Daxini *et al.* (2019) e Silva (2019). Portanto, os resultados desse constructo são semelhantes e comparáveis aos desses estudos.

As seis proposições apresentadas pelos agricultores familiares entrevistados obtiveram expressividades distintas, algumas com muita expressão, outras medianas e algumas baixas. Perceptivelmente, os agricultores familiares elencaram como desvantajosa a mudança do atual formato produtivo, fato que se observa na Figura 24 com alta expressividade. Já na Figura 25 será possível averiguar quais foram os agricultores familiares que apontaram como desvantajosa a mudança do formato produtivo.

Figura 25 - Agricultores familiares que consideram desvantajosa a mudança do formato produtivo



Perceptivelmente os agricultores familiares com produção diversificação não tem intenção de mudar sua forma de produzir, pois consideram desvantajosa essa mudança. Dados esses que vem corroboram os resultados já extraídos no constructo de controle comportamental percebido que apontaram para baixa intenção dos agricultores familiares diversificados para alterar seu formato produtivo.

Por outro lado, os agricultores familiares especializados, em sua maioria, não concordam com a opinião dos agricultores familiares diversificados de que não seja vantajosa a mudança no estilo de produção, pelo fato de apenas oito deles considerarem não ser vantajoso.

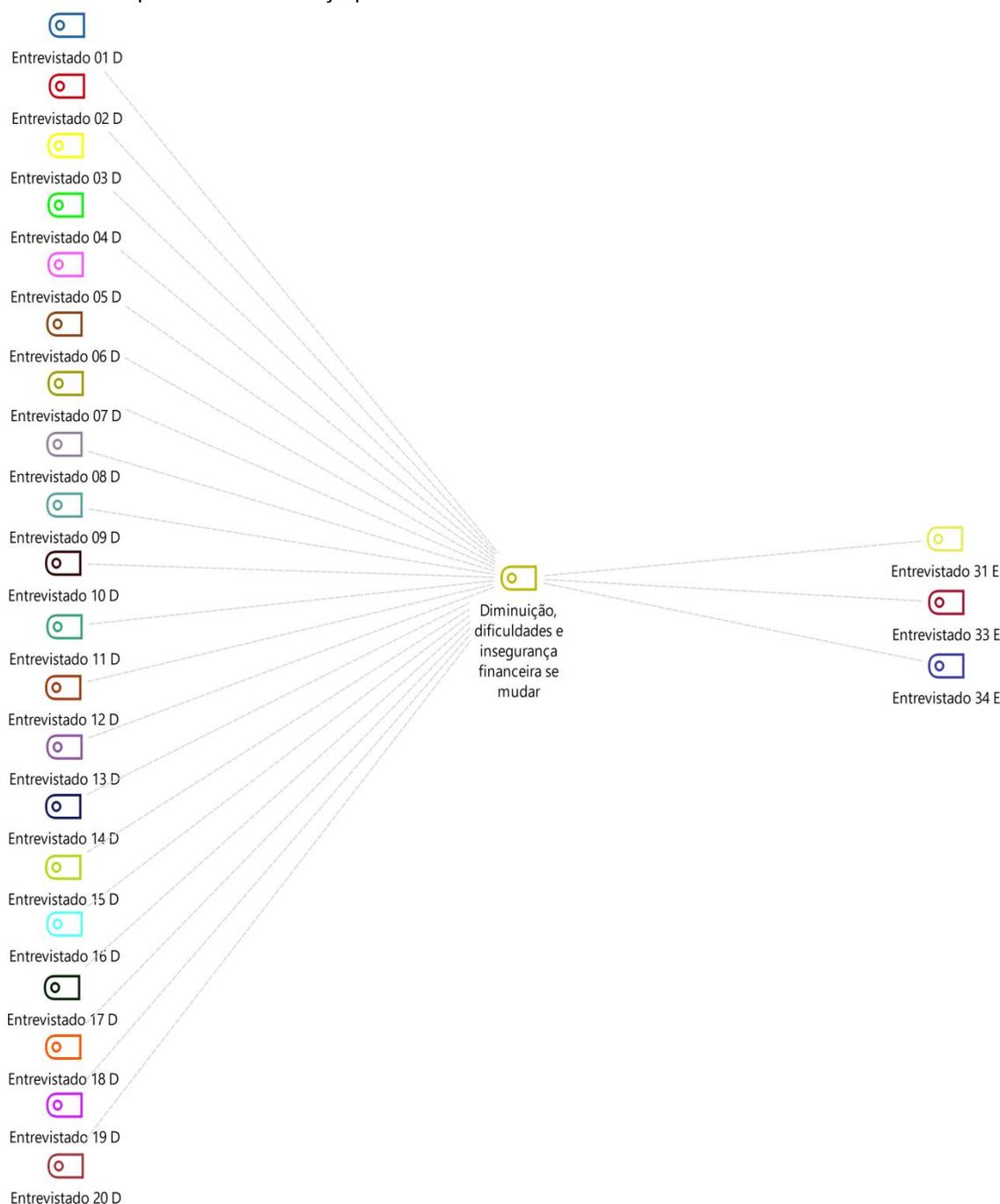
Analisando o perfil dos agricultores familiares especializados que demonstram não ser vantajoso mudar o atual formato produtivo, constatou-se que são agricultores com maiores áreas de terras e com mais recursos disponíveis, com isso, pode-se considerar que agricultores familiares mais estabelecidos não têm intenção de modificar a realidade produtiva na sua propriedade.

Considerando ainda que poucos agricultores familiares especializados apontaram como desvantajoso mudar seu atual formato produtivo, é possível asseverar que há intenção por parte desses agricultores de aumentar o quantitativo de culturas em suas propriedades.

Durante as entrevistas os agricultores familiares com produção diversificada, por diversas vezes afirmaram que a mudança no atual formato produtivo seria totalmente desvantajosa, como justificativa apresentaram fatores ligados às questões financeiras, pois apenas uma cultura representaria menos entradas de dinheiro. Alguns também expuseram que é desvantajoso a mudança do atual formato produtivo, pois as propriedades estão estruturadas para a diversificação, e essa organização ocorreu de forma gradativa e tal mudança acarretaria na necessidade de novos ou mais recursos, o que, provavelmente, inviabilizaria a propriedade. Além disso, vários agricultores familiares possuem mercados de comercialização bem definidos, e com a mudança, seria necessário abrir novos espaços e parcerias comerciais.

Nesse sentido, a diminuição, dificuldade e insegurança financeira é o segundo elemento mais expressivo considerado pelos agricultores familiares entrevistados dentro do constructo de atitude na intenção pela mudança do atual formato produtivo, conforme expresso na Figura 26.

Figura 26 - Agricultores familiares que assinalaram a diminuição, dificuldade e insegurança financeira como consequência da mudança produtiva



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Os resultados apresentados na Figura 26 corroboram com os dados exibidos anteriormente, os quais demonstram que os agricultores familiares de caráter diversificados não possuem intenção de mudar seu atual formato produtivo. Isso porque, novamente, estes acreditam que alterar sua forma de produzir não é vantajoso e acarretará diminuição de renda, dificuldade e insegurança financeira, fato enaltecido por esse grupo de agricultores diversas vezes durante as entrevistas.

Em sua maioria, os agricultores familiares diversificados retrataram que quanto mais culturas eles produzirem, maior será a renda, de acordo com eles, esse fenômeno aconteceu pelo fato deles terem menores áreas de terras e recursos limitados. Vários deles ainda afirmaram que gostariam de aumentar ainda mais o número de culturas, mas consideram ter limitação de recursos para tal fato.

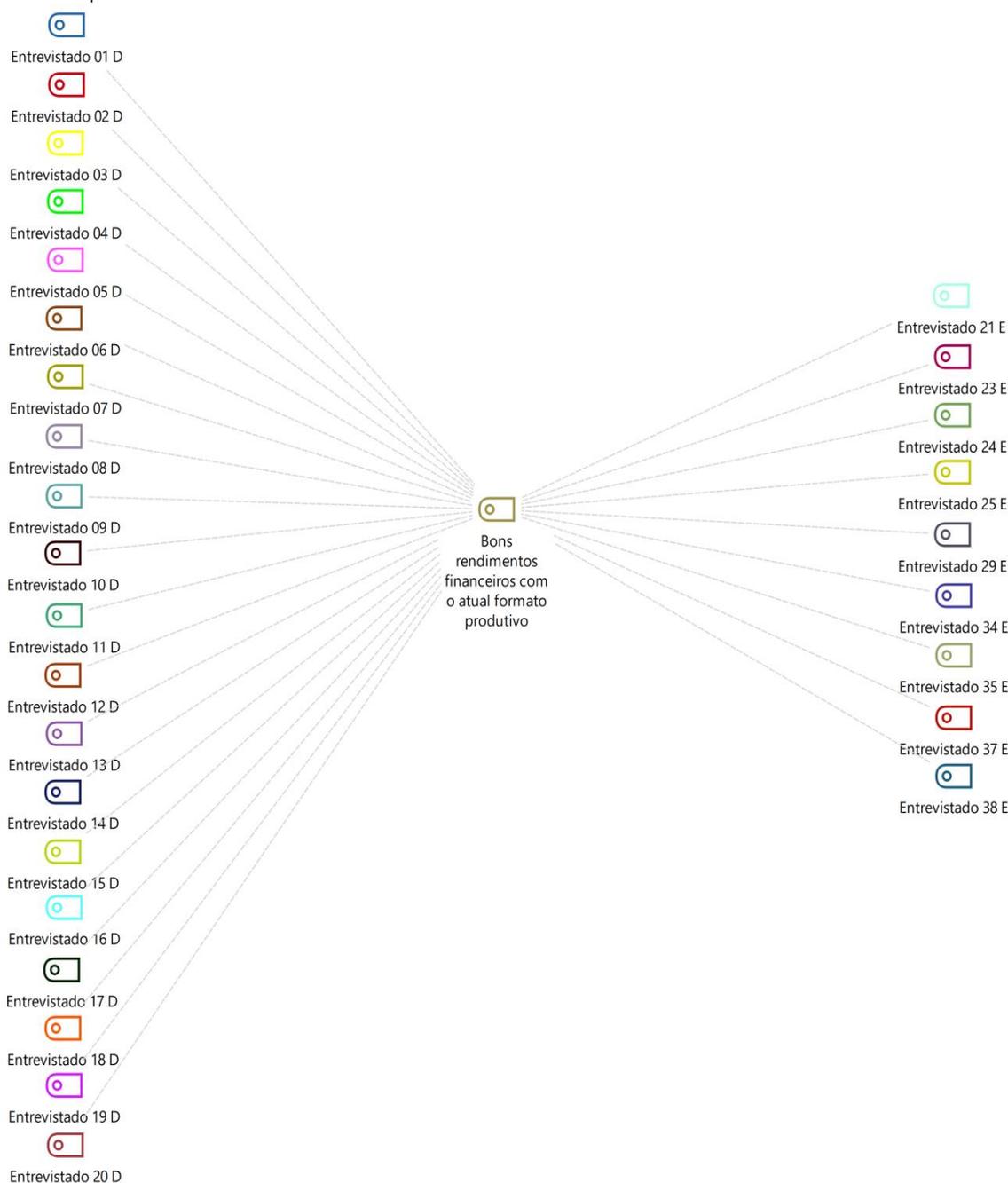
Seguindo nessa linha de raciocínio, os dados referentes aos agricultores familiares especializados assemelham-se aos já expostos, demonstrando que há maior possibilidade intencional perante esse grupo de agricultores familiares em mudar sua forma de produzir, haja vista que apenas três desses agricultores apontaram ocorrer diminuição de renda, dificuldade e insegurança financeira com a alteração do formato produtivo.

Analisando o perfil e a realidade dos três agricultores familiares especializados retratados na figura, identificou-se que todos possuem pequenas áreas de terras e com toda a propriedade estruturada para o cultivo que possuem, assim, não seria possível a inclusão de mais culturas.

Os demais agricultores familiares especializados no decorrer das entrevistas abalizaram o contrário, para eles a incrementação de mais culturas significaria mais rendas o que, conseqüentemente, representa maior segurança financeira.

Portanto, os agricultores familiares, principalmente os da modalidade de diversificação, consideram ter bons rendimentos financeiros com múltiplas culturas, motivo pelo qual não tem intenção de mudar seu estilo produtivo. Essa informação é concretizada através da Figura 27.

Figura 27 - Agricultores familiares que assinalaram ter bons rendimentos financeiros com o atual formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

As informações apresentadas na Figura 27 também vêm ao encontro dos resultados das demais figuras. Novamente, os agricultores familiares diversificados asseguraram a satisfação com a atual forma produtiva, apontando a satisfação e falta de intenção de mudança ligada aos rendimentos financeiros.

A diferença das informações contidas nessa figura em comparação com as demais é por parte dos agricultores familiares especializados que afirmam ter bons rendimentos financeiros com o atual formato produtivo. Fenômeno esse que não

representa a inexistência de intenção pela mudança por parte desse grupo de agricultores familiares, pois com o aumento das culturas haverá mais entradas financeiras. Assim sendo, quase metade dos agricultores familiares especializados apenas está alegando que estão tendo bons retornos financeiros com suas culturas.

Portanto, a satisfação com os bons rendimentos financeiros é expressiva, na totalidade dos agricultores familiares diversificados, o que, novamente, demonstra que não há intenção pela mudança produtiva, e praticamente a metade dos agricultores familiares especializados também se encontra satisfeita com a renda oriunda de sua forma produtiva. Entretanto com esse dado não é possível afirmar que os especializados tenham ou não a intenção de mudar sua forma de trabalhar, pois podem estar satisfeitos com os retornos da cultura produzida, mas sabem que mais culturas trará mais dinheiro.

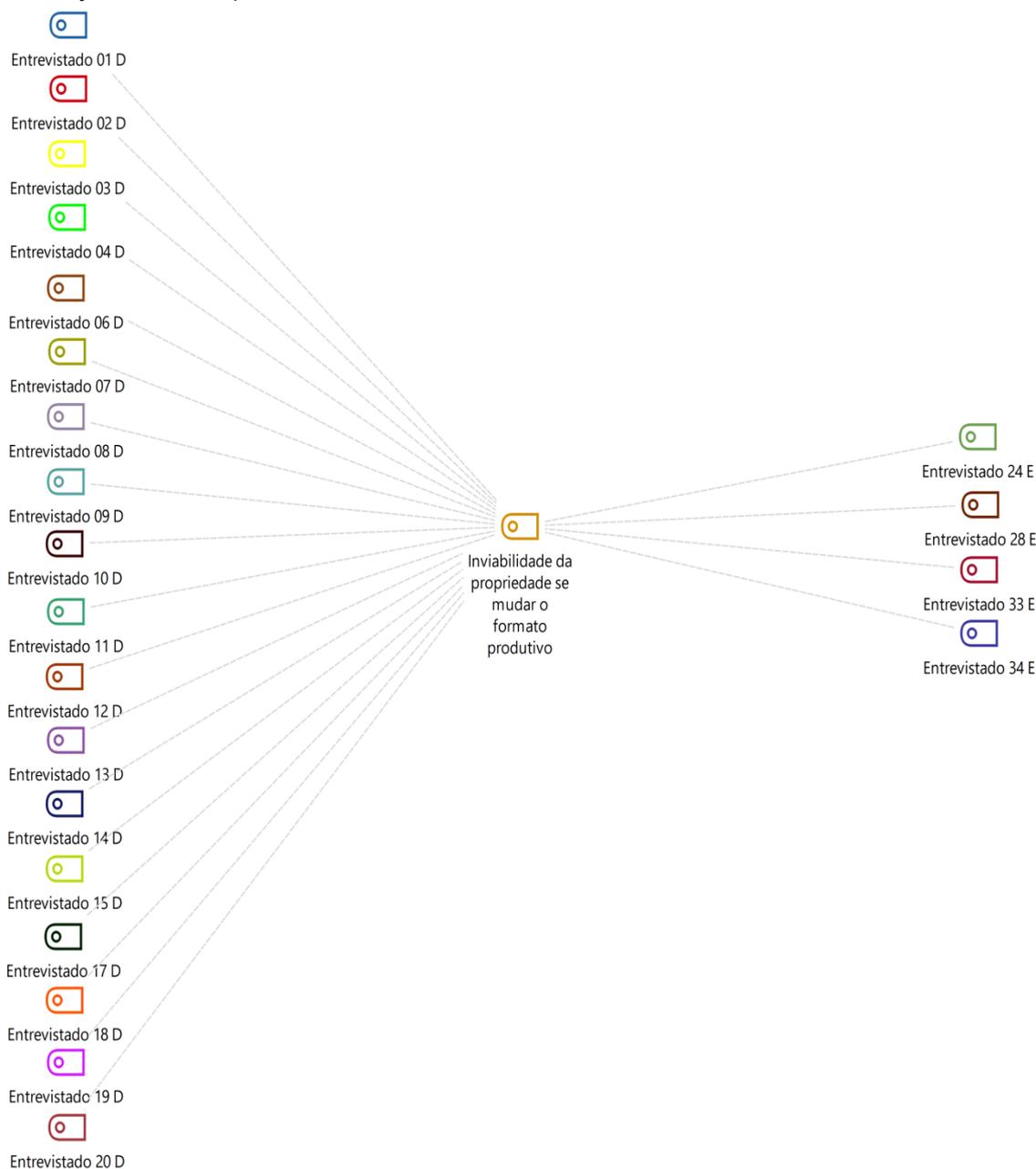
Ainda, há um resquício por parte de menos da metade dos agricultores familiares especializados, indicando estarem satisfeitos com os bons rendimentos, o que pode significar que os outros possuem a intenção de ter mais culturas para ter mais rendas.

Sendo assim, é notório que as questões financeiras estão atreladas diretamente com o momento em que os agricultores familiares necessitam tomar alguma decisão. Até o momento compreende-se que questões vinculadas ao dinheiro são os principais fatores ligados na definição do constructo de atitude.

Precisamente sobre essa questão financeira é que se dá a quarta preposição desfavorável ligada ao constructo de atitude, na qual os agricultores familiares apontam para a inviabilidade das propriedades rurais em caso de mudança no formato produtivo.

Mesmo que seja a preposição menos expressiva desfavorável pela mudança do atual formato produtivo dentro o constructo de atitude, ela possui sua importância e deve ser considerada ao se analisar a intenção comportamental desses agricultores. Os resultados sobre essa preposição estão contidos na Figura 28.

Figura 28 - Agricultores familiares que assinalaram a inviabilidade das propriedades em caso de mudança no formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Nesse quesito, diferentemente das três figuras apresentadas anteriormente, não houve unanimidade por parte dos agricultores familiares diversificados, dois não apontaram para a inviabilidade das propriedades se alterarem o atual formato de produção. Mesmo com a redução, não significa que há intenção desses agricultores em alterar a forma com a qual estão produzindo, apenas acreditam que a mudança não acarretará na inviabilidade da propriedade.

Já o baixo número de agricultores familiares especializados que apontaram para a inviabilidade das propriedades rurais se ocorrer a mudança produtiva é

semelhante aos resultados anteriores. Isso demonstra que esse grupo de agricultores familiares estão mais estruturados e possuem mais recursos, mesmo trabalhando apenas com uma cultura.

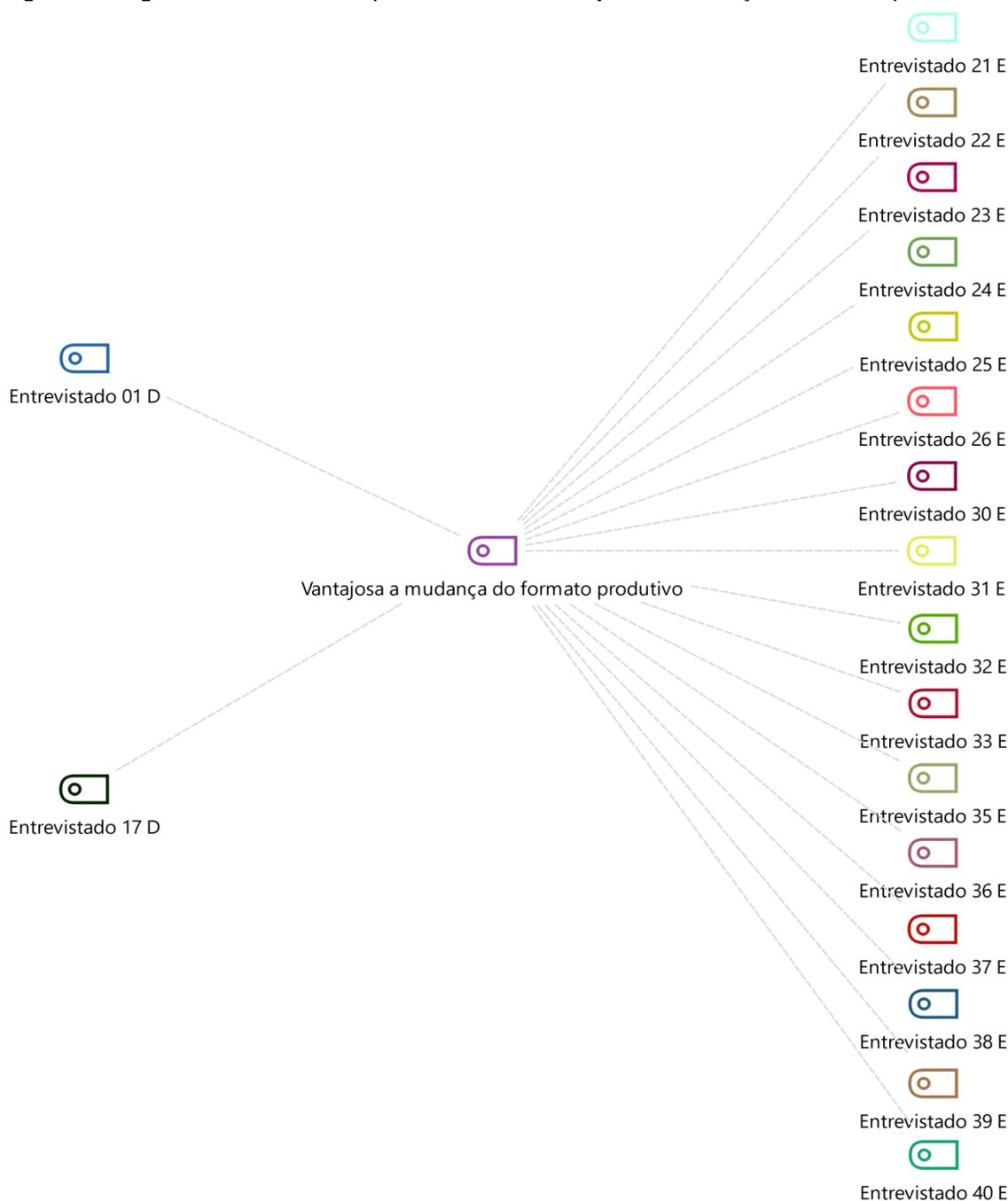
Analisando os quatro argumentos negativos na intenção comportamental ligada ao constructo de atitude, percebe-se que não há intenção por parte dos agricultores familiares na modalidade diversificada em alterar seu atual formato de produção. Fatores financeiros são os principais ligados para que agricultores não queiram mudar sua forma de produzir.

Por outro lado, a pouca expressividade nos argumentos dos agricultores familiares especializados ligados às preposições negativas do constructo de atitude sinaliza para a proposição de que há a intenção desse grupo de agricultores familiares em mudar seu modo de produção, mas para concretizar essa lógica é necessário analisar as preposições positivas na intenção pela mudança do modo produtivo envolvente do constructo de atitude, sendo dois, ambos com bom índice de expressividade.

No decorrer das entrevistas, buscou-se identificar nas respostas dos agricultores familiares argumentos que demonstrassem vantajosa a mudança do atual formato produtivo.

Nesse sentido, pode-se averiguar na Figura 29 os agricultores familiares que consideram como uma vantagem a mudança do modo de produção.

Figura 29 - Agricultores familiares que consideram vantajosa a mudança do formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

As informações contidas na Figura 29 confirmam as suspeitas levantadas nas figuras anteriores e levam a crer que há intenção por parte dos agricultores especializados em mudar seu formato produtivo, considerando a quantidade de agricultores familiares desse grupo que apontam como vantajosa a mudança do formato produtivo. Isso porque, nas figuras anteriores, a expressividade por parte dos agricultores familiares especializados nas preposições negativas para alterar a forma em que estão cultivando seus produtos era baixa, e o fato de agora na figura

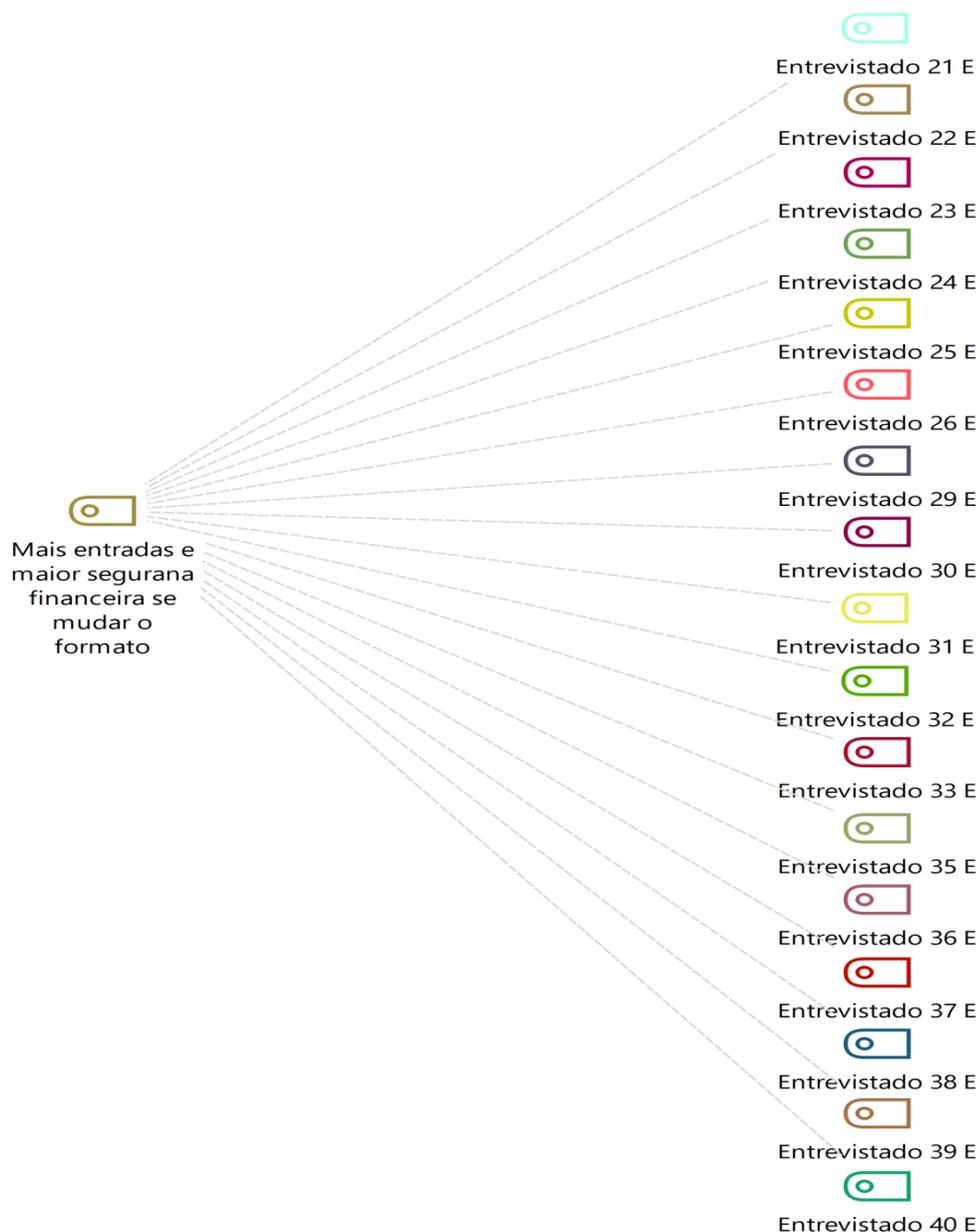
que expressa o contrário, 16 agricultores especializados manifestaram como positiva a alteração produtiva.

Outro dado que corrobora com os resultados anteriores é o fenômeno que aponta que quase em sua totalidade de agricultores familiares diversificados não consideram vantajosa a mudança do modo produtivo, o que leva a acreditar que não há intenção perante esse grupo de agricultores pela mudança produtiva.

Fenômeno que chama atenção é de que os dois agricultores familiares que consideram como vantajoso alterar seu formato produtivo, também estão presentes nas figuras que apresentam elementos desvantajosos para a mudança produtiva. Empiricamente pode-se considerar que o entendimento desses dois agricultores familiares é de que essa mudança pode ser mais uma cultura ou outras culturas das produzidas atualmente e que podem gerar mais rendas, e não entenderam a questão como mudar para apenas uma cultura. Há também a pressuposição, com base em indícios das falas desses agricultores familiares, de ter como vantagem a mudança o fato de terem demonstrado várias vezes a preocupação com a falta de mão de obra, e, na perspectiva deles, essa mudança solucionaria esse problema.

Nesse sentido, considera-se também que os agricultores familiares especializados avaliam como vantajosa a fomentação de mais culturas como estratégia para agregar mais rendas e, posteriormente, ter mais segurança financeira. Seguindo nessa perspectiva, a segunda proposição favorável para a alteração do formato produtivo está pautada no aumento de rendas se tal fenômeno ocorrer. O quantitativo de agricultores familiares entrevistados que aguçaram para tal fenômeno está expresso na Figura 30.

Figura 30 - Agricultores familiares que consideram que terão mais rendas com a mudança do formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Pela primeira vez nesta pesquisa não houve o aparecimento de um grupo de agricultores familiares entrevistados, neste caso nenhum dos agricultores familiares diversificados considera ter mais entradas financeiras se decidir mudar a forma em que está produzindo, demonstrando, novamente, que esse grupo de agricultores familiares não tem intenção de mudar seu modo produtivo.

Em compensação, essa figura expõe o maior índice de entrevistados na modalidade de agricultura familiar especializada de todas as apresentadas com relação à intenção comportamental ligada ao constructo de atitude. Essa

expressividade aponta mais uma vez que há intenção dos agricultores familiares especializados em dispor de mais culturas para ter maiores entradas financeiras.

Portanto, os resultados ligados ao constructo de atitude evidenciam que os agricultores familiares diversificados avaliam como desfavorável a mudança do formato produtivo, no entanto os agricultores familiares especializados avaliam como favorável essa mudança.

Considerando as informações apresentadas nas figuras sobre a intenção comportamental dos agricultores familiares entrevistados ligados ao constructo de atitude, constata-se vultosa semelhança com os resultados obtidos no constructo de controle comportamental percebido, mesmo que o constructo de atitude tenha menor expressividade.

A semelhança intencional entre os dois constructos está ligada pela clara demonstração que não há intenção por parte dos agricultores familiares do modelo de produção diversificada em migrar para a especialização. Em compensação, os dados apontam que há intenção por boa parte dos agricultores familiares especializados em mudar para a diversificação.

Durante as entrevistas percebeu-se por parte dos agricultores familiares com diversificação de culturas que suas satisfações nesse formato produtivo estão ligadas diretamente com questões financeiras, levando em consideração a conjuntura de áreas pequenas, poucos recursos e bons retornos financeiros e, por esse motivo, não há a intenção em alterar a forma por meio da qual produzem. Nessa perspectiva econômica que os agricultores especializados desenvolvem a intenção pela mudança produtiva, de acordo com eles, mais culturas representam maiores entradas e maior segurança financeira.

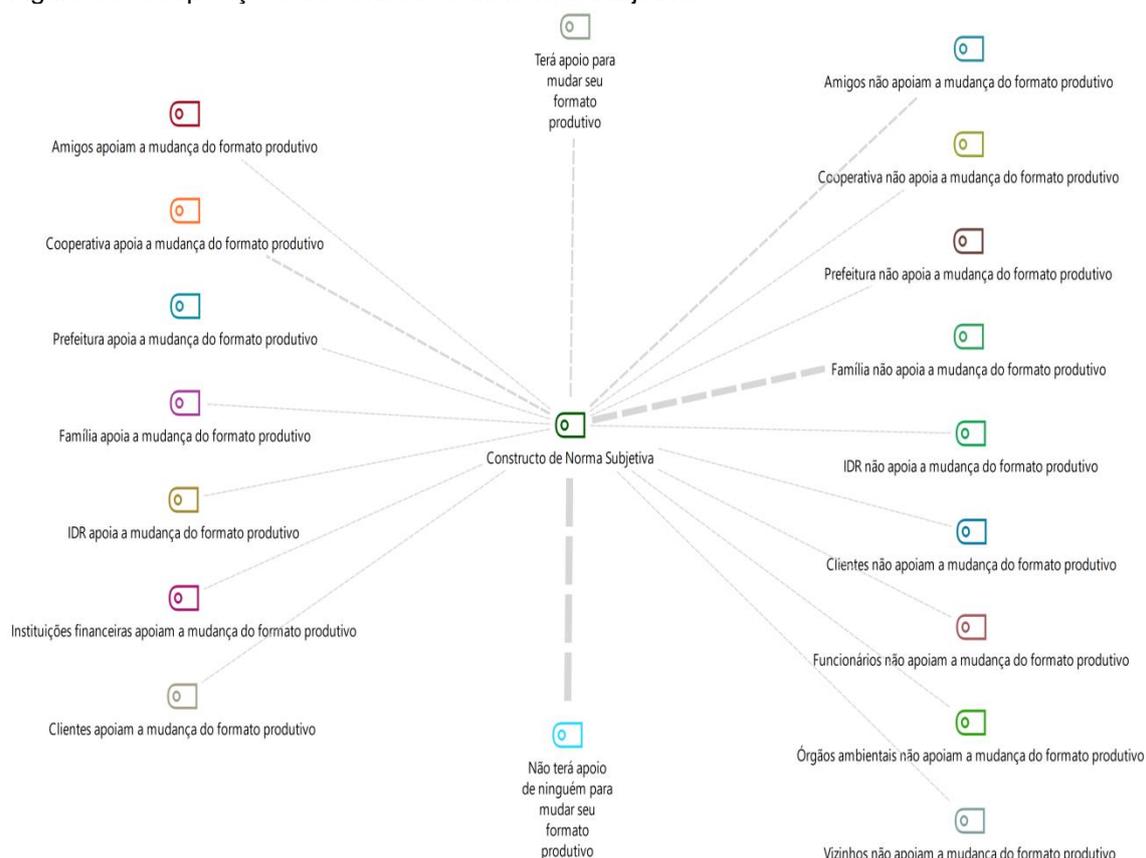
#### **4.2.3 Constructo de norma subjetiva**

Por fim, o constructo de norma subjetiva obteve o menor volume de codificações, totalizado 219, larga distância do constructo de controle comportamental percebido, mas apenas duas codificações a menos que o constructo de atitude.

Destaca-se que o constructo de norma subjetiva é a percepção do indivíduo que se preocupa com o que as outras pessoas pensam acerca do comportamento que ele pretende concretizar (AJZEN, 1991).

Da mesma maneira que os construtos anteriores, o de norma subjetiva também traz em seus resultados proposições positivas e negativas sobre a intenção dos agricultores familiares em mudar o formato produtivo, como se pode constatar na Figura 31.

Figura 31 - Proposições do constructo de norma subjetiva

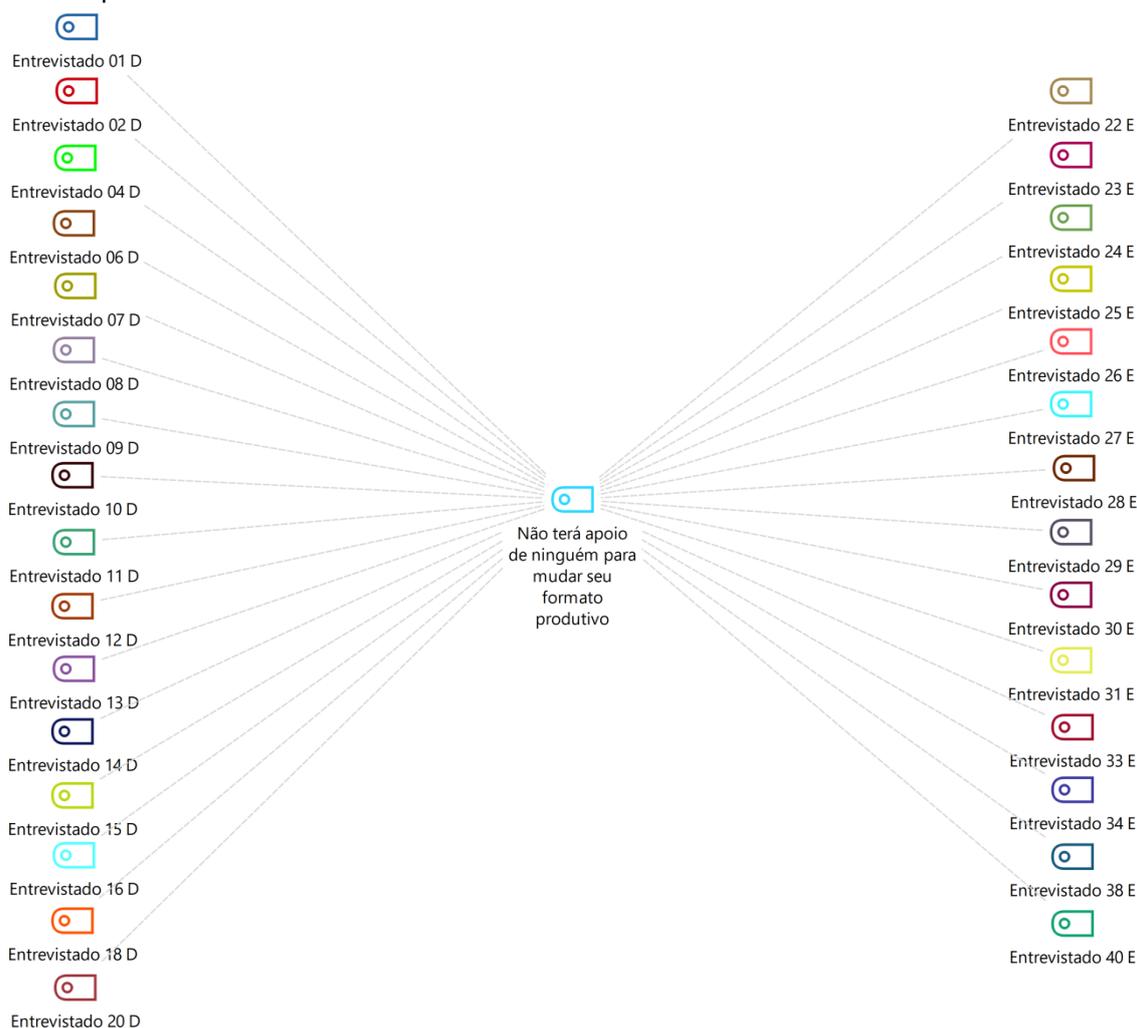


Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Mesmo com menor número de codificações, o constructo de norma subjetiva apresenta o maior número de proposições comparado aos demais constructos. As proposições desse constructo dividem-se em dois sentidos: apoiadores e não apoiadores pela alteração do formato produtivo. Entre os não apoiadores fomentaram-se nove proposições, já nos apoiadores para a mudança do formato produtivo obteve-se apenas sete proposições.

Com maior intensidade os agricultores familiares alegaram que não terão apoio de ninguém para mudar a forma como estão produzindo, conforme demonstra a Figura 32.

Figura 32 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio de ninguém para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Diferentemente dos constructos anteriores nos quais ocorria disparidade nos resultados entre os grupos de agricultores familiares, no constructo de norma subjetiva há praticamente equidade no que se refere à falta de apoio que terão se um dia decidirem pela mudança da forma atual de produção.

Ambos os grupos de agricultores familiares entrevistados consideram, em quase sua totalidade, que não terão nenhuma pessoa, grupo de pessoas ou órgãos que os apoiarão na tomada de decisão pela mudança do formato produtivo.

Tendo como base o constructo de norma subjetiva na medição da intenção dos indivíduos através da opinião dos outros, considera-se que mesmo que esse constructo tenha sido o menor número de codificações, mas com o maior número de proposições, motivo pelo qual não pode ser ignorado, pois há, por parte dos

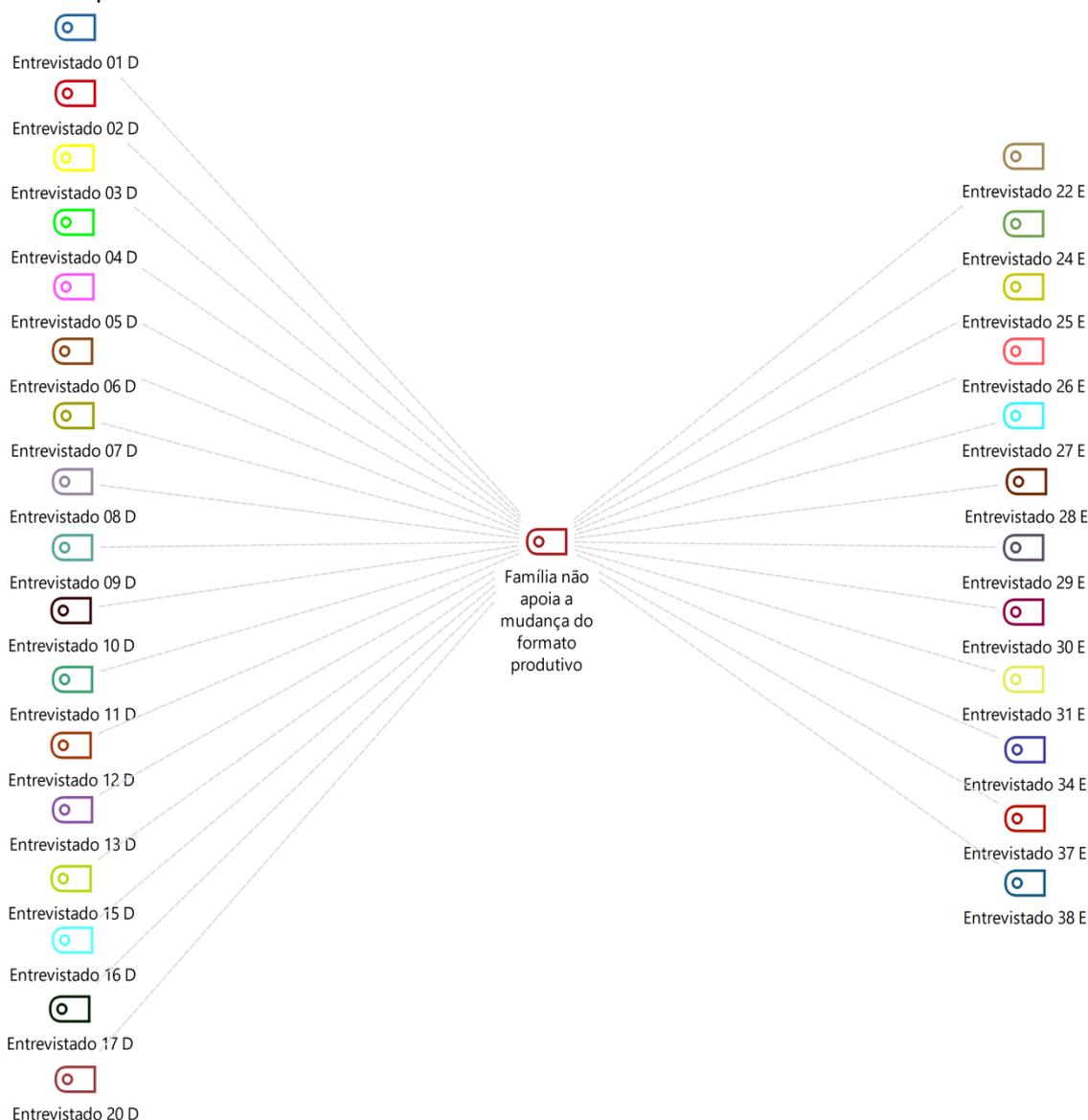
agricultores familiares, a visão e a preocupação com o pensamento alheio nas decisões que eles tomam.

Mesmo que semelhante, novamente os agricultores familiares com produção caracterizada pela diversificação apresentam mais pontos inibidores que favoráveis para a mudança do atual formato produtivo, demonstrando que não há intenção por parte desse grupo em modificar seu estilo de produção.

Nos estudos de Schroeder, Chaplin, Isselstein (2015), Senger (2016), Rosa (2018), Daxini *et al.* (2019) e Silva (2019) a falta de apoio também foi mais expressivo e significativo que ter apoio para mudar o formato produtivo.

Durante as entrevistas, dentro do dado de que não terão apoio de ninguém para mudar seu formato de produção, os agricultores familiares apresentaram as pessoas, grupos e órgãos, mais especificamente 10 tipos, que não os apoiarão nessa mudança, sendo a falta de apoio da família a proposição com expressividade superior às demais, fenômeno evidenciado apresentado pela Figura 33.

Figura 33 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio da família para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Os dados apresentados na Figura 33 evidenciam novamente a resistência e a falta de intenção dos agricultores familiares diversificados em mudar seu estilo produtivo, mesmo que não seja unânime, mas em quase sua totalidade esse grupo de agricultores familiares apontam não ter apoio da família para tal mudança. Fato que pode interferir diretamente na fomentação da intenção comportamental.

Com menos expressividade, mas significativo, os agricultores familiares especializados também consideram que não terão apoio do seu clã familiar para migrar seu estilo produtivo para a diversificação.

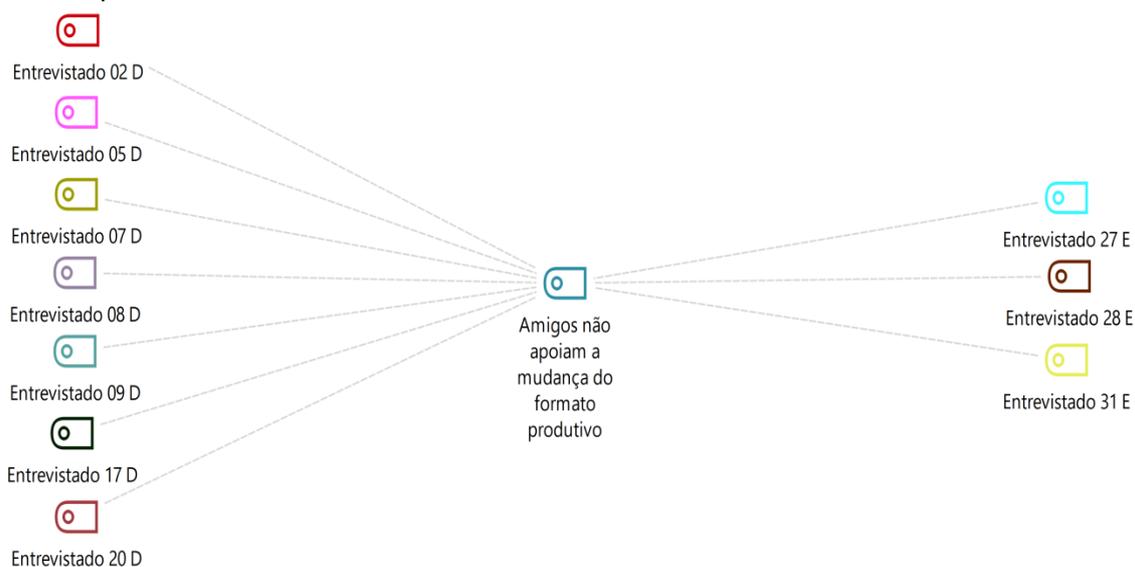
Indica-se como suposição para esses resultados tão expressivos por parte dos dois grupos de agricultores familiares entrevistados o fato de essa pesquisa ter

como amostragem, os agricultores de caráter familiar, em que o trabalho e a gestão são realizados pelos membros da família, portanto, o formato produtivo em que atuam provavelmente foi uma escolha conjunta desse clã.

Esse resultado corrobora com os estudos Schroeder, Chaplin, Isselstein (2015), Senger (2016), Rosa (2018), Daxini *et al.* (2019) e Silva (2019) nos quais a família também é o principal grupo de pessoas contrárias e importantes para os agricultores familiares na mudança produtiva.

O segundo grupo de pessoas que os agricultores familiares entrevistados se importam com o que pensam sobre a decisão de mudar ou não seu formato produtivo, e consideram como contrários a essa mudança, são os amigos. Com índice bem inferior à opinião dos familiares, a falta de apoio dos amigos é significativa, como apresenta a Figura 34.

Figura 34 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio dos amigos para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

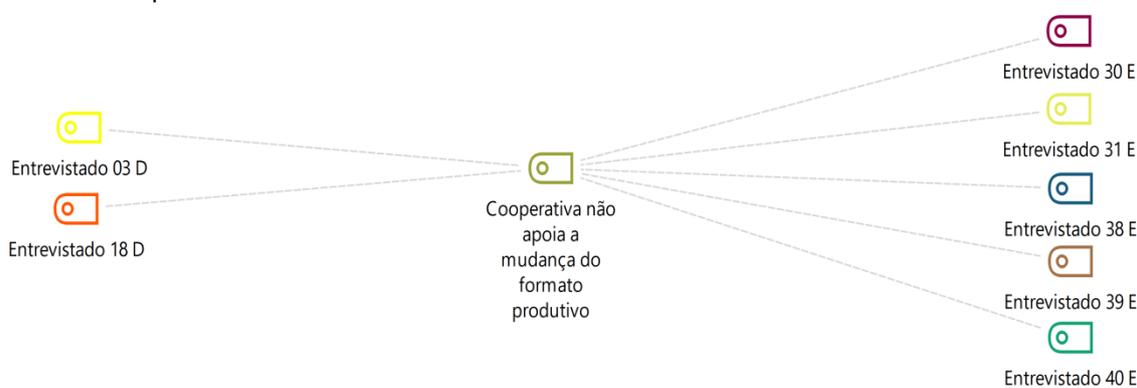
Mesmo que a expressividade desse resultado seja menor, isso não significa que pode ser ignorado, a Figura 34 demonstra que uma parcela dos agricultores familiares entrevistados, os diversificados com maior significação em comparação com os especializados, acreditam que não terão apoio dos amigos para a mudança produtiva.

Esse dado demonstra que alguns agricultores familiares levam em consideração a opinião e o pensamento de pessoas que não estão ligadas direta ou

consanguineamente ao seu grupo familiar, mas possuem importância para a tomada de decisão.

Constatou-se durante as entrevistas e em dados já apresentados em outro momento desta pesquisa, que os agricultores familiares entrevistados possuem vínculos com cooperativas, principalmente no que se refere à comercialização dos produtos e no apoio técnico. Nesse sentido, considerando a intenção comportamental desses agricultores ligada ao constructo de norma subjetiva, a Figura 35 traz a expressividade dos entrevistados que consideram que as cooperativas não apoiariam a mudança do estilo de produção.

Figura 35 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio das cooperativas para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Os resultados apontam que mesmo não apresentando tanta expressividade, os agricultores familiares do modelo especializado levam mais em consideração a opinião das cooperativas na tomada de decisão em comparação com os agricultores familiares diversificados.

O motivo central para um percentual de agricultores familiares considerarem que as cooperativas não apoiam a mudança do formato produtivo se dá em razão de que eles trabalham no formato de integração, no qual as cooperativas impõem normas ligadas, principalmente, às questões sanitárias, não permitindo outras culturas na propriedade, motivo pelo qual os especializados demonstram maior significância nessa figura.

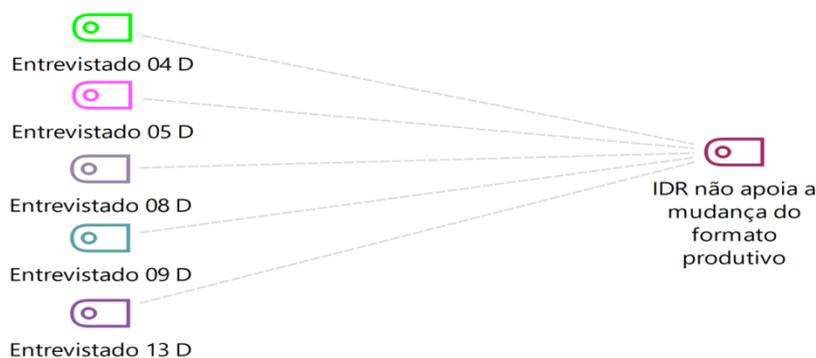
Mesmo parecendo contraditório ter agricultores diversificados que consideram que as cooperativas não apoiam, haja vista que atuam no sistema de integração, aponta-se que são agricultores familiares que não possuem outros animais como fonte de renda na propriedade, pois nessa pesquisa identificou-se que

as principais integrações envolvem a exploração animal, portanto, esses agricultores familiares diversificados possuem exploração animal e outras culturas, como: grãos, panificados ou frutas.

Mais do que garantia de comercialização e fornecimento de matéria prima, as cooperativas, por muitas vezes, também são responsáveis pela assistência técnica nas propriedades, e a mudança do estilo produtivo acarretaria a perda desse subsídio.

Além das cooperativas que realizam a parte de apoio técnico, esses agricultores familiares, principalmente por serem considerados pequenos produtores, necessitam dessas assistências, sendo necessário ressaltar que vários conseguiram segurança financeira através desse apoio. Nesse sentido, o IDR é um dos principais órgãos do Oeste do Paraná em extensionismo rural, por esse motivo, uma fatia de entrevistados considera que não terá incentivo do IDR na decisão pela mudança do formato produtivo, como indica a Figura 36.

Figura 36 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio do IDR para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

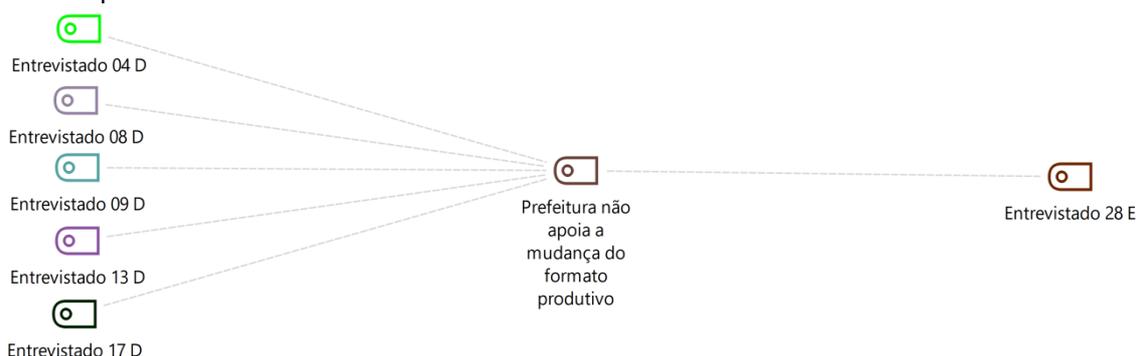
Apenas agricultores familiares na modalidade de diversificação de culturas, mesmo que com baixa expressividade, consideram que não terão apoio do IDR se decidirem mudar o formato de produção. Esse fato ocorre, principalmente, por dois motivos centrais, o primeiro está ligado ao fato desse grupo de agricultores terem um maior volume de culturas o que requer que eles adquiram mais conhecimento e tenham maior acompanhamento de profissionais técnicos na área. O segundo fato está ligado no sentido de que esses agricultores familiares trabalham com culturas que não são consideradas tradicionais na região, por muitas vezes são pioneiros ou

estão em transição para tal cultura, e necessitam de apoio de profissionais que tenham capacidade de realizar o extensionismo necessário nessas propriedades.

O não aparecimento de agricultores especializados nessa figura é motivado, geralmente, pelo fato de que esse grupo possui integração com cooperativas ou tem parceria de comercialização com empresas privadas que realizam a assistência técnica necessária nas propriedades, dificilmente utilizando serviços do IDR.

Ainda, nessa linha, principalmente do quesito extensionismo rural, que por muitas vezes ocorre pelas cooperativas ou pelo IDR, há também o apoio por parte das prefeituras municipais para os agricultores familiares. Nesse sentido, alguns agricultores familiares entrevistados também apontaram que não terão apoio por parte desse órgão para praticar a mudança no formato produtivo, como demonstra a Figura 37.

Figura 37 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio da prefeitura para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

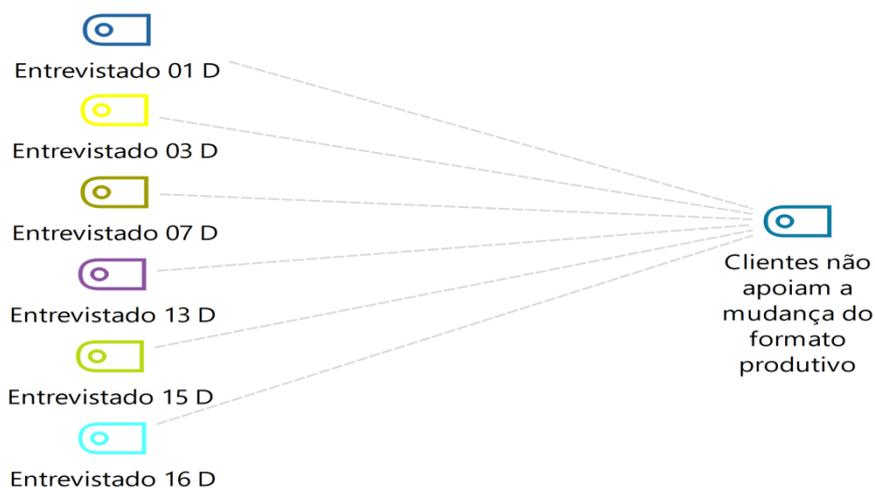
Os agricultores familiares diversificados que consideram que a prefeitura do município não apoia a mudança trazem como argumento central o fato de eles produzirem alimentos para programas de alimentação escolar, adquiridos por esse órgão. Já o agricultor familiar de forma especializada que também acredita que a prefeitura se opõe à alteração é um produtor de flores, especificamente orquídeas, o qual foi o pioneiro no município no ramo e hoje é o maior produtor da área, sendo que essa flor é o símbolo do município, por esse motivo, ele considera que a prefeitura não aceitaria essa mudança em sua propriedade.

De acordo com os agricultores familiares que responderam que a prefeitura não apoia a mudança no formato produtivo, além deles terem a prefeitura como principal compradora dos seus produtos, ela também auxilia na orientação técnica na propriedade. Alguns afirmaram que conseguiram ter mais renda após receberem

incentivos e formação da prefeitura e do IDR para cultivar produtos que não conheciam ou tinham conhecimento para produzir.

Seguindo nessa linha, o quesito comercialização também interfere na intenção comportamental dos agricultores familiares, para um percentual deles os clientes não os apoiarão na mudança produtiva, como aponta a Figura 38.

Figura 38 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio dos clientes para mudar seu formato produtivo

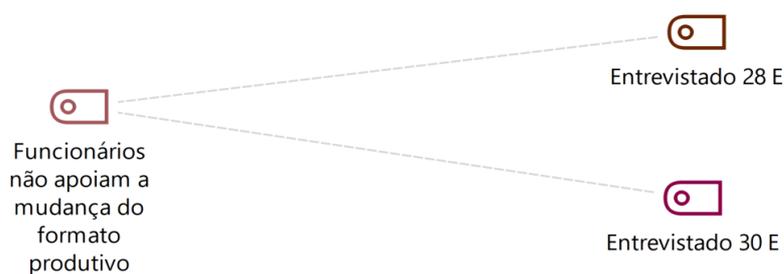


Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

O fato de apenas agricultores familiares diversificados considerarem que os clientes são contrários à mudança do formato produtivo se dá em razão de que estes produzem vários produtos, muitos desses do cotidiano alimentar das pessoas, que também são comercializados nas propriedades, feiras ou porta a porta, e por esse motivo, se um dia decidirem especializar-se em uma cultura talvez vão parar de comercializar para seus clientes e, provavelmente, trabalhar no formato de integração com grandes cooperativas ou em sistema de parceria com empresas privadas.

Com pouca expressividade, alguns agricultores familiares apontaram outras pessoas e órgãos que não apoiam a mudança do modelo produtivo executado em suas propriedades, como por exemplo, agricultores que contam com funcionários, os agricultores familiares sabem que se ocorrer mudança no formato produtivo, não terão o apoio dos seus servidores. Na Figura 39 estão os agricultores os quais afirmaram que não terão apoio por parte de seus trabalhadores, aponta-se que nos estudos semelhantes encontrados e relacionados nesta tese a preposição da opinião de funcionário não foi identificada.

Figura 39 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio dos funcionários para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Os dados da figura corroboram com dados já apresentados em outro momento desta pesquisa, em que foi demonstrado que os agricultores especializados tendem a ter funcionários, principalmente pelo fato de eles trabalharem apenas com uma cultura o que requer que seja em escalas maiores para que se torne viável.

Ressalta-se que o maior desafio apontado pelos entrevistados foi a dificuldade de encontrar mão de obra, e, portanto, não ter esses trabalhadores apoiando os processos produtivos da propriedade poderá piorar ainda mais esse cenário.

A falta de apoio dos vizinhos também foi apresentada por um agricultor familiar como elemento importante na tomada de decisão para não mudar seu estilo de produção, algo que esteve presente em estudos como de Senger (2016) como demonstra a Figura 40.

Figura 40 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio da prefeitura para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Em conversa com esse agricultor familiar especializado, ele informou que tem ótimo relacionamento com seu vizinho, e que, além disso, as propriedades são muito próximas, e a mudança do formato produtivo pode causar problemas para ambos, principalmente no que diz respeito à utilização dos defensivos, adubos ou destino dos dejetos. Por esse motivo, buscam tomar decisões que não prejudiquem

nenhum deles, para ele, é possível ambos se desenvolverem sem prejudicar um ao outro.

Por fim, um agricultor familiar entrevistado apontou os órgãos ambientais como barreira para mudar seu formato produtivo. Conforme demonstra a Figura 41.

Figura 41 - Agricultores familiares que consideram que não terão apoio os órgãos ambientais para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

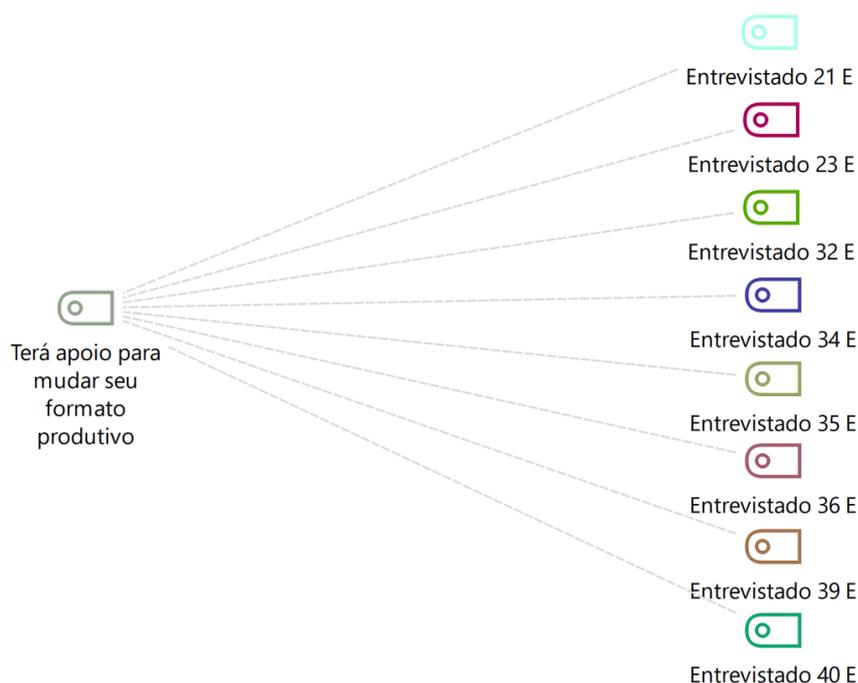
Este agricultor afirmou que, por diversas vezes, teve a intenção de ter mais culturas, haja vista ele ser especializado em uma cultura, mas enfrenta o problema que sua propriedade conta com muita área de preservação legal e nascentes de água o que acaba dificultando a liberação por parte dos órgãos competentes para aumentar o número de culturas. Declarou, ainda, que inclusive já tentou por várias vezes diversificar a sua produção agrícola, mas os órgãos ambientais não autorizam tal projeto. O agricultor familiar tem a ciência de que por mais que tenha a intenção de migrar da especialização para a diversificação, a legislação pertinente não permitirá.

Com as preposições desfavoráveis apresentadas, é evidente que os agricultores familiares entrevistados estão preocupados e levam em consideração o que os outros, pessoas ou órgãos, pensam sobre a tomada de decisão pela mudança produtiva.

Por outro lado, alguns agricultores familiares entrevistados consideram também, que há apoio para mudar seu formato produtivo. Ao analisar os estudos de Schroeder, Chaplin e Isselstein (2015), Senger (2016), Rosa (2018), Daxini *et al.* (2019) e Silva (2019) percebe-se que há poucos apoiadores, semelhantemente aos resultados desta pesquisa.

Ainda, os agricultores familiares apontaram quem são as pessoas ou órgãos que consideram importante a opinião e o pensamento para a mudança produtiva. A Figura 42 apresenta quais são os agricultores familiares que consideram ter apoio para alterar seu estilo de produção.

Figura 42 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio de ninguém para mudar seu formato produtivo



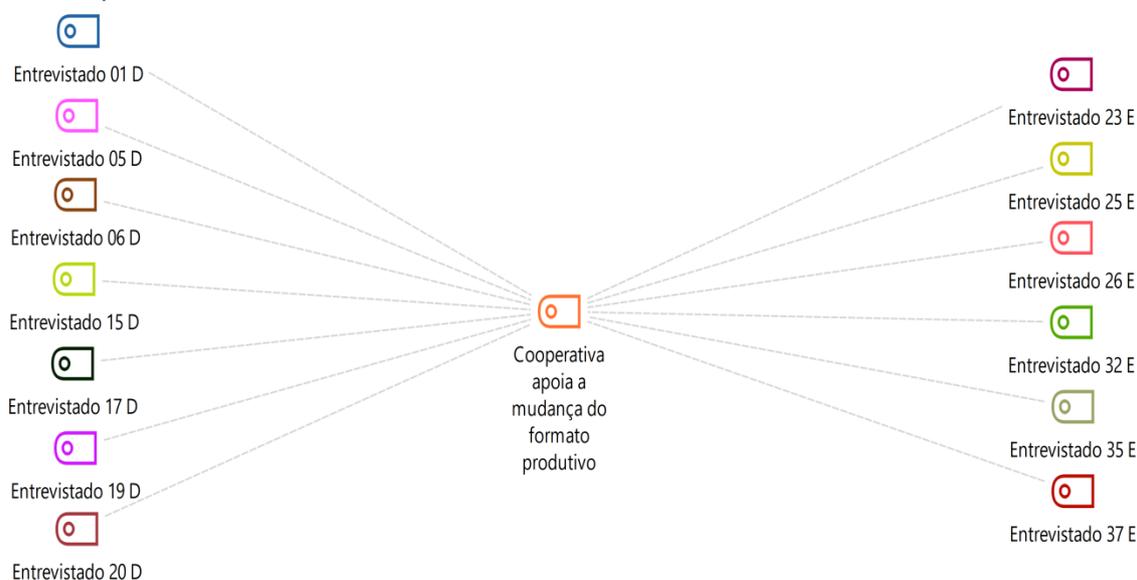
Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Contrariamente à Figura 32 que apresentava os agricultores familiares os quais consideravam não ter apoio para mudar seu formato produtivo, cuja intensidade de respostas de ambos os grupos era praticamente equitativa e com significativa expressividade, nesta última, percebe-se que nenhum agricultor familiar diversificado considera ter apoio de outras pessoas ou órgãos para mudar seu formato produtivo. Já dos agricultores familiares especializados, apenas oito acreditam que terão apoio para tal alteração em sua produção.

É necessário ressaltar que três dos agricultores familiares especializados entrevistados os quais responderam que terão apoio para mudar o formato produtivo, também apontaram em outro momento que não terão apoio de ninguém para alterar seu estilo de produção. Suspeita-se que para tal resultado o entrevistado pode estar ligado a algum grupo de pessoas ou órgãos que apoiam, mas que também há os que não apoiam.

Nas preposições favoráveis, as cooperativas foram consideradas as principais apoiadoras para que os agricultores familiares modifiquem seu estilo de produção, conforme apresenta a Figura 43.

Figura 43 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio das cooperativas para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Equilibradamente, os dois grupos de agricultores familiares entrevistados consideram que as cooperativas apoiam a mudança no estilo produtivo deles. De acordo com esses agricultores familiares, as grandes cooperativas gostam de ter exclusividade do agricultor, para eles, no momento de realizar parceria com as cooperativas, preferencialmente, devem produzir apenas o que as cooperativas permitem e toda a comercialização das culturas produzidas deverá ser feita para elas.

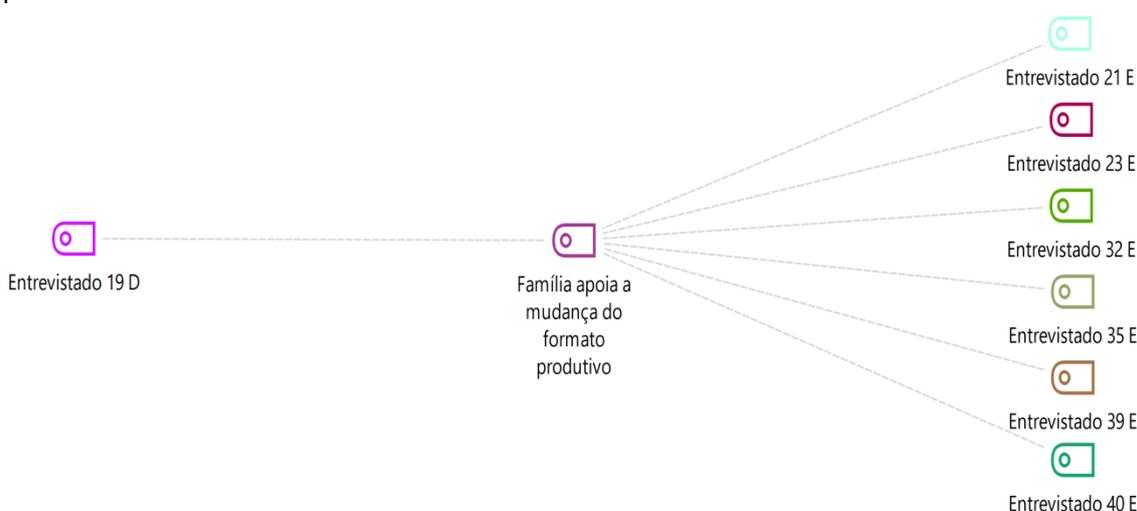
Grande parte dos agricultores familiares que afirmaram que as cooperativas apoiam a mudança do formato produtivo são produtores de itens não tão tradicionais na região e, por esse motivo, consideram que as cooperativas apoiam, haja vista que produtores de grãos e de animais em grande escala, geralmente, trabalham em forma de integração ou parcerias com grandes cooperativas, consideram, ainda, que os grãos ou animais em produção em grande escala são as culturas favoritas das cooperativas. Os agricultores apresentados nessa figura consideram que as grandes cooperativas da região têm interesse que todos os agricultores se tornem integrados ou parceiros delas.

Os dados corroboram com os resultados da Figura 35, apontando que as cooperativas são contrárias à mudança do formato produtivo, naquela figura os agricultores familiares que apontaram as cooperativas como contrárias à mudança

são produtores do sistema de integração ou parceria que assinalaram para a exclusividade exigida por elas.

Nas proposições contrárias à mudança do estilo produtivo, a família foi o grupo sobressalente ao não apoio, já nas proposições favoráveis a família está em segundo lugar e com cenário de menor expressividade, conforme apresenta a Figura 44.

Figura 44 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio da família para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Mesmo com baixa expressividade, o quantitativo de agricultores familiares especializados é superior aos diversificados quando apontam o apoio dos familiares para mudar o formato produtivo. Os motivos expressados por eles são semelhantes, tanto os especializados quanto o diversificado. Os principais fatores apresentados foram: idade dos agricultores, saúde, falta de mão de obra, poucos retornos financeiros, falta de recursos e a saída dos filhos da propriedade.

Percebe-se que o apoio recebido da família nem sempre está ligado ao desejo de cultivar determinado item ou tal estilo de produção, mas sim com a necessidade e a realidade de cada agricultor e da sua propriedade.

Apontado por número baixo de agricultores familiares, o IDR também foi listado como apoiador para a mudança do formato produtivo, conforme demonstra a Figura 45.

Figura 45 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio do IDR para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Os três agricultores familiares que apontaram o IDR como apoiador para a mudança produtiva, já estão realizando diálogos e projetos com o órgão. O agricultor familiar diversificado além de grãos produz frutas e polpas comercializadas, principalmente, para alimentação escolar, mas devido ao cenário e estado pandêmico da Covid-19 ocasionado pelo vírus SARS-CoV-2, esse agricultor diminuiu o cultivo de frutas e polpas e se dedicou mais aos grãos como estratégia de renda, e agora distanciando-se do período crítico da pandemia, o IDR está trabalhando e incentivando novamente esse agricultor familiar para voltar a cultivar mais frutas e polpas e menos grãos.

Já o agricultor familiar especializado denominado como 21, produz frangos caipiras para comercialização na feira e na propriedade, com o passar do tempo já construiu um pequeno frigorífico e possui as liberações de vigilância sanitária. O IDR está realizando projeto de apoio e viabilidade econômica para inclusão de mais produtos para esse agricultor familiar, haja vista as suas instalações e liberações sanitárias, com isso, o agricultor pretende, ainda no ano de 2022, iniciar a produção e comercialização de ovinos e uvas, para aproveitar melhor a propriedade e suas instalações, conseqüentemente, gerar mais rendas.

Semelhantemente, o agricultor familiar especializado 23 é produtor de fumo, em uma pequena área de terra desnivelada e rochosa, que dificulta o cultivo de várias espécies de plantas, com isso, tendo a necessidade de agregar mais culturas para ter mais rendas, principalmente em frustrações com o fumo, o IDR está trabalhando com o agricultor a viabilidade de implantação de alguma cultura ligada a animais, como: suinocultura, bovinocultura ou avicultura. Este projeto e a parceria com o IDR estava em fase inicial quando foi realizada a entrevista.

Esse dado demonstra a importância e a influência dos órgãos de extensionismo rural na consolidação da intenção para a tomada de decisão pela mudança do formato produtivo, especialmente no que se refere ao aumento de culturas e produções não tradicionais da região.

Há agricultores familiares os quais consideram que as instituições financeiras apoiam as mudanças produtivas, disponibilizando créditos financeiros para tal fato, como demonstra a Figura 46.

Figura 46 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio de instituições financeiras para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Os agricultores familiares de caráter produtivos especializados que consideram as instituições financeiras como apoiadoras pela mudança do formato produtivo, alegam não ter recursos financeiros para tal mudança, mas com as diversas linhas de crédito disponibilizadas por esses estabelecimentos isso se tornaria possível.

Para esses agricultores familiares, no passado, a maior dificuldade para alterar seu estilo de produção era a falta de recursos financeiros, o que, com o advento das cooperativas de créditos e novas políticas bancárias, deixou de ser problema e se tornou oportunidade.

Entre as pessoas que não apoiavam a mudança do atual formato produtivo, os amigos foram expressivos não apoiadores, já no cenário de apoio, apenas um agricultor apontou ter esse apoio. Esse dado está expresso na Figura 47.

Figura 47 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio dos amigos para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Apenas um agricultor familiar especializado tem a visão de que terá o apoio dos amigos para mudar seu formato produtivo, sendo que anteriormente foram apresentados 12 agricultores os quais consideravam que os amigos não apoiavam essa mudança.

Este agricultor familiar possui parte da propriedade em sociedade com um amigo, e de acordo com ele, o amigo e sócio é seu principal instigador para ter mais culturas, tanto que está ajudando na análise de viabilidade e tomada de decisão por qual cultura ampliar na propriedade. Inclusive já haviam iniciado mais culturas, entretanto necessitaram parar por normas da cooperativa de integração.

Ainda, um agricultor familiar também aponta os clientes como apoiadores pela alteração produtiva em sua propriedade, conforme assinala a Figura 48.

Figura 48 - Agricultores familiares que consideram que terão apoio dos clientes para mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Esse entrevistado já esteve presente na Figura 45 na qual afirma ter apoio do IDR para a mudança produtiva. O agricultor familiar em questão trabalha com a criação e abates de frangos caipiras, e com o sucesso do negócio recebeu pressão dos clientes para produzir mais alimentos, com isso, buscou conhecimento e parceria junto ao IDR e já está em processo de inclusão de mais culturas.

Dessa maneira, pode-se afirmar que a intenção de mudar o estilo produtivo desse agricultor familiar em questão se deu através do constructo de norma subjetiva, pela pressão sofrida dos clientes.

Analisando os resultados do constructo de norma subjetiva, mesmo sendo o com menor número de codificações, identificou-se que o número de apoiadores para a mudança do formato produtivo é inferior aos não incentivadores, e quanto mais proposições desfavoráveis, menor a intenção comportamental. Percebe-se ainda, que os agricultores familiares levam em consideração a opinião das pessoas e órgãos próximos, tanto os favoráveis para a mudança, quanto os desfavoráveis. Os dados são semelhantes aos estudos de Schroeder, Chaplin e Isselstein (2015),

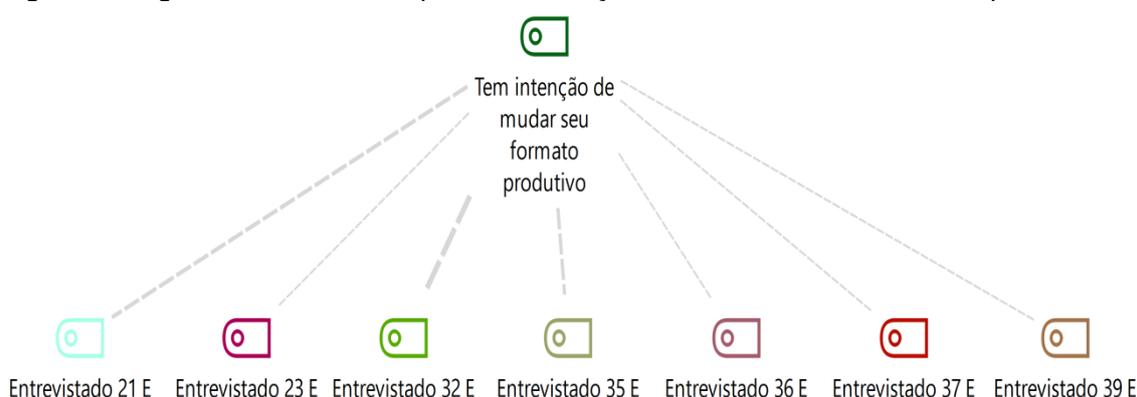
Senger (2016), Rosa (2018), Daxini *et al.* (2019) e Silva (2019) que demonstram pouco apoio para mudanças.

Durante as entrevistas, buscou-se também identificar evidências explícitas e implícitas diretas sobre a intenção dos agricultores familiares em mudar ou se manter no atual formato produtivo. Com isso, foi possível estruturar duas figuras, a primeira que demonstram os agricultores familiares com intenção direta pela alteração da produção e a segunda exhibe os entrevistados que claramente expressaram não ter nenhuma intenção de trabalhar em outro estilo de produção.

#### 4.3 INTENÇÕES COMPORTAMENTAIS DIRETAS DOS AGRICULTORES FAMILIARES

A Figura 49 expressa os agricultores familiares que seguramente afirmaram durante as entrevistas que tem intenção de alterar sua forma produtiva.

Figura 49 - Agricultores familiares que tem a intenção direta de mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Corroborando com os resultados apresentados durante as análises dos três constructos, evidenciou-se nessa figura que apenas agricultores familiares de caráter especializado possuem intenção de mudar seu estilo produtivo. Tal fato que demonstra a satisfação dos agricultores familiares diversificados com seu formato produtivo e certa insatisfação por parte dos especializados.

Mesmo que não seja a totalidade dos entrevistados especializados que estão com a intenção de mudar, mas de um total de 20 agricultores familiares que trabalham apenas com uma cultura, sete, no caso 35% desse grupo de agricultores

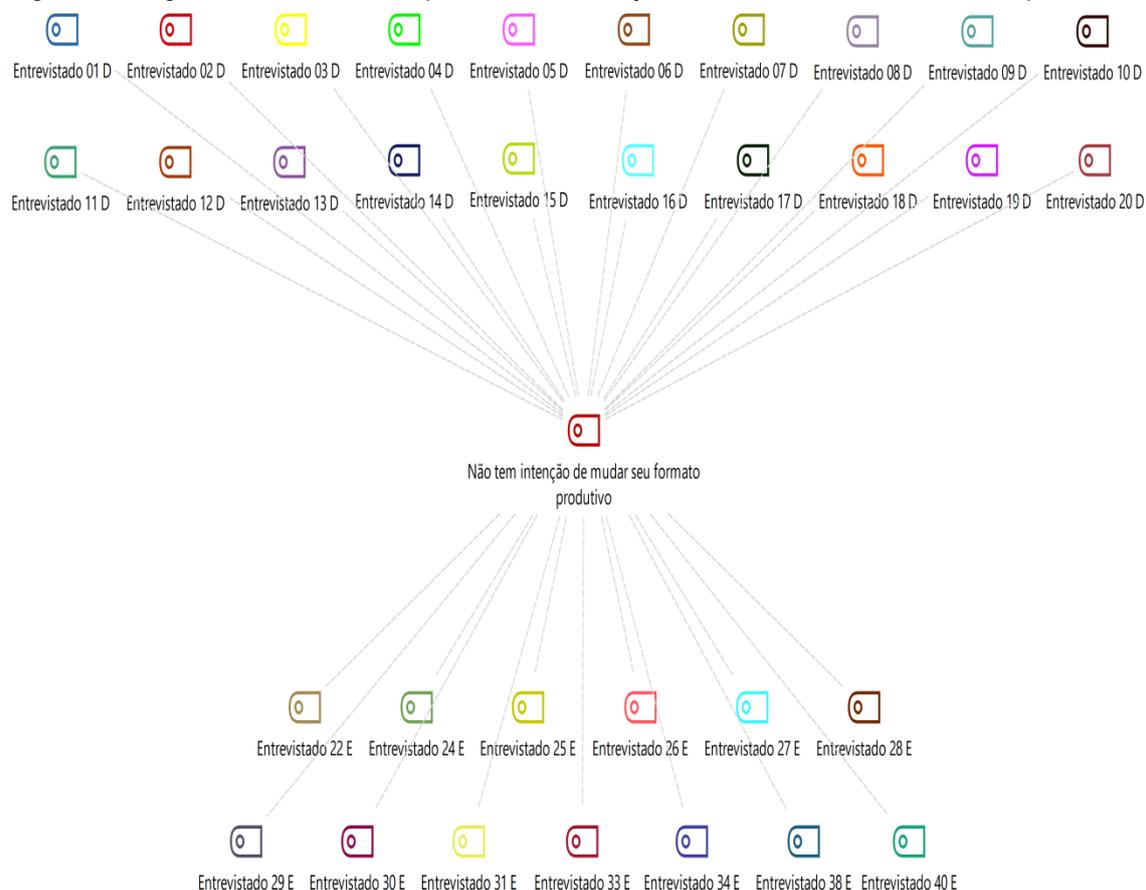
familiares, têm a intenção de incluir mais e/ou novas culturas em suas propriedades, o que representa número significativo.

As intensidades das linhas demonstram que há agricultores familiares especializados com mais e outros com menos intenção de mudar seu estilo de produção, mas no contexto geral a intenção é grande, o que representa que esses entrevistados estão com a decisão formada pela mudança.

Analisando o contexto geral desses entrevistados, identificou-se que os principais fatores para tal intenção estão ligados com questões financeiras, para eles o aumento de culturas representará mais entradas de dinheiro, resultando em maior segurança econômica. Além disso, 90% deles já estão em fase de conversas com órgãos competentes, análises de viabilidade, visitação em propriedades que trabalham com as culturas pretendidas, elaboração de projetos, encaminhamento de financiamentos, regularizações legais ou em processo de transição de culturas.

Por outro lado, a Figura 50 apresenta os agricultores familiares entrevistados que diretamente demonstraram não ter intenção pela mudança produtiva.

Figura 50 - Agricultores familiares que não tem intenção direta de mudar seu formato produtivo



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Ao contrário da figura anterior, esta aponta para grande volume de agricultores familiares que não possuem intenção de mudar seu formato produtivo.

Todos os agricultores familiares de caráter produtivo diversificado claramente demonstraram que não tem intenção pela mudança produtiva, corroborando com os resultados obtidos na análise dos três constructos.

Mesmo que, anteriormente, demonstrou-se que sete agricultores familiares especializados têm intenção de mudar seu formato produtivo, há 13 agricultores desse mesmo grupo que diretamente não demonstraram intenção de realizar tal alteração. Novamente, os dados confirmam os resultados expostos na análise dos constructos.

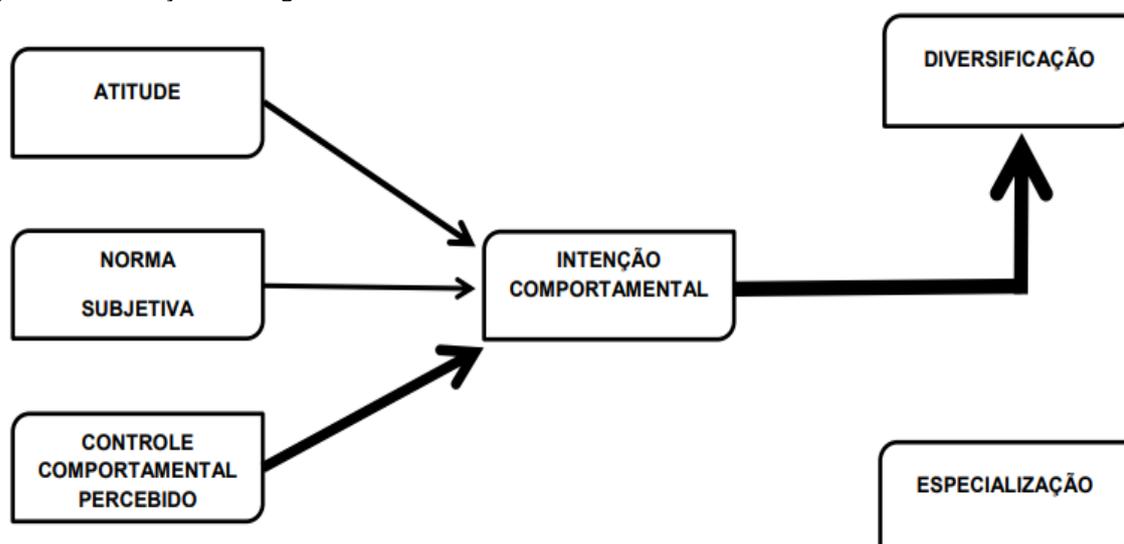
Sendo assim, é possível afirmar que agricultores familiares diversificados estão mais satisfeitos com seu estilo de produção que os agricultores familiares especializados. Portanto, mesmo que seja um pouco mais de um terço, há uma predisposição intencional por parte dos agricultores familiares especializados em mudar seu estilo produtivo. Fatos que levam a tal intenção estão ligados, geralmente, com fatores financeiros, principalmente em ter mais rendas e maior segurança econômica com mais culturas.

#### 4.4 DEFINIÇÃO DA INTENÇÃO COMPORTAMENTAL DOS AGRICULTORES FAMILIARES PELA PERMANÊNCIA OU MUDANÇA DO FORMATO PRODUTIVO

Com base em Ajzen (1991), busca-se neste momento apresentar visualmente a intenção comportamental dos agricultores familiares entrevistados após a tabulação e análise dos dados coletados.

A Figura 51 demonstra que os agricultores familiares diversificados não possuem intenção de mudar seu formato produtivo, bem como, apresenta a significância de cada constructo na formação dessa intenção. É necessário ressaltar que quanto mais expressivo forem as flechas, maior é a intenção e a significância do constructo.

Figura 51 - Intenção dos agricultores familiares diversificados entrevistados



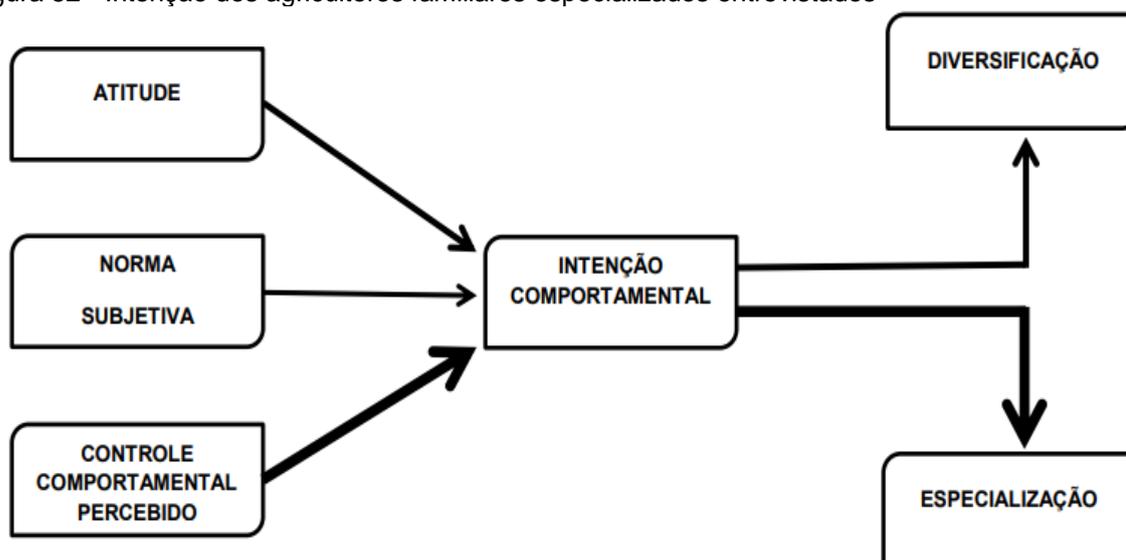
Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Visivelmente a figura demonstra e corrobora com os dados apresentados no decorrer da pesquisa, de que não há nenhuma intenção por parte dos agricultores familiares com a produção diversificada em migrar para a especialização. Ademais, essa intenção está fortemente ligada ao constructo de controle comportamental percebido, e com menos expressão, mas com significância, os constructos de atitude e de norma subjetiva.

A partir desse dado, afirma-se com segurança, que não há intenção por parte dos agricultores familiares em mudar seu estilo produtivo, e essa intenção é formada principalmente pelo constructo de controle comportamental percebido, mas com influência dos constructos de atitude e de norma subjetiva.

A Figura 52 demonstra a mesma significatividade que a figura anterior no que se refere à expressividade dos constructos na formação da intenção dos agricultores familiares especializados, com destaque para o constructo de controle comportamental percebido, seguido, com um pouco de inferioridade, os constructos de atitude e norma subjetiva. O que difere as duas imagens é que há intenção por parte desse grupo de agricultores familiares em mudar sua forma produtiva.

Figura 52 - Intenção dos agricultores familiares especializados entrevistados



Fonte: Elaborada pelo autor (2022).

Mesmo que a expressividade da intenção dos agricultores familiares em se manter no atual formato produtivo seja menor que a dos agricultores familiares diversificados, ela é significativa, pois apresenta-se superior ao quantitativo de agricultores familiares que possuem a intenção de mudar sua forma de produzir.

Novamente, corroborando com os dados apresentados durante esta tese, de que há intenção por parte de uma pequena fatia do grupo de agricultores familiares especializados em mudar seu estilo de produção, entretanto, observando-se que a maioria desses agricultores familiares especializados não tem intenção de migrar para a diversificação.

Por fim, analisando os resultados dos constructos de atitude, normal subjetiva e controle comportamental percebido, além da intenção direta, aponta-se que não há intenção de mudança do atual formato produtivo por parte dos agricultores familiares diversificados, e há, mesmo que com baixa intensidade, intenção por parte dos agricultores familiares especializados. Sendo que o constructo de controle comportamental percebido é o mais significativo nessa intenção, mas não podendo ser ignorado os constructos de atitude e norma subjetiva, mesmo que com menor expressividade, visto que são significativos e importantes nessa tomada de decisão pela mudança produtiva.

Conforme Ajzen (1991), quanto mais favoráveis forem estes três constructos, mais forte deve ser a intenção de um indivíduo manifestar o comportamento analisado. Com essa informação, afirma-se que os entrevistados

diversificados sempre estiveram presentes nas respostas desfavoráveis às mudanças, o que comprova que não têm intenção pela alteração, já alguns entrevistados especializados, em especial os denominados 21, 22, 23, 32, 35, 36, 37 e 39 em quase todos os questionamentos de todos os constructos favoráveis pela alteração estiveram presentes, o que representa forte intenção para alterar o formato produtivo.

## 5 CONCLUSÕES

Com a utilização de métodos adequados chegou-se a resultados que foram capazes de responder ao problema de pesquisa proposto nesta tese, a qual se questionava sobre quais as intenções dos agricultores familiares na tomada de decisão, em outras palavras, se há ou não intenção por parte desses agricultores familiares em mudar seu formato produtivo. Para chegar a tal resposta, utilizou-se da Teoria do Comportamento Planejado, visando a identificar a expressividade dos constructos na intenção comportamental desses agricultores familiares.

A resposta para o questionamento desta tese é: que não há intenção, inclusive com forte expressividade, por parte dos agricultores familiares com diversificação de culturas em mudar para a especialização, e que há intenção de migração para a diversificação de alguns agricultores familiares especializados.

Mesmo que haja intenção em alterar seu formato produtivo por parte de uma fatia dos agricultores familiares especializados, ela é de baixa expressividade. Apesar de observar-se que quase todos os demais agricultores familiares desse grupo em algum momento afirmam ser interessante ter mais culturas, ligado, principalmente, a mais entrada e maior segurança financeira, é alta a expressividade de eles se manterem no atual formato produtivo.

No que se refere aos constructos da Teoria do Comportamento Planejado como formadores da intenção dos agricultores familiares em permanecer ou mudar seu estilo de produção, os três foram expressivos, o de controle comportamental percebido mais expressivo, seguido do constructo de atitude e, por fim, muito semelhante ao de atitude está o constructo de norma subjetiva. Esse resultado equivale tanto para os agricultores familiares que não têm intenção de mudar seu formato produtivo, quanto aos agricultores familiares que possuem a intenção de modificar.

Com isso, conclui-se que os agricultores familiares tanto os diversificados quanto os especializados, no caso deste estudo de permanecer ou mudar seu estilo produtivo, levam em conta ao tomar uma decisão, principalmente, significativamente e primeiramente a sua percepção sobre sua capacidade de realizar tal comportamento. Ainda, não tão expressivamente, analisam as consequências se acaso realizarem o comportamento pretendido, e por fim, levam em consideração o julgamento das outras pessoas ou órgãos sobre tal comportamento.

Conforme a Teoria do Comportamento Planejado que aponta que quanto mais favoráveis forem estes três constructos, mais forte deve ser a intenção de um indivíduo manifestar o comportamento analisado. Dado que se concretizou nesta tese, pois mesmo que nesta pesquisa o constructo de controle comportamental percebido se sobressaiu diante dos outros, os constructos de atitude e norma subjetiva também foram expressivos e significativos, o que corrobora com essa afirmação do criador da teoria.

Com os resultados obtidos, foi possível definir as principais e mais significativas e expressivas variáveis de cada constructo. Dentre o constructo de controle comportamental percebido, o mais significativo na intenção que levou ao resultado de que não há intenção por parte da maioria dos agricultores familiares entrevistados, foi a falta de recursos, sobretudo os humanos, sendo o principal empecilho para tal comportamento, e, significativamente, a falta de conhecimento para trabalhar com o estilo produtivo alheio é outra barreira.

Já no constructo de atitude, a principal proposição elencada para mudar o formato produtivo foi às desvantagens, principalmente, no que se refere a questões financeiras. Os agricultores familiares com intenção de mudar consideram que terão reduções econômicas, por outro lado, os poucos favoráveis pela alteração da produção, consideram que terão mais entradas de rendas.

No constructo de norma subjetiva, os agricultores familiares em sua maioria consideram que não terão apoio de ninguém para mudar seu estilo de produção, ademais, consideram a família como principal grupo de pessoas contrárias em tal decisão. Ainda, consideram que as cooperativas são as mais favoráveis para alterar o estilo de produção em virtude de elas terem a exclusividade como política.

Também foi possível traçar um perfil agricultores entrevistados, sendo os homens nos dois grupos de agricultores familiares a grande maioria dos responsáveis e os administradores das propriedades. Além disso, 50 anos é a idade média tanto dos agricultores familiares diversificados quanto dos especializados. Agricultores especializados possuem áreas maiores que dos diversificados, com média de 58,89 e 23,17 hectares, respectivamente. Já as propriedades diversificadas possuem maior número de trabalhadores que as especializadas, média de 3,45 e 2,53. Os dois grupos de agricultores familiares têm as *commodities* como principais culturas, sendo que os diversificados produzem maior gama de produtos, grande parte ligada ao cotidiano alimentar humano. Por fim, as

cooperativas e as empresas privadas são as principais compradoras da produção de ambos os grupos de agricultores familiares.

Em síntese, a Teoria do Comportamento Planejado foi capaz de medir e apresentar a intenção dos agricultores familiares entrevistados, respondendo ao problema desta tese. Ademais, esta pesquisa trouxe sugestões para trabalhos futuros, entre elas, pode-se indicar a realização de pesquisa com agricultores não familiares para identificar qual a intenção comportamental desses agricultores. Outro aspecto importante versa sobre a relação entre finanças e a intenção comportamental dos agricultores. Destaca-se, ainda, como aprofundamento, as heranças culturais e sua ligação com a intenção comportamental dos agricultores, sendo possível abarcar também a colonização do Oeste do Paraná e sua relação com a intenção comportamental dos agricultores. Por fim sugere-se um estudo acerca das motivações explícitas e implícitas dos agricultores familiares relacionadas à satisfação ou insatisfação com as culturas produzidas.

## 6 REFERÊNCIAS

ABDULAI, A.; CROLEREES, A. Determinants of income diversification amongst rural households in Southern Mali. **Food Policy**, v. 26, 437– 452. 2001.

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo/Rio de Janeiro/Campinas: HUCITEC/ANPOCS/UNICAMP, 1992.

ABRAMOVAY, R. Uma nova extensão para a agricultura familiar. **Anais do Seminário Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. 1997.

AJZEN, I. Attitudes, traits, and actions: dispositional prediction of behavior in personality and social psychology. **Advances in Experimental Social Psychology**, vol. 20, 1987, pages 1-63.

AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational behavior and human decision processes**. Amsterdam, v. 50, n. 2, p. 179 – 211, 1991.

AJZEN, I. Residual Effects of Past on Later Behavior: Habitual and Reasoned Action Perspectives. **Personality and Social Psychology Review**, v. 6, n. 2, p. 107-122, 2002.

AJZEN, I. **Attitudes, personality and behavior**. 2 ed. Maidenhead: Open University Press, 2005.

AJZEN, I. The Theory of Planned Behaviour: reactions and reflections. **Psychology and Health**, v. 26. Ed. 9. 2011. Pages 1113-1127.

AJZEN, I. Martin Fishbein's legacy: the reasoned action approach. **Annals of The American Academy of Political and Social Science**. Vol. 643. Pages 11-27. 2012.

AJZEN, I. The theory of planned behavior: Frequently asked questions. **Wiley Periodicals, Hum Behav & Emerg Tech**. 2020; 2:314–324.

AJZEN, I; CZASCH, C; FLOOD, M. G. From intentions to behavior: implementation intention, commitment and conscientiousness. **Journal of Applied Social Psychology**. Vol. 39. Ed. 6. June. Pages 1356-1372. 2009.

AJZEN, I.; FISHBEIN, M. The prediction of behavioral intentions in a choice situation. **Journal of Experimental Social Psychology**. Vol. 5, Issue 4, October 1969, pages 400-416.

AJZEN, I.; FISHBEIN, M. The prediction of behavior from attitudinal and normative variables. **Journal of Experimental Social Psychology**. Vol. 06. Issue 4, October 1970. Pages 466-487.

AJZEN, I.; FISHBEIN, M. **Belief, attitude, intention and behavior**: An introduction to theory and research. Reading, MA: Addison-Wesley. 1975.

- AJZEN, I; FISHBEIN, M. Attitude-behavior relations: A theoretical analysis and review of empirical research. **Psychological Bulletin**, v. 84, n. 5, p. 888–918. 1977.
- AJZEN, I.; FISHBEIN, M. **Understanding Attitudes and Predicting Social Behaviour**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1980.
- AJZEN, I; FISHBEIN, M; LOHMANN, S; ALBARRACÍN, D. **The influence of attitudes on behavior**. Nova York, 2019.
- AJZEN, I; JOYCE, N; SHEIKH, S; COTE, N. G. Knowledge and the Prediction of Behavior: the role of information accuracy in the Theory of Planned Behavior. **Basic and Applied Social Psychology**, v. 33. Ed. 2, Pages 101-117. 2011.
- AJZEN, I; KRUGLANSKI, A. Reasoned action in the service of goal pursuit. **Psychological Review**, 25 Jul 2019, v. 126, n. 5, p. 774-786.
- AJZEN, I; MADDEN, T. J. Prediction of goal-directed behavior: attitudes, intentions, and perceived behavioral control. **Journal of Experimental Social Psychology**. Vol. 22, Issue 5, September 1986, pages 453-474.
- AJZEN, I; SHEIKH, S. Action versus inaction: anticipated affect in the Theory of Planned Behavior. **Journal of Applied Social Psychology**. vol. 43. ed. 1. January, pages 155-162. 2013.
- AJZEN, I; SHEIKH, S. Action versus inaction: anticipated affect in the theory of planned behavior. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 46, n. 5, p. 313–314, 2016.
- AMARANTE, E. A. L; FÜLBER, V. M; ZONIN, W. J; NOVAKOSKI, R; PLEIN, C. Agricultura familiar e a sustentabilidade: novos arranjos e processos. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 4, n. 7, Edição Especial, p. 4419-4432, nov. 2018.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos de graduação. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- ARIAS, A. I. G; GONZÁLES, I. V; GARCIA, F. S; FRA, M. P. Farm diversification strategies in northwestern Spain: factors affecting transitional pathways. **Land Use Policy**, vol. 49, December 2015, pages 413-425.
- BABIN, B. J; HAIR, J. F; BOLES, J. S. Publishing Research in Marketing Journals Using Structural Equation Modeling. **Marketing Theory & Practice**, v. 16, n. 4, p. 279-285. 2008.
- BALESTRIN, A. Uma análise da contribuição de Herbert Simon para as teorias organizacionais. **READ**. Ed. 28, v. 8, n. 4, Jul - Ago. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- BARBERA, F. L; AJZEN, I. Control Interactions in the Theory of Planned Behavior: Rethinking the Role of Subjective Norm. **Europe's Journal of Psychology**, v. 16, n. 3, 2020.

BARBERA, F. L.; AJZEN, I. Moderating role of perceived behavioral control in the theory of planned behavior: a preregistered study. **Journal of Theoretical Social Psychology**, p. 35-45. 2021.

BARBIERY, C.; MAHONEY, E. Why is diversification an attractive farm adjustment strategy? Insights from Texas farmers and ranchers. **Journal of Rural Studies**, v. 25, n. 1, p. 58 – 66, 2009.

BARROS, G. **Racionalidade e organizações**: um estudo sobre comportamento econômico na obra de Herbet A. Simon. Dissertação. USP. São Paulo - SP, 2004.

BATEMAN, D; RAY, C. Farm pluriactivity and rural policy: some evidence from Wales 1. **J. Rural Stud.** 10, 1–13. 1994.

BATEMAN, T. S; SNELL, S. A. **Administração construindo vantagem competitiva**. São Paulo: Atlas, 1998.

BENJAMIN, C; KIMHI, A. Farm work, off-farm work, and hired farm labour: estimating a discrete-choice model of French farm couples' labour decisions, **European Review of Agricultural Economics, Foundation for the European Review of Agricultural Economics**, vol. 33(2), pages 149-171, June. 2006.

BERG, B. L. **Qualitative research methods for the social sciences**. Boston: Pearson, 2001.

BORGES, J. A. R. **General discussion**. In: BORGES, J. A. R., 2015. The role of psychological factors in the adoption of improved natural grassland by Brazilian cattle farmers in biome pampa. Thesis (PhD Business Economics) Wageningen University, Wageningen, NL. 2015.

BRASIL. **Lei n. 4.504**, de 30 de novembro de 1964. Dispõe sobre o Estatuto da Terra, e dá outras providências. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l4504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4504.htm)>. Acesso em: 14 maio 2021.

BRASIL. **Lei n. 11.326**, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm)>. Acesso em: 2 maio 2021.

BUCHAN, H. F. Ethical Decision Making in the Public Accounting Profession: An Extension of Ajzen's Theory of Planned Behavior. **Journal of Business Ethics**, v. 61, n. 2, p. 165-181. 2005.

BURTON, R. J. F. Reconceptualising the 'behavioural approach' in agricultural studies: a socio-psychological perspective. **Journal of Rural Studies**, v. 20, p. 359–371, 2004.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHAVES, R. Q; MAGALHÃES, A. M; BENEDETTI, O. I. S; BLOS, A. L. F; SILVA, T. N. Tomada de decisão e empreendedorismo rural: um caso da exploração comercial de ovinos de leite. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 6, n. 3, p. 3-21, set./dez. 2010.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: SENAC, 2003.

COLETTI, V. D. **Os agricultores familiares e a construção dos mercados do leite e queijo**: a pequena produção e a qualidade frente à legislação brasileira e europeia. Dissertação. UTFPR. Pato Branco – PR, 2013.

COLOGNESE, S. A; STOFFEL, J. A. **Organização produtiva da agricultura familiar no Oeste do Paraná**. In: Migrações e a construção do Oeste do Paraná. pg. 69-84. Cascavel: Coluna do Saber, 2007.

CRUZ, A. C. S.O; MEDEIROS, A. F. Construção teórico-metodológica de uma pesquisa: uma análise do caminho percorrido. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 17, 2021.

CRUZ, E. P; BARRETO, C. R; FONTANILLAS, C. N. **O processo decisório nas organizações**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

DALCIN, D. O processo de tomada de decisão em agricultores de Boa Vista das Missões - RS. Dissertação. UFSM. Santa Maria - RS, 2010.

DALCIN, D; OLIVEIRA, S. V; TROIAN, A. Gestão rural e a tomada de decisão: estudo de caso no setor oleícola. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 48., 2010, Campo Grande – MS. **Anais**. Campo Grande – MS: SOBER, 2010.

DALTO, C. A; AJZEN, I; KAPLAN, K. J. Self-disclosure and attraction: effects of intimacy and desirability on beliefs and attitudes. **Journal of Research in Personality**, v. 13, Issue 2, June 1979, pages 127-138.

DAXINI, A; RYAN. M; O'DONOGHUE, C; BARNES, A. P; Understanding farmers' intentions to follow a nutrient management plan using the theory of planned behaviour. **Land Use Policy**, vol. 85, June 2019, pages 428-437.

DELGROSSI, M. E; FLORIDO, A. C; RODRIGUES, L. F; OLIVEIRA, M. S. Comunicação de pesquisa: delimitando a agricultura familiar nos censos agropecuários brasileiros. **Revista NECAT**, v. 8, n. 16, p. 40-45, 2019.

DRUCKER, P. **Marketing and economic development**. Boston: Allyn and Bacon, 1973.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139/-154, março/ 2002

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

ELLIS, F. Household strategies and rural livelihood diversification. **Development studies**, London: v. 35, n. 1, p. 1-38, 1998.

ELLIS, F. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford: Oxford University, 2000.

EMBRAPA, Empresa Brasileira De Pesquisa Agropecuária. **Especializar ou diversificar a produção agrícola?** Artigo publicado em 22 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/56702406/artigo-especializar-ou-diversificar-a-producao-agricola>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

ESAU, C. **A tomada de decisão dos agricultores familiares pela diversificação dos meios de vida na microrregião geográfica de Santa Cruz do Sul – RS/Brasil**. Dissertação. UNISC. Santa Cruz do Sul – RS, 2019.

ESCHER, F. **Os assaltos do moinho satânico nos campos e os contra movimentos da agricultura familiar: atores sociais, instituições e desenvolvimento rural no Sudoeste do Paraná**. Dissertação. UFRGS. Porto Alegre – RS, 2011.

FEITOSA, Z. O. **Modelo conceitual das motivações conscientes e não conscientes do comportamento de uso do automóvel com base na Teoria do Comportamento Planejado-TCP**. Tese. UNB. Brasília - DF, 2017.

GARNER, C. A. Uncertainty, human judgment and economic decisions. **Journal of Post Keynesian Economics**, Knoxville, v. IV, n. 3, p. 413-424, Spring, 1982.

GOMES, L. F. A. M; GOMES, C. F. S. **Princípios e métodos para tomada de decisão**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alinea, 2001.

GÖTSCH, E. **Homem e natureza: cultura na agricultura**. Recife: Centro Sabiá, 2000.

GRAZIANO DA SILVA, J. (Coord.) **Estrutura agrária e produção de subsistência na agricultura brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1978.

GREGORY, V. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-70)**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

GUANZIROLI, Carlos et al.: **Agricultura Familiar e Reforma Agrária no Século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

GUIMARAES, A. P. **Quatro séculos de latifúndio**. São Paulo, Paz e Terra, 1963.

HANSSON, H., FERGUSON, R. Factors influencing the strategic decision to further develop dairy production: A study of farmers in central Sweden. **Livestock Science**, v. 135, n. 2-3, p. 110 - 123, 2011.

HANZI, M. Polycultures in the Brazilian drylands: A new version of an old tradition. **Aridlands Newsletter**, n. 48, November/December. 2000.

HEIDEMANN, L. A.; ARAUJO, I. S.; VEIT, E. A. Um referencial teórico-metodológico para o desenvolvimento de pesquisas sobre atitude: a Teoria do Comportamento Planejado de Icek Ajzen. **Rev. Electrón. Investig. Educ. Cienc. [online]**. v. 7, n. 1, p. 22-31. 2012.

HOFFMANN, R.; SERRANO, O.; NEVES, E. M.; THAME, A. C. de M.; ENGLER J. J. de C. **Administração da empresa agrícola**. 7 ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

ILBERY, B. W. Farm diversification as an adjustment strategy on the urban fringe of the West Midlands, **Journal of Rural Studies**, v. 7, n. 3, p. 207 - 218, 1991.

IBGE, Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **IBGE População**. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/populacao>>. Acesso em: 9 abril 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **IBGE População**. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/populacao>>. Acesso em: 2 maio 2021.

IPARDES, Instituto Paranaense De Desenvolvimento Econômico E Social. **Oeste Paranaense: o 3º espaço relevante: especificidades e diversidades**. Curitiba: IPARDES, 2021.

IPARDES, Instituto Paranaense De Desenvolvimento Econômico E Social. **Leituras Regionais**. Curitiba, 2021.

INCRA, Instituto Nacional De Colonização E Reforma Agrária. **Agricultura familiar**. Brasília - DF. Disponível em: <<https://www.gov.br/incra/pt-br>>. Acesso em: 2 maio 2021.

JARVIS, C. B.; MACKENZIE, S. B.; PODSAKOFF, P. M. A critical review of construct indicators and measurement model misspecification in marketing and consumer research. **Journal of Consumer Research**, v. 30, n. 2, p. 199–218, 2003.

KARPUDEWAN, M; ROTH, W. M; SINNIH, D. The role of green chemistry activities in fostering secondary school students' understanding of acid–base concepts and argumentation skills. **Chemistry Education Research and Practice**, v. 17, n. 4, p. 893–901. 2016.

KOLLER, S. H; COUTO, M. C. P; HOHENDORFF, J. V. **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Editora Pensa, 2014.

KRUGER, C; GOULART, C. S; MINELLO, I. F. Atitude empreendedora: uma análise da produção científica no Web of Science no período de 2005 a 2014. **Revista Brasileira de Administração Científica**. Jan, Fev, Mar 2016, v. 7, n. 1, 2016.

LACOMBE, F; HEILBORN, G. **Administração princípios e tendências: liderança e cultura organizacional**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

LAMARCHE, H. (coord.). Introdução geral. In: **A agricultura familiar: comparação internacional**. Vol. I: uma realidade multiforme. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 13-22.

LAMARCHE, H. (coord.). **A agricultura familiar II: do mito à realidade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

LEE, J. CERRETO, F. LEE, J. Theory of Planned Behavior and Teachers' Decisions Regarding Use of Educational Technology. **Educational Technology & Society**, v. 13, p. 152-164. 2010.

**LEI 20.121**. Disponível em: <<https://www.legislacao.pr.gov.br>>. Acesso em: 02 de setembro de 2020.

LIMA, L. S. Contribuição da metodologia na investigação científica. **RACE - Revista de Administração do CESMAC**, v. 9, 2021.

LOZANO, M. A. S. P. L. Ferramentas de gestão e de apoio à tomada de decisão das unidades de agricultura familiar. Dissertação. UFSC. Florianópolis - SC, 2011.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARTINS, E. C. B; SERRALVO, F. A; JOÃO, B. N. Teoria do Comportamento Planejado: uma aplicação no mercado educacional superior. **Gestão & Regionalidade**, v. 30, n. 88, p. 107-122, 2014.

MCNALLY, S. Farm diversification in England and Wales - what can we learn from the farm business survey? **J. Rural Stud.** 17, 247–257. 2001.

MERANER, M; HEIJMAN, W; KUHLMANC, T; FINGER, R. Determinants of farm diversification in the Netherlands. **Land Use Policy**, n. 42, p. 767-780. 2015.

MISHRA, A. K.; EL-OSTA, H. S.; SANDRETTO, C. L. Factors affecting farm Enterprise diversification. **Agricultural Finance Review**, 64, p. 151-166, 2004.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MISHRA, A.K., EL-OSTA, H.S. SANDRETTO, C.L. Factors affecting farm enterprise diversification, **Agricultural Finance Review**, Vol. 64 No. 2, pp. 151-166. 2004.

MOUTINHO, K; ROAZZI, A. As teorias da ação racional e da ação planejada: Relações entre intenções e comportamentos. **Avaliação Psicológica**, v. 9, n. 2, p. 279-287, 2010.

NASCIMENTO, C. A; AQUINO, J. R; DELGROSSI, M. E. Tendências recentes da agricultura familiar no Brasil e o paradoxo da pluriatividade. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 60, n. 3: e240128, 2022.

NATHALL, P; OLD; K. Intuition, the farmers' primary decision process. A review and analysis. **Journal of Rural Studies**, v. 58. 2018, pages 28-38.

NAZZARI, R. K; BERTOLINI, G. R. F; BRANDALISE, L. T. Gestão das unidades artesanais na agricultura familiar: uma experiência no Oeste do Paraná. Cascavel. Edunioeste, 2007.

NODARI, F; SOARES, M. C; WIEDENHOFT, G. C; OLIVEIRA, M. Contribuição do Maxqda e do NVivo para a Realização da Análise de Conteúdo. **XXXVIII Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro, 2014.

NORDER, L. A C. **Mercantilização da agricultura e desenvolvimento territorial**. In: SCHNEIDER, S. (Org.) A diversidade da Agricultura Familiar. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

OLIVEIRA, P. S. (org.). **Metodologia das ciências humanas**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

FAO, Organização Das Nações Unidas Para A Alimentação E A Agricultura. **Agricultura Familiar**. Brasília - DF. Disponível em: <<https://www.fao.org/brasil/pt/>>. Acesso em: 2 maio 2021.

PASQUALOTTO, N. O processo decisório na agricultura familiar: uma análise à luz da Teoria da Contingência. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, v. 9, n. 1, jan/abr, 2017.

PERONDI, M. A; SCHNEIDER, S. Diversificação agrícola e não agrícola da agricultura familiar. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/>>. Acesso em: 22 de setembro de 2019.

PEREIRA, D. P; MEDINA, M. T; MARTINS, A. A. A formação artística em Cabo Verde desenvolvida pela Mindelo - Escola Internacional de Arte: pesquisa aplicada como estratégia de política radical e resistência estética. **Revista Internacional em Língua Portuguesa** - nº 38 – 2020.

PEREIRA, A. S; BIGÓS, L; OLIVEIRA, J. B. **Modelagem de equação estrutural: uma análise com o Smartpls 2.0 M3®**. Passo Fundo: Feac, 2019.

PERONDI, M. A; SCHNEIDER, S. **Diversificação agrícola e não agrícola da agricultura familiar**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/>>. Acesso em: 2 maio 2021.

PFEIFER, C; JONGENEEL, R. A; SONNEVELD, M.P.W; STOOORVOGEL, J.J; Landscape properties as drivers for farm diversification: a Dutch case study. **Land Use Policy** 26, 1106–1115. 2009.

PFLUCK, L.D. **Mapeamento geo-ambiental e planejamento urbano: Marechal Cândido Rondon-PR/1950-1997**. Cascavel. Edunioeste, 2002.

PLOEG, J. D. Van Der. Trajetórias do desenvolvimento rural: pesquisa comparativa internacional. **Sociologias**. Porto Alegre, v. 7, n. 27, p. 114-140, 2011.

PLOEG, J. D. Van Der. Dez qualidades da agricultura familiar. **Revista Agriculturas: cadernos para debates**, v. 1, n. fev. 2014, p. 1–16, 2014. Disponível em: <<http://aspta.org.br/revista/cadernos-para-debate-n1-dez-qualidades-da-agricultura-familiar/>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

PLOEG, J. D. Van Der. **Camponeses e a arte da agricultura: um manifesto chayanoviano**. Porto Alegre/São Paulo, Ed. UFRGS/UNESP, 2016. 196p.

PLOEG, J. D. Van Der; ROEP, D. **Multifunctionality and rural development the actual situation in Europe**. In: HUYLENBROECK, G. Van; DURAND, G. (Eds.), Multifunctional Agriculture. A New Paradigm for European Agriculture and Rural Development. Ashgate, Aldershot, Hampshire, England, p. 37 – 54, 2003.

POLANYI, K. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p. 90.

ROBBINS, S. P.; JUDGE, T. A.; SOBRAL, F. **Comportamento Organizacional: teoria e prática no contexto brasileiro**. 14. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

RODRIGUES, T. D. F. F; OLIVEIRA, G. S; SANTOS, J. A. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 154-174. 2021.

ROMEIRO, A. R. **Meio Ambiente e Dinâmica de Inovações na Agricultura**. São Paulo: AnnaBlume, 1998, 272 p.

ROSA, M. P. O fatalismo no trabalho camponês: da submissão às possibilidades de ruptura. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, p. 1-15, 2020.

ROSA, N. P. D. **Fatores sociopsicológicos que influenciam os produtores da região meio oeste catarinense a adotarem melhorias no sistema de produção de leite à base de pastagem perene**. Tese. UFRGS. Porto Alegre - RS, 2018.

ROSA, M. D; McELWEE. G; SMITH. R. Farm diversification strategies in response to rural policy: a case from rural Italy. **Land Use Policy**, v. 81, February 2019, Pages 291-301.

SAMPAIO, A. L. **Análise do processo decisório na atividade rural: estudo de caso na sojicultura**. Dissertação. UFGD. Dourados – MS, 2013.

SANTOS, D. C. D; BULGACOV, Y. L. M. Prática organizacional de tomada de decisão estratégica: uma contribuição da Teoria da Atividade. **Revista Organizações em Contexto**, v. 17, n. 34, p. 95-121, 2021.

SCARPELLI, M. Planejamento e controle da produção. IN: BATALHA, Mário Otávio. (coord.). **Gestão Agroindustrial**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2001, vol. 1, p. 290 – 380.

SCHÄFFER, C. J. de O. **A diversificação de atividades agrícolas na agricultura familiar do município de Sertão Santana, RS, a partir do programa municipal de incentivo à viticultura**. Monografia. UFRGS. Arroio dos Ratos, 2011, p. 34.

SCHROEDER, L. A; CHAPLIN, S; ISSELSTEIN, J. What influences farmers' acceptance of agri-environment schemes? An ex-post application of the "Theory of Planned Behaviour". **Landbau Forschung**, v. 65, March. ed. 01, 2015, pages 15-28.

SCHNEIDER, S. **Agricultura Familiar e Industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 1999.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, S. **Referências para a elaboração de uma matriz (template) de análise da diversificação da produção em áreas cultivadas com tabaco no Brasil**. Porto Alegre, 2010. (Relatório).

SENGER, I. **Compreensão dos fatores psicológicos que afetam a tomada de decisão dos agricultores familiares na diversificação da produção: uma aplicação da Teoria Do Comportamento Planejado**. Tese. UFRGS. Porto Alegre - RS, 2016.

SENGER, I; BORGES, J. A. R; MACHADO, J. A. D. Using structural equation modeling to identify the psychological factors influencing dairy farmers' intention to diversify agricultural production. **Livestock Science**, 203, 97–105, 2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, A. C. R. **Metodologia de pesquisa aplicada a contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2017.

SILVA, J. R. **Entendendo a intenção de pequenos agricultores rurais em diversificar a produção por meio da piscicultura**. Dissertação. UFGD. Dourados – MS, 2019.

SIMON, H. A. **Models of man: social and rational: mathematical essays on rational human behavior in a social setting**. Nova Iorque: John Wiley e Sons, 1957.

SIMON, H. **A capacidade de decisão e de liderança**. 1ª Ed. Nova York. Harper and Brothers Publishers, 1963.

SIMON, H. **Comportamento administrativo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

SIMON, H. **Comportamento administrativo**: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas. 3.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1979.

SIQUEIRA, E. S; BINOTTO, E; OLIVEIRA, A. B. B; SILVA, R. A; FILHO, V. S; BUNSIT, T. Management in family farming: evidences from settlements. **Revista Administração**, UFSM, Santa Maria, v. 14, n. 4, October - December, p. 888-906, 2021.

SMITH, R; MCELWEE, G; SOMORVILLER, P. Illegal diversification strategies in the farming community from a UK perspective. **Journal of Rural Studies**. Vol. 53, July 2017, pages 122-131.

SOK, J; BORGES, J. R; SCHMIDT, P; AJZEN, I. Farmer behaviour as reasoned action: A critical review of research with the theory of planned behaviour. **Journal of Agricultural Economics**, 2020.

SPIEGEL, T; CAULLIRAUX, H. M. A tomada de decisão diante da racionalidade limitada: revisão da literatura. **Revista Ciência e Cognição**, v. 18, n. 2, 2017.

STEINMETZ, H; KNAPPSTEIN, M; AJZEN, I; SCMIDT, P; KABST, R. How efetive are behavior change interventions based on the Theory of Planned Behavior? A Thee-Level Meta-Analysis. **Journal of Psychology**, v. 224, Ed. 3. Pages 215-233. 2016.

STOFEL, J. A; COLOGNESE, S. A. **Formas de organização produtiva da pequena produção agrícola familiar no Oeste do Paraná**: potencialidades e obstáculos. In Cadernos de Economia, pg. 24-52. Chapecó: Argos, 2005, Ano 9, nº 16, jan/jul.

TURNER, M.; WHITEHEAD, D.; BARR, D.; FOGERTY, M.; ERRINGTON, A.; LOBLEY, M.; REED, M. **Farm Diversification Activities: Benchmarking Study 2002**. Final Report by the Universities of Exeter and Plymouth to Defra. CRR Research Report 4. Exeter, University of Exeter. 2003. Retrieved online on Aug. 20, 2015. Disponível em: <https://socialsciences.exeter.ac.uk/.2003>. Acesso em: 2 maio 2021.

VEIGA, J. E. **O desenvolvimento agrícola**. São Paulo: Editora USP/HUCITEC, 1991.

VEIGA, J. E. **O desenvolvimento agrícola**: uma visão histórica. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

VALLIANT, J. C. D; FARMER, J. R; DICKINSON, S. L; BRUCE, A. B; ROBINSON, J. M. Family as a catalyst in farms' diversifying agricultural products: A mixed methods analysis of diversified and non-diversified farms in Indiana, Michigan and Ohio. **Journal of Rural Studies**, v. 55, 2017, 303-315.

VANDERLINDE, T; GREGORY, V; DEITOS; N. J. (org.). **Migrações e a construção do oeste do Paraná: século XXI em perspectiva**. Cascavel: Coluna do saber, 2007.

VILKAS, M. **Determinantes da tomada de decisão sobre as atividades produtivas rurais: proposta de um modelo para a produção familiar**. Dissertação. UFSCar. São Carlos - SP, 2004.

VIK, J; MCELWEE, G. Diversification and the entrepreneurial motivations of farmers in Norway. **Journal of Small Business Management** 49(3): 390-410, 2011.

WELTIN, M; ZASADA, I; FRANKE, C; PIORR, A; RAGGI, M; VIAGGI, D. Analysing behavioural differences of farm households: an example of income diversification strategies based on European farm survey data. **Land Use Policy**, v. 62, March 2017, pages 172-184.

WILLOCK, J.; DEARY, I. J.; EDWARDS-JONES, G.; GIBSON, G. J.; MCGREGOR, M. J.; SUTHERLAND, A.; DENT, J. B.; MORGAN, O.; GRIEVE, R. The Role of Attitudes and Objectives in Farmer Decision Making: Business and Environmentally Oriented Behaviour in Scotland. **Journal of Agrincural Economics**, v. 50, n. 2, p. 286 – 303, 1999a.

WILLOCK, J.; DEARY, I. J.; MCGREGOR, M. M.; SUTHERLAND, A.; EDWARDSJONES, G.; MORGAN, O.; DENT, B.; GRIEVE, R.; GIBSON, G.; AUSTIN, E. Farmers' Attitudes, Objectives, Behaviors, and Personality Traits: The Edinburgh Study of Decision Making on Farms. **Journal of Vocational Behavior**, v. 54, n. 1, p. 5-36, 1999b.

WILSON, P; HASPER, N; DARLING, R. Explaining variation in farm and farm business performance in respect to farmer behavioural segmentation analysis: implications for land use policies. **Land Use Policy**, v. 30, Issue 1, January 2013, pages 147-156.



**2. INTENÇÃO:**

2.1 O que motivou você a especializar/diversificar a produção agrícola na sua propriedade? \_\_\_\_\_

---

---

2.2 Você tem intenção de especializar/diversificar a produção agrícola na sua propriedade? \_\_\_\_\_

---

---

2.3 Em algum momento, você já pensou em especializar/diversificar a produção agrícola em sua propriedade? \_\_\_\_\_

---

---

2.4 Financeiramente você acha que será vantajoso especializar/diversificar a sua produção agrícola? \_\_\_\_\_

---

---

2.5 Você está satisfeito com seu formato de produção agrícola? \_\_\_\_\_

---

---

**3. CONSTRUCTO DE ATITUDE:**

3.1 Como você avalia a ideia de especialização/diversificação da produção agrícola na sua propriedade? \_\_\_\_\_

---

---

3.2 Como você considera a necessidade da especialização/diversificação da produção agrícola na sua propriedade? \_\_\_\_\_

---

---

3.3 Você considera vantajosa a especialização/diversificação da produção agrícola na sua propriedade? \_\_\_\_\_

---

---

3.4 Você considera que a especialização/diversificação da produção agrícola na sua propriedade é possível? \_\_\_\_\_

---

---

3.5 Em sua opinião, quais serão as principais consequências se acaso você especializar/diversificar sua produção agrícola? \_\_\_\_\_

---

---

#### **4. CONSTRUCTO DE NORMA SUBJETIVA:**

4.1 Você se importa com o que as pessoas pensam sobre suas decisões? \_\_\_\_\_

---

---

4.2 O que você acha que os outros (pessoas ou órgãos) pensarão se você especializar/diversificar sua produção agrícola? \_\_\_\_\_

---

---

4.3 Quem são as pessoas ou órgãos que você acha que apoiarão você se decidir especializar/diversificar sua produção agrícola? \_\_\_\_\_

---

---

4.4 Quem são as pessoas ou órgãos que você acha que não apoiarão se você decidir especializar/diversificar sua produção agrícola? \_\_\_\_\_

---

---

4.5 Quem são as pessoas ou órgãos que você consultará e ouvirá a opinião se você decidir especializar/diversificar sua produção agrícola? \_\_\_\_\_

---

---

**5. CONSTRUCTO DE CONTROLE COMPORTAMENTAL PERCEBIDO**

5.1 Você acredita que tem capacidade para especializar/diversificar sua produção agrícola? \_\_\_\_\_

---

---

5.2 Você possui conhecimento suficiente para especializar/diversificar a produção agrícola em sua propriedade? \_\_\_\_\_

---

---

5.3 Você tem recursos suficientes (humanos, patrimoniais, tecnológicos, financeiros e materiais) caso decida especializar/diversificar a sua produção agrícola em sua propriedade? \_\_\_\_\_

---

---

5.4 Quão confiante você se sente para especializar/diversificar a produção agrícola na sua propriedade? \_\_\_\_\_

---

---

5.5 Quais são os desafios e as facilidades que você terá se especializar/diversificar sua produção agrícola? \_\_\_\_\_

---

---

Observações e outras informações relevantes: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---